

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

" O SERTÃO NA PALAVRA DO SERTANEJO "

por

José Clementino da Silva

**Encadernado com a colaboração
da Área de Pós-Graduação em
Geografia HUMANA
GESTÃO: junho/95-maio/97**

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Geografia
Humana**

Orientação: Profª Drª Odette Carvalho de Lima Seabra

São Paulo, fevereiro de 1992

RESUMO:

O que ora apresento trata-se de "uma caracterização do Sertão", articulando um entendimento de sentido desta área do espaço brasileiro a partir da visão do seu habitante, aqui vista como informações do senso comum numa primeira apresentação da realidade. Na busca de sentido para o Sertão empreendo uma discussão sobre "o lugar", categoria de fundamental importância para a Geografia, partindo das informações do senso comum e a seguir procuro entendê-lo como mito que se constrói dia a dia baseado em informações de cunho técnico-científico e da própria experiência da vida cotidiana; seguindo trato do espaço sertanejo em si enquanto representação contida em informações preliminares de seus habitantes, em especial daqueles que se deixaram ouvir; a partir destas representações trato da estigmatização do espaço através da efetivação dos lugares; tentando articular o lugar no espaço valho-me de Cajazeiras, na Paraíba, como exemplo; incitado pelas discussões anteriores estudo o enfrentamento dos problemas relativos a estrutura total do espaço considerado e por fim vejo as sugestões de resoluções dos estudiosos da área e da população .

UNITERMOS: LUGAR, SERTÃO, MITO, SECA, NORDESTE, SOFRIMENTO

ÍNDICE

I	=	APRESENTANDO A PROPOSTA	1
II	-	ANTE O MÉTODO E A EXPRESSÃO COTIDIANA	11
III	-	O LUGAR DO HOMEM E O HOMEM NO LUGAR	21
		1. COMENTANDO "O LUGAR" COMO FALA	25
		2. TEORIZANDO PELAS SITUACÕES PRESENTES DE VIDA	31
IV	-	REPRESENTAÇÕES DE UM LUGAR: "O SERTÃO"	39
		1. FORMALIZANDO A QUESTÃO SERTÃO	44
		2. SECA E CONCEITO DE SERTÃO	49
V	-	ESTIGMATIZAÇÃO DO ESPACO	60
VI	-	UM SIGNO DO SERTÃO: CAJAZEIRAS - PB	77
		1. APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS	79
		2. CAJAZEIRAS NA PERSPECTIVA DO SENSO COMUM	95
		2.1. OCUPAÇÃO DO ESPACO E CONSEQUEN- CIAS	100
		2.2. A TERRA, A CIDADE E AS MIGRAÇÕES	114
VII	-	RESISTENCIA E PERSPECTIVAS DE MUDANCAS	128
VIII	-	INTEGRANDO O TEXTO-DISCURSO	143
IX	-	BIBLIOGRAFIA	147

AGRADECIMENTOS

A Profª Drª Odette Carvalho de Lima Seabra, minha orientadora que possibilitou através da interlocução e contribuições necessárias num debate constante e fecundo a realização desta aventura intelectual;

A Profª Maria do Socorro Paulino cuja colaboração foi de fundamental importância na realização da pesquisa de campo;

Aos colegas do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal da Paraíba pelo estímulo e apoio;

Aos meus ex-alunos, hoje colegas, pelos fecundos debates e questionamentos;

Ao Programa PICD/CAPES pelo apoio financeiro durante a realização dos cursos para obtenção dos créditos;

Ao Prof. Dr. João Bosco Batista Lacerda pela gentileza e boa vontade com que sempre me ajudou no suporte computacional para a confecção desta dissertação;

Ao Dr. Joab de Sousa Sales pelas sugestões e compreensão, bem como o apoio emocional e de moradia durante o período em que estive envolvido neste projeto;

Ao Dr. Francisco Gutemberg Cardoso de Oliveira pela remessa constante de material bibliográfico e discussões pertinentes;

Ao Dr. Eduardo Jorge Cesar Guedes e esposa Drª Geruza pela compreensão e aposta na consecução do presente trabalho;

A minha família pelo estímulo e carinho que sempre me dedicou, abdicando por mais das vezes da minha presença física em favor dos meus projetos intelectuais;

Ao companheiro Paulo Sergio Jacob de Carvalho pela presença constante na datilografia, transcrição de fitas e sobretudo pelo carinho e atenção;

Aos meus amigos que são tantos e por isso torna-se impossível enumerá-los neste espaço, pelo afeto e amor com que sempre me tiveram;

Enfim, pela existência do Sertão e do sertanejo, torcendo para que a realidade aqui trabalhada transforme-se e dias melhores aconteçam.

Em memória do meu pai
João Clementino da Silva

I - APRESENTANDO A PROPOSTA:

O trabalho a seguir se propõe a fazer "uma caracterização do Sertão". Várias são as motivações que me levaram a efetuar-la, dentre as quais enumero as seguintes:

1. No Sertão é corriqueira a idéia de que o tempo não passa e a realidade apresenta-se sob formas de repetições dando-nos a sensação de estarmos vivendo sempre as mesmas situações, pelo menos para a grande parcela da população. O estranhamento desta constatação é que verificamos já se ter tentado diversas "soluções" e olhando superficialmente "parece nada dar certo". Então, um dos meus propósitos é conseguir entender porque isto acontece e se é realmente verdade absoluta o "nada dar certo";
2. Outra questão que me leva neste esforço é a constatação de que existe uma distância entre o que propõe os "técnicos-cientistas" e o que a população, verdadeira executora destas proposições de interferência na realidade no sentido de adequá-la a um sistema produtivo de mercado, necessita e requer. Parece-me que esta distância se dá na medida em que as decisões são tomadas sem se levar em consideração o que pensa a população sobre a realidade em que está inserida. Ou seja, tudo indica que existe uma grande distância entre o que se sugere à população por aqueles que pensam o espaço sertanejo atendendo as exigências do Estado nas esferas de atuação local, regional e federal e aquilo que o sertanejo deseja e necessita. Isto pude constatar em conversas com pequenos agricultores que tem uma espécie de assistência educacional e

técnica da EMATER-PE. O que pude ver é que depois deles assistirem as palestras e exposições sobre como se utilizar melhor a terra, embora na hora mostrassem uma predisposição para aceitá-las, no dia seguinte voltava-se tudo a como era antes. O que quer dizer: os técnicos e educadores: "choviam no molhado", indicando-me que algo não estava funcionando. Instigado por esta observação comecei a me deter em ver porque este fato acontecia e qual não foi meu espanto quando comprovei esta hipótese que já me ocorria mesmo antes de fazer um inquérito, que era esta distância entre o que a população aceita tendo em vista uma prática secular daquilo que os técnicos investidos de "sabes-tudo" impunham a título de novidade desconsiderando toda uma vivência no campo e na cidade;

3. E não me resta dúvidas de que a realidade sertaneja por si só justifica toda e qualquer tentativa para buscar compreendê-la, num trabalho de desvendamento que procure tratá-la de forma particularizada. Pude constatar ao longo deste trabalho quanto é pobre a bibliografia existente sobre a realidade Sertão em si, e se encontramos algum material este sempre se refere ao Nordeste na sua totalidade e nunca especificamente sobre Sertão, daí que me inquieta entender o significado desta realidade e o que ela sugere a nível de conjuntura.

Estas são algumas inquietações dentre tantas outras que me estimularam a envereder nesta aventura de buscar entender o "sentido do Sertão" enquanto particularidade no espaço brasileiro.

Objetivando caracterizar uma área, exercício tradicional na prática geográfica aqui entendida como um trabalho regional, entendi por bem considerar a "fala" do sertanejo, compreendida nos limites deste trabalho como o senso comum do espaço tratado, que deverá ser levado em consideração como ponto central na nossa discussão. Ou seja, é meu propósito buscar entender a lógica da explicação do senso comum para a realidade sertaneja. Não me cabe efetuar aqui uma crítica no sentido do certo e do errado tendo em vista os meus parâmetros de compreensão da vida, mas antes de procurar trilhar os caminhos da lógica que consigo detectar na explicação do real que o senso comum articula. Para entender a fala do sertanejo faz-se necessário que procedamos a análises que terão suporte em trabalhos sistematizados que articulam um discurso para a compreensão da área. Então, constantemente estarei recorrendo a tais fontes a fim de entender a fala e explicá-la, dentro da sua lógica.

Desta forma o trabalho que aqui apresento deve ser entendido como um esforço de caracterizar uma área do espaço brasileiro a partir da visão do seu habitante; no que ele dispunha no momento a nível de informação da sua realidade, informação esta compreendida nos limites do vivido e articulada para os propósitos das relações cotidianas.

Não conheço no campo da Geografia uma preocupação de considerar o senso comum como fonte direta para o seu trabalho de reflexão em torno do espaço. É certo que na prática geográfica a observação dos fatos e das relações é rotina, e talvez nesta fase do trabalho esteja contemplada a consideração em torno do senso comum, todavia, num envolvimento

direto, não consigo vislumbrar trabalhos onde a categoria principal seja o senso comum.

Quando tomo o senso comum como referência principal deste trabalho que incorpora-se na prática geográfica de análise do lugar estou entendendo que este:

"... é a simples aceitação do mundo, dos seus objetos e dos seus processos exatamente como se apresentam, como parecem ser o que é chamado, às vezes, de realismo ingênuo - e o motivo pragmático, o desejo de atuar sobre esse mundo de forma a dirigi-lo para seus propósitos práticos, dominá-lo ou, na medida em que isto se torna impossível, ajustar-se a ele."

(GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1989, p. 127)

Por aí dá para entendermos que o senso comum de acordo com tal reflexão trata da esfera eminentemente prática de envolvimento dos indivíduos com o seu mundo. Se a prática proporciona a que mudemos alguma coisa na ordem dos acontecimentos procuramos instantaneamente atuar para tal, se não o que importa é que aceitemos a ordem dos fatos a fim de que tenhamos assento no mundo que exige medidas práticas de vivência.

Por outro lado,

"(O senso comum)... é estranhamente eclético; ele contém elementos da Idade da Pedra e princípios de uma ciência mais adiantada, preconceitos de todas as fases passadas da história a nível local e intuições de uma futura filoso-

fia que será a da raça humana unida mundialmente."

(GRAMSCI, citado por Stuart Hall e outros. Artigo: Política e Ideologia: Gramsci, in: Da Ideologia, Org. Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, 2a. ed., Zahar editores, RJ, 1983, p. 66)

Esta configuração que GRAMSCI nos faz do senso comum apresenta elementos que o compõe onde consigo vislumbrar como de maior importância a percepção de que o senso comum é extremamente variado de elementos encontrando-se nele desde aqueles já superados e que se arraigam por questões culturais até aqueles mais atuais que se apresentam como dados do real. Então, temos uma "miscelânea" de elementos que possibilitam por sua vez relações caracteristicamente variadas e ditadas por interesses imediatos. Mas, o que me chama mais a atenção é que apesar do ecletismo da-nos uma idéia de imobilidade das relações e eventos, pela própria natureza da vida, já no senso comum podemos encontrar elementos que vislumbrem um futuro.

Vejo diferenças entre estas duas formas de apresentação desta categoria. GEERTZ nos sugere muito mais do comportamento pessoal ante a realidade da vida ficando num nível de resoluções práticas, enquanto GRAMSCI acha-se preocupado em saber dos elementos que compõem o senso comum e de onde se originam, mas nenhum dos dois confere graus de compreensão da realidade ao senso comum.

ARENDT por sua vez consegue detectar no senso comum a possibilidade de compreensão da realidade visto que ele propugna-se num ritmo político nas decisões de rotina cotidiana. Ele move a humanidade tecendo o roteiro do dia a

dia numa negociação constante e orienta a reflexão posterior aos atos, por isto ele é de importância fundamental numa análise política.

"O único atributo do mundo que nos permite avaliar sua realidade é o fato de ser comum a todos nós; se o senso comum tem posição tão alta na hierarquia das qualidades políticas, é que é o único fator que ajusta à realidade global os nossos cinco sentidos estritamente individuais e os dados rigorosamente particulares que eles registram. Graças ao senso comum, é possível saber que as outras percepções sensoriais mostram a realidade e não são meras irritações de nossos nervos, nem sensações de reação de nosso corpo. Em qualquer comunidade, portanto, o declínio perceptível do senso comum e o visível recrudescimento da superstição e da credulidade constituem sinais inconfundíveis de alienação em relação ao mundo."

(ARENDETT, Hannah. A Condição Humana. Forense, RJ, 1981, p. 211)

Desta forma temos que o senso comum atua como intuição e é altamente funcional na proporção em que ele faculta a existência de um mundo só e comum, embora as percepções sejam altamente subjetivas ante a realidade comum que ele permite existir.

O trabalho que ora apresento considera que o senso comum pauta-se por um entendimento da vida, uma sensação apriorística que possibilita a sua aceitação, todavia já dando a perceber um inquietamento quando este passa a conformar-se num quadro de política cotidiana, pretendida como negociação

para as situações concretas exigentes de respostas imediatas. Certamente o que mais me importa é que o senso comum é acúmulo de experiência de todos os tempos e ordens e que compõe-se como arsenal prático de viabilidade das rotinas, portanto, denotador da condição de acesso a realidade mais trabalhada a nível de pensamento mais organizado, ou seja, constitui um passo para o discernimento mais seguro num leque de juízos pertinentes.

Sendo minha pretensão efetuar uma caracterização do Sertão a partir do seu habitante, possibilitando daí a construir um quadro de referência simbólica na regência das relações que aí se estabelecem, naturalmente custa-me caro a generalização tendo em vista as peculiaridades dentro da própria área, portanto impossibilita-me o tratamento generalizado, enquanto fenômeno único. Portanto, delimitei o município de Cajazeiras na Paraíba, mais conhecido como Sertão de Cajazeiras, como local de estudo e de reflexão para os objetivos a que me proponho. Objetivamente o que intento é construir simbolicamente o Sertão de Cajazeiras me valendo conseqüentemente do Senso Comum para concretizar tal intento.

A efetuação da pesquisa envolveu basicamente entrevistas, tendo em comum temas que serão assumidos neste trabalho como categorias explicativas: lugar, Sertão, Cajazeiras, mudança. Foram realizadas 48 entrevistas na feira da cidade que acontece aos sábados, no período de janeiro a março de 1991, que aqui são entendidas como informações do senso comum com o intuito de poder articular o universo imaginário do Sertão, como primeira explicação para a realidade que aí se vivencia. Além destas entrevistas me vali

da excassa bibliografia existente sobre a área, bem como procedi a conversas informais que foram por demais gratificantes, porque além da possibilidade de conseguir "in locu" discutir com a população, pude observar mais atentamente na condição de pesquisador a vida do sertanejo. Apesar de ser da área e de nela exercer meu ofício, as vezes a gente se imbuí tanto dela que não consegue perceber o óbvio. Acredito que no decorrer da exposição ficará explícito o envolvimento do pesquisador com o pesquisado. Isto, no caso presente, foi proposital porque entendo que no momento em que me envolvo numa pesquisa, também passo a fazer parte do seu conjunto de estudo, portanto, a minha fala também deve ser entendida como fala do sertanejo num esforço de evidenciar pela fala de outros uma realidade que se dá a perceber e que também é vivenciada pelo pesquisador.

Buscando fazer a construção deste universo simbólico que é o Sertão com o intuito de caracterizá-lo particularizando-o no espaço brasileiro o trabalho acha-se organizado e distribuído da seguinte forma:

1. Faço algumas considerações de cunho altamente individual sobre como vejo o trabalho intelectual e suas repercussões cotidianas. Esta discussão se prende a colocar idéias que me assolam em virtude de uma reflexão constante em torno do método de trabalho e o que este tem de influenciador nas perspectivas do dia a dia; são sugestões idealizadas a partir de leituras sistematizadas e as informações veiculadas no cotidiano;

2. Empreendo uma discussão sobre a categoria lugar que entendo de fundamental importância para o estudo geográfico. Ela

inicia-se pelas sugestões do senso comum e a seguir busco entendê-la sob o prisma da teorização presente a nível da disciplina, procurando ver como estas opiniões se articulam a partir de uma vivência onde os elementos científicos também se incorporam às noções do senso comum;

3. Parto para o tratamento do lugar enquanto representação de significados e a vivência destes enquanto "verdades", buscando sentido de explicação para a formulação Sertão;

4. Tentando articular o lugar enquanto representação simbólica construída socialmente caminho no sentido de tratar da estigmatização do espaço a partir da vivência nos lugares. Vejo a estigmatização como trabalho organizado calcado nas idéias excludentes do bem e do mal que regem o esquadrinamento do espaço nas perspectivas do viável e do inviável;

5. Procurando exemplificar um lugar no espaço me valho da cidade de Cajazeiras sobre a qual faço um estudo tentando entendê-la como signo que possibilita fazer uma leitura restrita do Sertão;

6. Estimulado pelas discussões anteriores, teço comentários a respeito dos movimentos de resistência que provam que no real a realidade sertaneja não é tão monôtona quanto parece numa primeira observação, culminando com as sugestões do senso comum e de pensadores que trataram deste espaço no sentido de viabilizá-lo num projeto que garanta a vida.

Devo advertir que o trabalho seguinte além de ser guiado pela pesquisa que empreendi, ele é resultante da minha experiência na área e denota todo um estilo de ser e fazer. Por isto, procurei seguir a intuição que a fala me dava

a proporção que ia organizando e construindo a redação em função dos aspectos que considere mais pertinentes nelas. É uma redação que se pretende articulada no fazer-se e portanto por mais das vezes certas questões são tratadas em vários momentos na medida em que comentários iam sendo exigidos. Desta forma, não temos um trabalho que se possa configurar ortodoxo no sentido da organização e na forma de escrever, mas que deixou-se fluir na medida que as idéias iam aparecendo sugeridas pelas falas. Assim, temos uma redação que não pode ser compreendida pelas partes mas sugerem uma caracterização do Sertão no seu todo.

A consciência principal que me move na apresentação deste trabalho é que a realidade aqui tratada pode muito bem ser trabalhada de outras formas e talvez com resultados mais "precisos". Todavia, dentro do que pretendo que é a dispensa total de ser o dono da verdade ou de na minha análise apresentar soluções "indiscutíveis", considero-me por ora satisfeito com os resultados obtidos. E mais que tudo o que aqui é apresentado como resultado para mim soa como um começo no aprofundamento das questões propostas e as que surgiram no decorrer de meu trabalho de entendimento.

II - ANTE MÉTODO E A EXPRESSÃO COTIDIANA:

Num trabalho que objetiva considerar o senso comum como ponto de análise em busca de sentido para uma dada realidade, neste caso o Sertão, faz-se necessário antes que enveredemos nesta minha tarefa, que coloque algumas considerações concernentes a questão metodológica, bem como o entendimento que tenho sobre ciência e suas manifestações notadamente nos nossos dias a fim de que nos situemos num leque opcional de pesquisa. Faz-se necessário também que esclareçamos que não objetivo realizar um julgamento de valor no sentido do certo e do errado contido nas expressões do senso comum na sua "explicação" da realidade, mas antes de tudo que procuro compreender como se dá esta articulação apriorística de entendimento dos fatos do real a partir dos seus pontos de vista e na observação da vivência do lugar. Para tanto, faço a seguir comentários relativos ao trabalho científico na contemporaneidade. Trato aqui ciência na totalidade de seus aspectos e não em casos particulares ditados pela especialização do trabalho intelectual.

Inicialmente gostaria de colocar alguns pressupostos que me guiam na perspectiva de pesquisador frente a vida cotidiana. Primeiro, entendo como essencial na minha discussão a consideração do espaço que no caso presente deixa-se entender como o óbvio que se põe como aparência a ser discernida. Como conteúdo de fenômeno a ser entendido. Faz parte também deste entendimento em se ter o espaço como arquitetura moldada a partir das relações sociais que nele se

estabelecem, portanto, dado a transformações rotineiras e constantes seja em que nível de escala observemos a vida.

Dessa forma temos a entender que a condição natural da vida é a sua transformação, ocasionada pela existência de movimentos que são impulsionados por forças divergentes, possibilitando a que estejamos sempre em busca de equilíbrio, dando por conseguinte que estamos em processo constante de adaptação ante os novos fatos evidenciados na vida nascidos na busca de equilíbrio.

Entendo que o trabalho intelectual justificado pela exigência de respostas à vida se coloca como um processo que suporta o acúmulo de experiências, calcados num fazer histórico e social. O que quer dizer que o fazer-científico surge em virtude do necessário entrosamento homem e natureza, sempre pensando na possibilidade de facilitar-lhe a vida.

Até aqui fiquei no pensamento e na constatação empírica da natureza e das relações que por ela se estabelecem assumindo um cunho social animando a vida no planeta Terra. Desde que assim penso, aponto para a necessidade de procurarmos entender as questões que nos são constatemente postas como componentes de um processo, tentando verificar os movimentos que o alimentam, as forças que os produzem e as transformações deles resultantes, quando ai poderemos fazer um corte abstrato da e na realidade, para efeito de verificações de partes, já que é impossível supor a paralisia do processo como um todo.

Sugiro que mesmo que atentemos para a possibilidade de se trabalhar qualquer questão sob esta ótica, que as abordagens assumam características de abordagens e não

fechem questão. A velocidade com que as mudanças presentemente tem ocorrido sugere a que os dogmas científicos sejam abandonados, vez que para o mesmo problema, diversas soluções e caminhos aparecem dentro de possibilidades infinitas e não se pode fechar-se à possibilidade do novo, mesmo que este no momento nos meta medo. Se observarmos o significado de interferência e manipulação dos dados do real que o trabalho teórico exhibe na justificativa de diversas soluções ou mesmo propalando novos rumos, poderemos "fechar o processo" e quase nada ou pouco nos restaria ao reesboço das situações histórico-concretas que de um segundo a outro já não são as mesmas. O comentário vem a propósito da constatação de que a sociedade anda mais veloz do que o estudo que se faz deste movimento. Assim, por mais das vezes a ciência vai a reboque do movimento da sociedade. Aqui cabe fazer uma distinção em função de práticas distintas no âmbito das disciplinas. Assim vejo que as disciplinas de "ordem prática" por mais das vezes adianta e manipula esta movimentação por contar com fatores que lhe são requeridos frutos de uma exigência de regulação normativa, sempre com a desculpa de facilitar a vida; enquanto que as disciplinas que atuam na perspectiva do humano procuram efetuar um trabalho de compreensão do movimento da sociedade para tentar explicá-lo satisfazendo assim a "possibilidade de controle" dos eventos, e portanto estão fadadas a normalmente irem buscando acompanhar o ritmo das transformações de uma certa distância.

Concordamos com José Carlos Rodrigues quando diz que a ciência só faz realmente ciência quando divulga a consciência da acientificidade de suas proposições. O que nos

indica que devemos estar atentos e abertos para as constantes mudanças de ritmos, qualidade e quantidade das transformações que ocorrem em nosso meio¹

Tenho tido especial interesse em conseguir, dado o questionamento presente dos trabalhos das academias, entender onde temos um domínio do senso comum e onde se começa a fazer ciência, ainda mais agora tido como um período da informação. Até agora a discussão que tenho acompanhado não me esclarece vez que oferece as sugestões de que a solução do problema se dá na medida em que a ciência busca captar a verdade do processo, através de um método que se funda numa forma de organização e toda uma série de justificativas que me dão um quadro positivista para a razão de ser da ciência. Alegar a busca da verdade da vida como o trabalho mais específico para a ciência é ignorar o mundo da informação onde vivemos porque também o senso comum a procura e por isso nem sempre se satisfaz, renovando-se continuamente. Além do mais a verdade todos procuramos, cientistas ou não, embora nunca a alcancemos em definitivo. Então, esta alegação não se justifica por si, embora seja um bom argumento já que impõe que a ciência teria vias mais apropriadas para rondá-la. Por aí entendo que a separação entre ciência e senso comum é que este se dá por satisfeito com a simples representação da realidade tal qual ela aparenta ser, enquanto a ciência por possuir um arsenal teórico e discursivo tem possibilidades de ir além do seu próprio discurso desnudando conseqüentemente a

¹ - RODRIGUES, José Carlos, (1988) Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais, Espaço e Tempo, RJ.

realidade que para o senso comum em várias situações e momentos basta.

O propósito desta colocação é a constatação da predominância do desejo de cada homem e de toda humanidade em se ter um domínio holístico da vida. E este desejo se vê realidade na medida em que o homem tem mostrado interesse em conseguir um contato menos misterioso e distante com seu universo. Atualmente, sente-se que a pessoa mais desinformada, se é que realmente existe desinformação de fato, pois de vez que "não tenho" informações sobre uma série de questões, outros também não teriam ou teriam sobre outros acontecimentos que "me" são desconhecidos, mantém acesa a chama do avançar sempre.

Presentemente temos vivenciado um bonbordaio de informações de toda ordem, que se por mais das vezes tratam de desvirtuar a essência dos fatos, por outra, alimentam uma vontade de ir-se a fundo na busca de uma compreensão, quando se tenta ir além do senso comum. Ou seja, constitui-se material para a reflexão cotidiana. E não raro são os momentos em que nos lamentamos: estamos metidos numa "tremenda crise". Confesso que a sensação é repugnante e desesperadora, principalmente quando este estado de crise nos sugere o "caos". Todavia, a existência da crise, sua manifestação no nosso cotidiano sempre esteve presente, e só recentemente nos demos conta do mesmo e geramos questões do tipo: onde estamos? para onde iremos? A crise é patente, existe, convivemos com ela a vida toda e se não a enfrentamos concretamente, devemos ao nosso escrúpulo científico que mergulha sempre numa ordem em busca da ordem e da normalidade. Aqui chamo escrúpulo

científico àquele tipo de trabalho que pondera para a manutenção de controle sobre todos os eventos e quando algo acontece fora do previsto constata-se então que mergulhamos numa crise. Ou seja, a crise não é ponto de partida para suas análises, antes constitui empecilho à atividade de normatização do cotidiano. Isso se verifica com mais intensidade com as disciplinas exatas e naturais e em menor intensidade nas humanas que pelo contrário buscam partir da constatação da crise, tomando-a como estímulo para suas investidas. Por outro lado, crédito também a este estranhamento ante a crise a especialização crescente do conhecimento, na medida em que a divisão do trabalho intelectual forja uma situação de descaso para com a conjuntura e por isso sou tentado a dar de conta quando dou de detalhes específicos tirando-nos a noção da totalidade, gerando consequentemente estranhamentos ante a visão "caótica dos acontecimentos".

Na realidade, o que sempre desejamos ter e lutamos por isto é a segurança, que a sensação de caos oferece de outra forma. Nada mais confortável do que a sensação de nos sentirmos seguros, mesmo que esta segurança seja aparente. E de repente, deparamo-nos com o fato de que a história é gestada na insegurança, ou dentro de um leque de possibilidades infinitas. E para garantirmos a nossa segurança engendramos o método, o caminho "certo", com normas, procedimentos, preliminares, conceitos estanques, etc. para nos guiar e evitar que cheguemos ao abismo. Contra o método concebido desta forma, temos tudo. Todavia, podemos ter o método dentro de uma perspectiva de maleabilidade e

movimentado pelos paradigmas da realidade, aí sim preferimos "embarcar nesta". Entendendo o método como possibilidades múltiplas de tratamento da realidade ele passa a assumir características "não-formais" e o que o animaria é a consciência que se tem de determinada realidade. Assim, acredito que o método é o caminho e é feito por este caminho, clareado por nossas posições ante este caminho e o que ele nos sugere em termos do real. Desta forma o método é tão somente o fazer e se faz no caminho desde que estejamos atentos a observar os significados que este caminho nos permite respeitando conseqüentemente a cadeia de significados que a própria realidade concatena. Vendo o método desta forma cabe-nos o respeito aos elementos que encontramos numa perspectiva de investigação, busca de compreensão e explicação da lógica que movimenta o real, cabendo outrossim, por conta de nossos posicionamentos a nossa inclusão quando da análise. Então, consigo conceber como método a possibilidade de organização sempre pronta a ceder ante os estímulos do real e a teoria que nos guia é assumida enquanto posicionamentos frente a vida. E se deve existir uma premissa inicial esta deve ser a consideração do permanente estado de crise da realidade, e uma constante busca num processo rotineiro de adaptação, observando sempre as forças atuantes de formas contraditórias no vivido e buscando superá-las num esforço de síntese.

Até agora discorri num discurso onde o fundamental é compreendermos como expressão metodológica a existência do permanente estado da crise, bem como passando pela constatação da velocidade exagerada como as transformações tem ocorrido presentemente. Ante este discurso,

a nível de postura de vivência intelectual e de tomada de decisão no cotidiano existe e consigo dividir os comportamentos em duas posturas: uma eminentemente conservadora que alimenta o sonho de sempre estar retornando no tempo e faz um discurso divulgando valores que serviram de normas de denominação ao longo do tempo com seus efeitos no espaço; e outra que alimenta o desejo de sempre ir tentando novos caminhos e empreender estratégias de desmentelamentos das estruturas de denominação seja em que nível estas estejam; estão alertas e buscam outras formas de relacionamentos que dêem resultados diferentes aos que temos hoje, enfim são desejosos de novas experiências de vida, a quem chamo postura progressista ante a vida. O que move estas duas perspectivas é a "radicalidade". Faz-se necessário radicalizar, buscar as raízes, enfim, ficarmos frente a frente a realidade e trazê-la a nu. A consideração que se faz nestas posturas é um enfrentamento perante a vida. E a vida passa a ter um sentido pleno. Não ontologizado, nem tampouco na vulgarização do cotidiano que a faz esconder as raízes. Todavia, estes posicionamentos assumem um tom absoluto, que tem que ser relativizados.

Vejamos um exemplo de como estas duas posições atuam no cotidiano. Peguemos a questão da cidadania tão premente nos nossos dias. Ou seja, como cotidianamente se efetua a vivência do cidadão. Por muito tempo, acredito, invertemos a questão. A história caminhou um longo percurso em busca da institucionalização do homem diferenciando-o e abstraindo-o da natureza, portanto, tornando-o portador de qualidades distintas dos outros seres, porque de fato é. A

medida que a luta pela constituição estatutária do homem ocorria, numa perspectiva de cidadão, deixamos de lado a sua dimensão essencial e caracteristicamente política, forjando-lhe uma relação resultante em aspectos jurídicos. E a mediatização desta relação jurídica se faz através de números, especificamente pela estatística. Desta forma tornamo-nos instituições sempre carentes de um suporte funcional codificado numa leitura de direito. Cidadãos carentes de respaldos e exigentes de condições superficiais de realizações, as leis. Apesar da luta pela criação do estatuto-homem, via cidadania, ter se encaminhado pela dimensão política, no seu caminho foi se desvirtuando e sendo açambarcado num emaranhado de códigos de difícil entendimento para os próprios cidadãos, porque estes ficaram desfalcados dos seus aspectos políticos-culturais. Este caminho sugere uma estratégia de dominação, quando tornamos o homem um ser jurídico e lhe tiramos da condição de ente, matando a relação pessoal, porque inibe a criatividade.

A via conservadora é procurar dentro deste exemplo continuar como vem sendo, sem questionar a rota e os resultados. A luta pelo ângulo progressista tende a encarar o problema como recuperação da dignidade, expressa pela liberdade de expressão, que é propiciada num processo de criatividade.

Por aí o meu entendimento de método de trabalho, na perspectiva da ciência contemporânea comporta a aceitação do estado de desequilíbrio questionando-o. Ao tempo em que necessita reconhecer que existe ordem na desordem. E que a desordem é apenas um objeto arquitetado, com o qual nos

deparamos e dentro do nosso alcance propor uma categorização, estruturação, alternativas. Aqui estamos e tentemos viabilizar o futuro. Temos dito que apesar de " cheirar a antiga", embora seja um marco da modernidade, a Geografia se deve sentir saudades, "que esta saudade seja do futuro". A sensação de andar para frente, com os olhos vislumbrando sempre o devir, deve nos mover ou impulsionar-nos.

A presente proposta de trabalho caminha nestes trilhos. Embora tenha que recorrer a explicações recorrentes e talvez até repetitivas, tenho a consciência de que estarei contribuindo para pensarmos um futuro melhor para nós sertanejos. Neste instante ponho em discussão, principalmente pelos que serviram para que procedesse esta análise, o meu ponto de vista.

III - O LUGAR DO HOMEM E O HOMEM NO LUGAR:

Esta formulação quer dar conta da dialética, da relação: lugar-espaco-homem. Aqui cada elemento se define, ganha realidade pelo atributo do outro. A simbiose homem-lugar explicaria o Sertão e o sertanejo. Esse homem nesse lugar produziu cultura e ela é agora atributo de ambos: homem e lugar. Por isso quando se indaga sobre o homem emerge o lugar; quando se indaga sobre o lugar emerge o homem.

Como entender o lugar pela fala do sertanejo, foi o problema colocado. A fala do sertanejo alcança alguns níveis de realidade de sua existência embora não se explique. Dessa fala emerge um pouco do Sertão. O que a fala revela, mas também o que ao mesmo tempo oculta constitui o domínio da prática do vivido, que é perspassado por ideologias e valores. A fala traduz um nível de conhecimento do mundo aqui colocado como de senso comum; trata-se de encontrar ou demarcar a realidade e não realidade que a fala contém.

A Geografia tem tradição no estudo dos lugares. O lugar já tem sido assumido como categoria explicativa do espaço e da sociedade. Alguns trabalhos fazendo a ontologia do lugar e do espaço reiteram-nos como caminho de leitura do mundo.

Nesta parte do trabalho aborda-se a fala - senso comum - para ver como pelo homem-sertanejo se traduz e não se traduz o lugar. Em seguida recupera-se ainda que parcialmente a construção da categoria lugar.

"é um tipo de paraíso, só existe lugar

quando é bom"

"onde a gente tá agora, um cantinho bom"

"onde se trabalha, se estuda, se diver -
te"

"é mais ou menos uma comunidade: as pes-
soas se ajudam, vivendo e trabalhando
assim é o lugar onde a gente mora"

"é a localidade onde se mora, é um lu -
gar, que a gente gosta, que a gente tem
apego, onde moramos"

"é aquele que você trabalha, que cons-
trói a vida, de preferência uma vida
melhor e nova"

"onde a gente nasceu, tem um emprego e
pode sobreviver, a cidade onde a gente
mora"

só acontece um lugar quando se conside-
ra a pessoa, todo mundo respeita e as
pessoas podem trabalhar e ser respeita-
da, tendo uma qualidade profissional"

"onde a gente se sente bem, que se con-
vive com pessoas boas, e onde se ganha
dinheiro"

"determinado espaço natural ou geográ -
fico"

"não existe essa estória de lugar, e -
xiste o homem, pelo menos o meu até a-
gora não encontrei, porque não tenho
emprego, por isso eu digo que não tenho
lugar"

"onde se reside, mora"

"onde se está situado atualmente, o lu-
gar é uma passagem. Eu mudo de lugar de-

pendendo de onde eu ganho dinheiro e me dou bem. É onde a gente tá presente"

"o lugar tá em nós, não, no meio onde a gente tá"

"lugar é um estado em transformação, onde a gente se sente bem; sou eu, é você é onde nós estamos, somos nós"

"é a radicação, onde você está radicado e gosta de estar"

"onde você luta no dia a dia atrás do ganha pão, podendo se conversar com as pessoas, acontece um lugar quando tem gente de sociedade"

"a pessoa veve no lugar tendo liberdade tendo condições de criar os filhos, de sobreviver, fora isso, temos um guarda-chuva e não um lugar"

"se eu tivesse um dia de dizer o que é um lugar, eu dizia que é onde você gosta de morar e mora, reside, é uma coisa boa, que não faz mal"

"não tenho ainda um lugar, porque eu não sei o que é isso, se é este aqui, então não existe lugar"

"eu só teria um lugar se pudesse trabalhar, ter emprego, onde eu pudesse receber os amigos e os vizinhos, o lugar será que não é a minha casa?"

"espaço físico, ocupação profissional, tendo prestígio"

"já está dizendo local de trabalho, divertimento e bem organizado"

"é lá na minha roça, quando posso fazer ela, quando não posso, eu fico andando

por ai, ai eu não tenho lugar, pode in-
té ser que minha muié e meus fios tenha
lugar porque eles ficam aqui e eu vou
por ai toda vez que fica ruim"

"se eu tivesse onde morar sem pagar a-
luguel eu entendia desses negócios de
de lugar"

"Cajazeiras é um lugar?"

"significa ter um conceito na socieda-
de, boas amizades, pra mim é grande
coisa na vida ter um lugar"

"é onde a gente habitamos, onde a gen-
te se habitua, cuida da casa da gente.
Eu mesmo só tenho lugar quando tou
pensando na agricultura"

"é uma coisa sagrada, no meu conceito,
é você ter o ar, é você ter uma vida
mais ou menos, não é nem bem, é você
ter um emprego, você ter condições de
manter a família, que eu sou pai de 4
filhos, sou apesar de tudo um batalha-
dor aqui. De tudo que eu falei, de tu-
do que eu disse, sou um sobrevivente ,
mas é um lugar pra mim é como qualquer
outro. Lugar é isso..."

"o meu lugar é a minha profissão. Eu
tenho esse lugar aqui porque nasci ne-
le..., mas o meu lugar é onde eu tiver
emprego"

"se eu tivesse um lugar seria como mi-
nha casa, uma coisa sagrada, onde eu
pudesse repousar bastante. Esse sol
daqui mata um, não? "

Tomamos por bem apresentar estas falas,
colocando suscintamente o resultado das conversas que

mantivemos onde procurávamos ver o que as pessoas entendiam por lugar. Que noções elas apresentavam naquele momento para esta categoria de entendimento do espaço. Não apresentamos uma transcrição tal e qual, detalhadamente, mas pegamos as passagens as quais consideramos de maior efeito nas construções que iam sendo feitas nas conversas. As vezes até muito repetitivas, todavia, condizentes com as considerações feitas. Se damos uma olhada no todo, na totalidade de informações que o senso comum consegue expressar sobre uma categoria disponível do seu cotidiano veremos quão rica e consistente elas são quando encaramo-las como soluções operacionalizadoras do seu dia a dia. São pensamentos nascidos da vida e do enriquecimento pelo convívio com seus iguais social e economicamente, bem como resultantes dos conflitos próprios das situações de desigualdades na consideração e desfrute do lugar.

1. COMENTANDO "O LUGAR" COMO FALA:

É óbvio que os depoimentos anteriormente descritos, constituem uma variedade de opiniões que vale ressaltar nasceram do pensamento espontâneo e momentâneo. Em outras palavras, não houve preparação para o que se iria conversar a não ser a observância na disposição para o tom da conversa surgir como quase um desabafo. Todavia, acreditamos ser por bem termos em consideração que estas opiniões, em quase todas, senão na sua totalidade expressam um juízo de valor na medida em que poderão ser entendidas como resultantes

do próprio entendimento e o conhecimento que as pessoas ouvidas tem do seu meio, bem como de influências de fatores sociais e culturais que estas sofrem. Ressalte-se ainda que não tivemos a preocupação de agruparmos as entrevistas por nenhum critério. O único critério possível e levado em consideração foi a disposição de se deixar interrogar e ser instigado a expressar o seu pensamento. Dai que nessas opiniões estão contidas situações de vida que vão desde aquele agricultor "rude", analfabeto, "desinformado", como eles próprios se afirmam, até advogados, professores, profissionais liberais e outros. O que importou é que são pessoas que vivem no Sertão e portanto puderam avaliar a partir da sua vivência a categoria lugar, quase tida por eles como um termo que não propunha nada, não instigava a nenhum pensamento e no entanto ai temos essa gama de expressões partidas de uma vivência no lugar. Sobretudo oriundas de uma luta cotidiana.

A primeira constatação que nos ocorre em virtude destes comentários é que o lugar quando pensado e expressado diz respeito ao grau de entendimento e do conhecimento da pessoa ouvida. Todavia, na maioria dos casos nos parece que o lugar diz sempre sobre o presente das pessoas. Pouco, ou nunca se faz referência a um passado no lugar, senão ao lugar enquanto possibilidade de vida do aqui e agora. O aqui e agora como negação de um passado, embora este esteja contido enquanto carga de conhecimento e experiência, mas nunca como de fundamental importância na definição do lugar no presente. Esse lugar como equivalência de uma vivência presente possui um conteúdo de expectativas para com ele, ou numa perspectiva de amplitude maior quando se diz que

"meu lugar não é este", "ainda o procuro", abrindo horizontes para se pensar em termos de espaço. Portanto, o presente viabilizando o lugar seria a primeira observação a ser feita com relação a estes comentários. Valendo-se acrescentar que esta avaliação abrange desde aqueles que afirmam que "aqui é um lugar", até o outro que afirma "não tenho lugar", ou não ter "até agora encontrado o seu lugar", isto porque expressa o lugar enquanto uma expectativa vindoura, referindo-se principalmente a um instante da vida.

Seguindo nesta nossa avaliação, tentando articular este emaranhado de expressões, vemos que a noção de lugar na maioria dos casos é entendida como realização através de um emprego. Queremos aqui colocar como emprego é quase sempre usado nas discussões. No Sertão ter um emprego, principalmente se for no setor público constitui uma dádiva, isto porque intui-se daí e a experiência comprova que quem tem um emprego público não faz nada, portanto, podendo também "trabalhar" aí, sim, na sua outra atividade. E isto foi realmente muito difundido e alimentado pelos políticos que apadrinhavam as pessoas conseguindo-lhes "empregos", que mesmo com um salário por demais aviltado, ainda assim constitui status. Fulano é empregado; então, dá confiança e respeito a esta pessoa, seja no comércio ou até no próprio convívio social. Mas, pensando aqui "emprego" como "trabalho", que acreditamos foi o que a grande maioria falou nas opiniões, então lugar é onde a pessoa labuta, onde ela ganha dinheiro, ou consegue retirar o seu sustento. Ressalte-se que a condição de lugar enquanto trabalho, ou emprego foi quase que unanimidade nas opiniões. Há uma relação direta entre a

atividade que a pessoa desenvolve e a compreensão de que ali é o seu lugar. Assim, vemos que alguém quando diz que não tem lugar, porque não tem emprego, comprova-se esta inferência. Exagerando na posição de que não existe o lugar é justamente porque esta pessoa não conseguiu ainda em nenhum lugar um trabalho fixo. Esta foi a idéia que mais apareceu. "Eu só vou ter um dia um lugar quando eu conseguir um bom emprego". Acreditamos que isto desmistifica muito a naturalização da existência do lugar para as pessoas entendido enquanto localidade de nascimento.

Embora não tenhamos definido critérios de classificação anteriormente, deu para que procedéssemos uma leitura da posição das pessoas ouvidas nas relações sociais e econômicas onde estão inseridas. Assim, os das classes mais favorecidas dizem da condição de extrapolar o seu espaço imediato. "Meu lugar é em qualquer espaço". "Em qualquer canto me sinto bem". Existe a possibilidade de ir além da perspectiva atual. Por aí, deu para que entendéssemos que os intermediários na posição econômica da sociedade sertaneja aspiram a manutenção de seu lugar, através dos seus empregos. É uma condição estável onde não se vislumbra mais grandes realizações, senão lutar pelo que já tem, o seu lugar. Enquanto isso, os menos favorecidos dizem não ter lugar. Esta expressão não é nada mais nada menos do que a falta de perspectiva naquele lugar, em virtude da falta de estabilidade no que diz respeito ao trabalho, ao emprego.

Por outro lado, observamos que a idéia do lugar enquanto estado presente das pessoas exibe uma pequenez de horizontes solicitando a presença-afirmação do ser na

perspectiva do indivíduo, mas na medida em que este indivíduo é inserido num convívio. Portanto, para que se tenha um lugar é necessário a existência do indivíduo convivendo com outros indivíduos. A idéia de comunidade aparece, no entanto é muito rala. Acreditamos, que o tempo presente, mesmo num lugar como o Sertão já exhibe esta abrangência da modernidade, a solidão ratificada por uma coletividade. Isto aparece quando em alguns depoimentos exige-se para que exista o lugar que "as pessoas respeitem as outras" e que sejam "reconhecidas", "notadas", não importa se aí se considera as qualidades profissionais do indivíduo, e a referência ocorre justamente por isso. Para nós, o que passou é a exigência da individualização, embora numa convivência de contexto extrapolada do indivíduo. Indica-nos, que temos nesta constatação, embutida nas entrelinhas, a exigência do ser em ser tido como sujeito do lugar. É importante que "eu" seja reconhecido em "nós". "Eu, você, nós somos o lugar, mas o lugar é tocado pelo "eu". A análise por este lado, também pode nos levar a que as pessoas entendam-no na perspectiva ou num horizonte de território. É necessário dominar o lugar. E esse dominar é um dominar compartilhado com outros "eus". O único problema que vemos é como coordenar esses "eus no nós".

Considerando-se que a vivência numa comunidade exige a execução de normas codificadas num sistema de valores homogêneos para o grupo na sua totalidade, estes normatizam a vida social como um todo.

"Há situações sociais que desenvolvem um valor e destroem outro, ou que desenvolvem um valor em seu aspecto social total e impedem seu desenvolvi -

mento nos indivíduos".

(HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 3a. edição. Paz e Terra, SP 1989, p. 78)

A exigência da execução plena da individualidade nas considerações obtidas do senso comum nos exprime a condição de comunidade de relações abertas onde reivindica-se que se faz necessário para que alimentemos esta vivência em comum que observemos alguns aspectos para o funcionamento da totalidade. Isto é, no nosso caso, primeiro que se reconheça os papéis dos indivíduos numa correspondente comum onde devemos crer nas potencialidades natas e adquiridas dando-lhes o devido reconhecimento e mostrando conseqüentemente o reconhecimento da sua importância no contexto da sociedade. Por outro lado, esta observação refere-se as relações por demais abertas onde os aspectos individuais, considerados como elementos da vida privada, são constantemente invadidos, e passam a ser de domínio comum. É o caso das "fofocas", das invasões de residências pelos vizinhos, da convivência do indivíduo consigo mesmo tolhida em vista do possível direito do compartilhamento de todos os aspectos ditos do "eu" por todos.

Assim, estas considerações em torno do pleno desenvolvimento da individualidade ocorre quando esta é entendida como a possibilidade subjetiva da vivência. Por outro lado, ocorrendo esta subjetividade de entendimento a objetividade do processo passa a ser a comunidade, possibilitada como a condição de nela se viver as plenas potencialidades individuais, que seriam coordenadas pelos valores normativos do grupo considerado, que estão

constantemente sendo reavaliados em função do desenvolvimento da própria vida.

Outra reflexão que nos ocorre nesse contexto é a vulnerabilidade da existência dos lugares. O lugar, nesses depoimentos, apesar de representar também a idéia do território, todavia é um território móvel. Em permanente movimento porque sempre que alguém era perguntado qual o seu lugar, a primeira reflexão é que "não sei bem se é aqui". Dai que podemos dizer que o lugar nessa ótica representa uma situação conjuntural, gerada continuamente por uma indecisão, fomentando sempre a esperança de uma coisa melhor. O lugar só existe quando é "bom". O bom diz da sua vulnerabilidade, é uma expressão de juízo calcada pela possibilidade de atendimento de expectativas e quando estas são descartadas, conseqüentemente o lugar é descartado e torna-se uma passagem, alimentando outras perspectivas de realização das potencialidades da vida do indivíduo. Dai que o lugar envolve a questão do uso subjetivo, orientado por uma conjuntura maior com as quais os indivíduos convivem direta ou indiretamente. Pensamos que esta é a idéia principal que podemos extrair destes depoimentos: o lugar como um processo. Como uma coisa sempre a se conquistar mesmo que já tenhamos um.

2. TEORIZANDO PELAS SITUAÇÕES PRESENTES DE VIDA:

O importante a concluir destas narrativas de lógicas altamente subjetivas de vias de entendimento e conhecimento diferenciadas pelas próprias experiências de vida numa localidade, é que as noções apresentadas são

caracteristicamente noções vivas, que apresentam um encadeamento em forma de processo. Dessa constatação podemos supor que o que nos foi narrado possui uma fluidez decorrente de situações diversificadas e necessidades e desejos ditados, e orientados por fatores internos que dizem respeito ao próprio processo de conhecimento e fatores externos por se comporem numa expressão de conjuntura.

Constatamos que as idealizações de "lugares" ouvidas surgem grande parte porque,

"A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação."

(HELLER, Agnes. op. cit. p. 18)

Se levarmos em conta que as entrevistas não foram dirigidas e sim possuíam uma certa coordenação a fim de obtermos opiniões momentâneas, e que contivessem nesse processo de instantaneidade a carga histórica na qual o sujeito está inserido, conseguimos colher sem dúvida expectativas e aspirações para a dignificação da vida humana num dado lugar. Quando nas respostas se exigia que "só tenho um lugar se esse lugar é bom", esse tipo de afirmação nos sugere que o "bom" diz respeito ao conteúdo do cotidiano viabilizado pela existência no lugar. Esse conteúdo por seu lado comporta aspirações quanto a emprego, realização profissional, o

reconhecimento de qualidades individuais numa coletividade, e consequente possibilidades de uma interação num quadro de desejos subjetivos e por demais concreto-exigentes.

Apostar num trabalho onde as pessoas antes que quaisquer outras preocupações estejam envolvidas na construção de um pensamento em face do lugar, talvez possa ser compreendido, no nosso caso, com uma volta ao velho trabalho de Geografia como ciência do lugar. Nada contra, pensamos que todas as contribuições são importantes e que existam tantas geografias quantos geógrafos! Contudo, que possamos e tenhamos a consciência de estarmos contribuindo num processo de construção do pensamento. Quando colocamos a questão do lugar acreditamos estar lidando com uma questão regional. Não no que diz respeito a método, mas pensando numa abrangência de conteúdo, o espaço. O espaço aqui passa a ser pensado num horizonte de expectativas mundializantes, a via do mundo como um mundo só, enquanto que o lugar seria a particularidade de conteúdo deste espaço abrangente.

A partir do momento que constatamos que o lugar se caracteriza por si dentro do espaço, embora este mesmo lugar, tenha sentido diferenciado por interesses diferentes, existe a possibilidade de unicidade, quando entendemos que o lugar engloba uma gama de fatores heterogêneos dando uma configuração em particular. Por isso, fazemos esta ligação do estudo do lugar num horizonte de região. Neste caso consideramos que os lugares funcionam como diferenciadores de áreas, por conta de uma especialização que lhe é própria por gestões internas e externas na sua consecução. Esta especialização leva-nos a ligarmos a idéia de que lugar também

comporta-se num contexto de funcionalidade do espaço propiciando na existência deste, uma fluidez no processo de formação espacial. Assim, o lugar configura-se como aporte funcional-estratégico de realização do espaço.

Desta forma, os lugares passam a ser entendidos e incorporados num sistema de significação tal qual propõe Milton Santos como objetos de animação do espaço:

"Cada lugar, ademais, tem a cada momento, um papel próprio no processo produtivo. Este como se sabe, é formado de produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo."

(SANTOS, Milton. Espaço e Método. Nobel SP, 1985, p. 3)

O que subentendemos, que os lugares proporcionam a existência da vida no espaço quando funcionam como gestores de tarefas localizadas numa estrutura maior.

Nas averiguações conseguidas nas entrevistas observamos como o lugar é importante no respaldo do indivíduo.

"O lugar é ao mesmo tempo particular e geral. Tem uma forma e um conteúdo. Enquanto forma não revela, necessariamente, a própria essência e enquanto conteúdo o lugar é uma relação historicamente constituída."

(SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Os Meandros dos rios nos Meandros do Poder - Tese de Doutorado, USP, 1987, p.274)

O lugar se particulariza por conta do espaço da produção que delimita funções que são codificadas em formas. Ao tempo, ele também se mundializa num processo de construção da história. A nível dos indivíduos-sujeitos diretamente

envolvidos neste processo, o senso comum, nos leva a refletir o lugar como juízo de valor, ou seja o lugar valorizado pela mercantilização e enquanto possibilidades de inserção dentro deste lugar-valor, quando do contrário estes indivíduos ficam a margem desta significação constituindo por seu turno à formação da parcela da população que diz "ainda não encontrei um lugar", "não existe o lugar porque não tenho nenhum emprego", "eu não tenho lugar porque não consegui comprar uma casa".

Gostaríamos de ressaltar que embora tenhamos sempre o costume de teorizarmos em termos de espaço e lugar enquanto entidades, esferas numa estrutura, pudemos constatar que o lugar é funcional ao espaço, todavia, não expressa o espaço na sua totalidade. Ou seja, o lugar não é idêntico ao espaço. Ao menos na perspectiva do senso comum. "Gostaria de ter outros lugares onde pudesse me realizar profissionalmente". Quer dizer, o lugar também alimenta perspectivas mais abrangentes, talvez porque este como vimos anteriormente abranja mais um processo presente carecendo de continuidade, que se daria por via de conseguir-se um lugar mais abrangente, o acesso a perspectiva de espaço.

O lugar do senso comum é definido pela vivência cotidiana e interpretado por aspirações vindouras. A expressão da vivência cotidiana relaciona-se diretamente a valorização do lugar. Ou do espaço, quando abrange-se uma perspectiva de amplitude maior ao que se tem no presente. A ótica das pessoas valoriza o lugar na esfera produtiva e nas relações subjetivas atinentes ao afeto. Medeia o afeto as relações concretas da esfera produtiva que tornam expressivos os desejos e dão

impulso a conservação, pensando num acúmulo valorativo.

"A expressão "Valorização do Espaço" pode comportar pelo menos três significados principais: valorização mercantil ou comercial de uma dada parcela do espaço para efeito de transações imobiliárias; valorização "subjéctiva" ou mais precisamente "psicológica" do espaço, em que está-se referindo aos distintos significados dos variados "meios geográficos", captados pela percepção do homem habitante em sua vida cotidiana de um lado, e de outro, pelos distintos juízos subjéctivos que os homens fazem dos espaços com os quais convivem, directa ou indirectamente. Por último, a valorização "objectiva" do espaço..."

(COSTA, Wanderley M. Valorização do Espaço. in: Orientação - IG - USP - no. 05, 184, p. 92)

É ponto pacífico que as interpretações e leituras que tomamos como noções sobre o lugar sempre impõem a condição do possuir, sendo esta, imposição de respeito e possibilidade de convivência. Neste aspecto consideramos que por último o lugar do senso comum apresenta características nítidas da noção espaço-território. Um lugar que devemos lutar por ele, tê-lo e vivê-lo plenamente. Para que tenhamos um lugar devemos ser dignos dele e fazê-lo digno da nossa cotidianidade.

"Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, "únicos". Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço - homens, firmas, insti-

tuições, meio ambiente - . à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital à multiplicação das ações fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal."

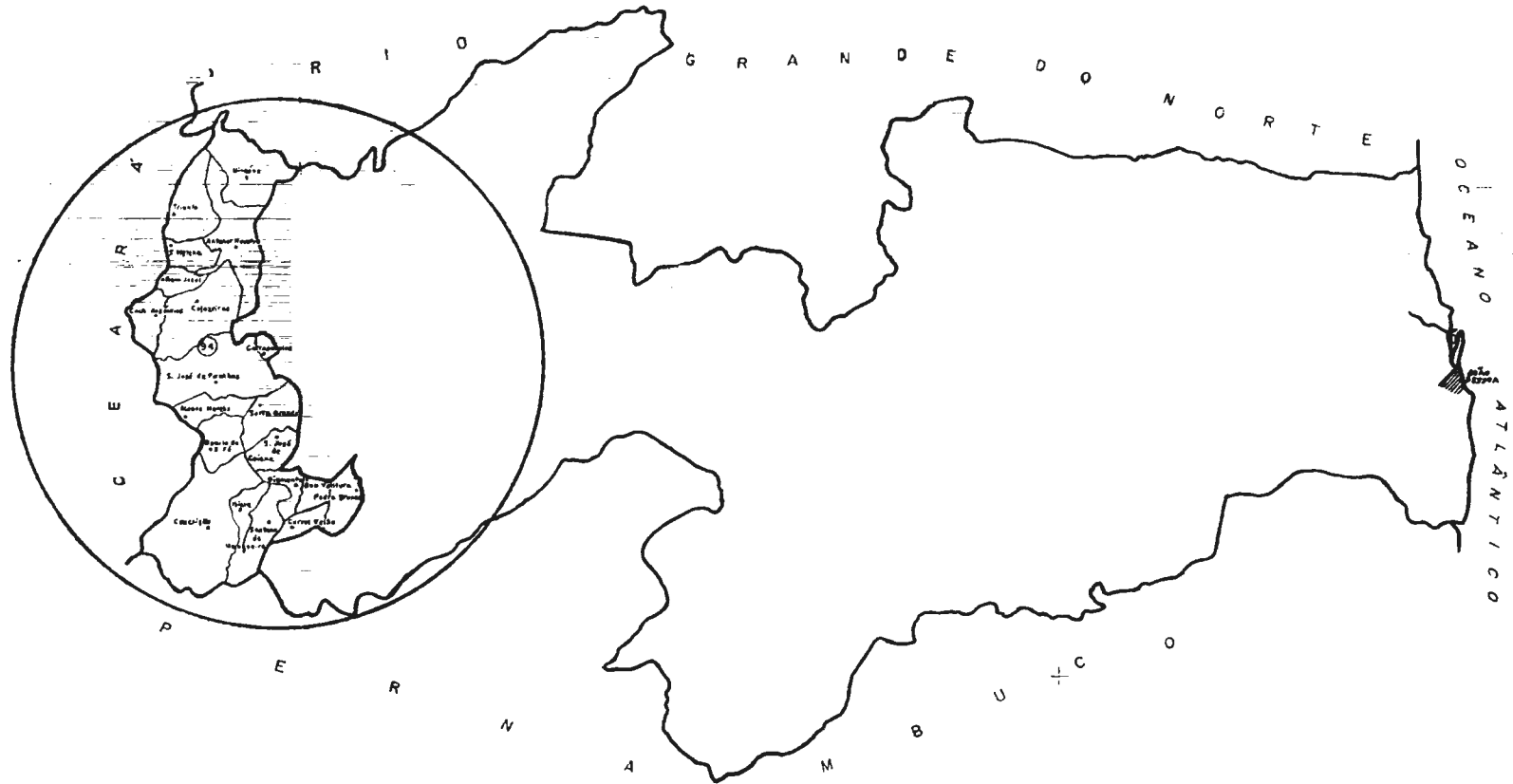
(SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, Hucitec, SP, 1988, p.34)

Por serem lugares únicos e condição de fluxo para o universal justamente aí surge a sintonia da preservação e da luta pela defesa do lugar, porque este possibilita a solução de continuidade dos processos de vida, da história, evocando o sentido de territórios distintos alimentando um sistema com propensões mundializantes.

Enfim, poríamos em discussão a nossa total surpresa de constatar nas noções do senso comum uma praticidade intagível, talvez por ser pensado como processo vivido e na condição de idealização. Portanto, o lugar na perspectiva da contemporaneidade apresenta-se em permanente transformação, e desenvolvimento, sempre a nossa frente, daí intangível, embora localizável num leque de opções, ditado pela divisão do trabalho. Se tenhamos de ver os lugares na história, observando o processo se realizando num dia a dia, a conclusão provisória, que podemos tirar neste ponto do nosso trabalho, é que antes de tudo o lugar simboliza uma gama de perspectivas, por exemplo: como natureza distinta de uma

sociedade, como habitat, como uma construção social, ampliando-se num sistema universal, consistindo num problema, exigência do plenamente saudável, imposição ideológica e sobretudo local de efetuação das relações sociais concretas.

ESTADO DA PARANÁ - SERVICIO DE CATASTRAS



IV - REPRESENTAÇÕES DE UM LUGAR: "O SERTÃO"

O objetivo principal desta pesquisa é fazer uma caracterização do espaço sertanejo a partir das observações dos seus habitantes aqui representados por aqueles que se deixaram ouvir sabendo para que fins eles estavam contribuindo. A seguir fazemos um inventário de trechos das entrevistas onde a questão colocada referia-se ao entendimento que as pessoas têm de Sertão. Afinal, o que significa o Sertão para você? Das quarenta e oito entrevistas realizadas selecionamos alguns trechos em virtude de na nossa avaliação termos comprovado muitas repetições e falas que se diferenciavam por pouco, todavia, querendo expressar opiniões de significação quase que iguais. Vamos a elas:

"é uma parte da fome que a gente passa, é seco, é a gente tá lá, vamos supor... Ali em João Pessoa. Eles chamam..., dizem assim "você vai pra onde? vai pro sertão, né?" E a gente tá lá as vezes e ele diz: "você vai pro sertão". Do sertão se diz como se fosse cactus, ou aqueles negócios mais grosseiros. Mas quem sofre mesmo é o pobre, sabe? Eles sofre muito, e a gente sofremos juntos com eles, aí então dizem assim: de onde é esse rapaz? - é do sertão. Quer dizer que eles sabem que o homem é positivo, é direito e tem capacidade de trabalho." Seu Geraldo.

"Sertão é sinônimo de fome, é caatinga seca, é gado morto na roça, né? É falta de ajuda ao homem do campo, o agricul-

tor, é falta de açudagem, de barragem, essas coisas aí" Frutuoso.

"Sertão é... parecê que seja o interior da Paraíba, é o agreste da Paraíba, é o sertão." Maria de Oliveira Bezerra.

"Essa pergunta que voce me faz.. é.. sertão é aonde a gente vive, onde tem é... Onde as pessoas realmente vivem, não tem quase nada, por causa da seca, porque aqui é quente. O Sertão é o lugar que tem um tempo invernososo e tem outro tempo seco." Ronaldo Moésia.

"Sertão é que nem Luiz Gonzaga disse. Sertão da gente é sertão sofrido. Cê vê que Fernando Collor de Melo chegou aqui no Pernambuco, num veio nem na Paraíba. Certamente a Paraíba não elegeu ele. Mas o Sertão é seca é esse sol quente que a gente vê, é esse tá agora chegando, um inverno sim, outro não e a gente vai levando assim mesmo... Sertanejo é bicho ruim de morrer." Adamioso Novinho

"Sertão pra mim é barriga vazia, é um povo... São uns sertanejos sofrido, além de ser castigado pelo homem lá de cima que não manda chuva no tempo certo, é castigado pelo povo mesmo do sertão porque quando vem as verbas, muitas vezes mandada pelo governo federal ficam nas mãos de certos políticos que não oferecem nada ao pequeno e ao médio agricultor. Eles pegam a grana e só fazem, só servem pra eles e o pobre velho num leva nada. Pra mim sertão é isso, é uma miséria." Joselito Oliveira.

" Pra mim é o lugar caracterizado pelo

clima semi-árido, pela vegetação de caatinga, pelos rios temporários, localizado no Nordeste do Brasil." Francisco Augusto.

"é uma parte do interior longe da capital." Maria Salete.

"É uma parte do estado onde predomina o semi-árido, e onde a população vive o flagelo da seca." Maria Salez

"Sertão, sertanejo é esse espaço sofrido e onde a gente vive. Com excassez de chuvas, falsos políticos usurpadores do poder público. Quer dizer o Sertão é algo bem sofrido e nós sertanejos é quem levamos nas costas todo esse sofrimento. Quer dizer nossa cruz é o Sertão." Orlando Silva da Silveira

"Sertão é o mesmo que sofrimento." Cecy Macena.

"Sertão é porque nós mora onde existe a seca. E seca significa o que? Sertão é alto. Você vê que é só pra nós aqui que tem. Que passa por esse vexame de seca. Mas a Paraíba tem as suas partes baixas que é o brejo. Se não fosse a seca, não existiria o Sertão". João de Manuelzinho.

"Sertão é essa caatinga bonita que a gente vê e tá acostumado a sentir todo dia. É esse clima gostoso, quente úmido é esse inverno que a gente planta e sabe que colhe. Aqui é aquela incógnita. Enfim, é esse castigo que a gente carrega, o sertanejo em si." André Costa

"Nosso Sertão é fraco. Não vejo mais

inverno. Não chove mais. É uma chuvinha aqui outra acolá. A gente planta muito e não colhe nada. Às terras até que são boas, e o negócio é que não tem água. Agricultura não dá não. Eu planto muito, mas não dá nada. Nem para os de casa comer. Mesmo assim gostaria de ficar aqui mesmo. O cara que vive na roca tem de batalhar nela mesmo. O cara que trabalha na agricultura tem que se conformar com isso mesmo. Agricultura é um jogo, pode dá ou não. Só que agora não tá dando nada mesmo... A culpa é que falta irrigação, mas lá pra nós nem água pra beber não tem... Na minha opinião é preciso chuva. Se o cabra tivesse um meio pelo menos de cavar um poço ai melhorava. Mas o que eu sei é que as máquinas de furar poço da Prefeitura só fura, onde o Prefeito e seus cabras mandam. Com poço melhorava tudo mesmo. Mas é difícil os políticos só prometem, garantem, garantem mesmo, mas não fazem." Francisco Lacerda

E assim outros. Se observarmos como as diversas opiniões foram expressas veremos quanto a população tem o desejo de falar, de dizer o que pensa. Enfim, de desabafar. E foi um desabafo forte que sentimos quando ficávamos a escutar, algumas vezes tentando interferir a fim de entendermos melhor o que estava sendo colocado, outras vezes só ouvíamos e conjecturávamos o que passava a nível de emoção nestes depoimentos.

Numa tentativa de pegar alguns pontos em comum e tomá-los como categorias para a nossa análise verificamos

que tal como pensávamos e até muito mais forte aparece a questão da naturalização do Sertão como problema relativo a natureza. Ou seja, tudo o que não se consegue empreender deve-se a natureza que "não é mãe, mas uma madrasta"; um segundo ponto nos aparece que é o sofrimento. O sofrimento também naturalizado e incorporado como uma característica marcante da área. O sentido do Sertão assim só é totalmente entendido quando consideramos o sofrimento como um elemento inato. Todavia, já percebemos também que as pessoas começam a procurar causas para todo este sofrimento. E quase sempre, pelo menos, no que pudemos detectar numa análise mais depurada dos depoimentos, as causas remetem-se à questão política. No caso, a falta de uma política que resolva de vez a situação. "Os políticos prometem muito e não fazem nada." "Quando vem pedir votos os políticos prometem irrigação, furar poços e quando se elejem nos dão banana, parece que besta somos nós que sempre acreditamos neles." De fato, há uma certa conformidade, apesar dos reclamos, com a situação vigente e a quase desesperança de que algo possa acontecer e reverter o curso da vida do sertanejo.

O importante a constatar destas noções-afirmações é que existe de fato o sofrimento. Este sofrimento é encarado como a decorrência natural de uma convivência com uma natureza áspera e pouco dada a colaborar com o homem. "Se o homem lá de cima se lembrasse de nós e regularizasse as chuvas por aqui a coisa seria bem melhor, mesmo assim acho que ainda teríamos muito sofrimento porque o nosso povo é muito rude." De sorte que temos uma convivência natural com efeitos

danosos na proposição de soluções abrangentes. Constatamos principalmente que a desesperança passa a ser componente e alimento de funcionamento deste caldeirão mítico da maldade.

Passemos, portanto, a construir uma análise, propondo-se enquanto uma teorização do que nos foi relatado.

1. FORMALIZANDO A QUESTÃO SERTÃO:

É interessante observarmos como a noção de Sertão está amplamente ligada ao conceito da região Nordeste na sua totalidade. Em quase todos os depoimentos o que pudemos observar nas entrelinhas é que quando tratamos de Sertão, estamos evidentemente nos remetendo ao Nordeste. "Sertão pra mim são todas as terras do Nordeste que não são capitais." Outro elemento que entraria numa caracterização tendo por base o senso comum é a influência das condições climáticas na delimitação de uma área.

Dessa forma, a Geografia Regional, notadamente aquela tradicional que tem como parâmetros os caracteres naturais de área na sua definição, teve sem dúvida alguma, repercussão por demais acentuada tanto nos meios técnico-científicos que abordaram o Sertão enquanto área distinta, marcadamente pelo clima, quanto no senso comum. O senso comum está embranhado desta perspectiva de reflexão e já a incorporou quando nas suas tentativas de explicação. A escola e suas repercussões sociais indubitavelmente funcionaram na formação da opinião pública considerando os elementos naturais, na justificação de questões-problemas que dizem

respeito mais diretamente a organização social do aglomerado humano. Claro, que não descartamos estas interações climáticas com a organização social, já que as condições naturais do meio, que lemos nas entrevistas como o "bom lugar" determinou por grande tempo a divisão do trabalho, que no desenvolvimento da história, conseqüentemente das forças produtivas, elas foram relegadas ou noutros casos levadas em consideração nas estratégias de dominação do espaço. No caso Sertão, elas foram incutidas por um processo de difusão estratégica o que agora procuraremos ver como ocorreu através da questão natureza a naturalização do fenômeno social.

Vejamos o que nos diz o conhecimento sistematizado, pensado e formulado a partir de pesquisas e observações, sobre determinada questão proposta mais precisamente, no nosso caso, do Sertão.

"O sertão é a região mais extensa e equivale a mais da metade do território Nordeste. Possui clima semi-árido e é coberto, quase que em sua totalidade por uma vegetação denominada caatinga (palavra de origem tupi que significa mata branca), onde predominam as plantas xerófilas, espécies que, por sua estrutura espacial, resistem à carência de água. Compõem a região parte dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, mais uma pequena área de Alagoas, Sergipe e Minas Gerais."

(GARCIA, Carlos. O que é o Nordeste Brasileiro, 8a. edição, Brasiliense, SP, 1990, p. 20)

Aqui temos uma caracterização, que por se deter em informações preliminares, diz da extensão territorial, bem como salienta os aspectos naturais do meio. É notável como se detém na questão da vegetação, a caatinga. É marca registrada do Sertão a presença da caatinga, que tudo indica, não existe a respeito nenhum estudo, ela tem sido devastada ao longo do tempo de forma catastrófica, e por incrível que pareça, não existe nada, nenhum movimento que encare a questão. A caatinga é tida pelo senso comum como manifestação de um grande castigo do criador. A sua forma espinhenta diz da crueldade do meio para com o homem. Acreditamos que por isto ela é totalmente relevada e vista como algo que deva desaparecer, pois que não causará nenhum prejuízo, muito pelo contrário, servirá o seu desaparecimento para a purificação do meio. Além do senso comum tratá-la desta forma, também as descrições "científicas" não lhe dão a importância devida quando articulam o debate sobre o equilíbrio ambiental. Tudo indica que esta pode ser descartada, já que o que passa através deste discurso é a dificuldade de os homens lidarem com tal tipo de vegetação.

MANUEL CORREIA DE ANDRADE numa de suas obras que consideramos de importância fundamental no entendimento do espaço nordestino, "A Terra e o Homem no Nordeste", seguindo também a tona dos acontecimentos ambientais de ordem natural e articulando com a ocupação humana deste ambiente, observa que o Sertão não detém uma homogeneidade como se difunde. A homogeneidade que falamos diz respeito principalmente a caracterização da área via clima. E essa homogeneidade tão

propalada não acontece nem pelos fatores de ordem natural, nem também nas relações que os homens estabeleceram com este espaço. Dai que ele faz uma caracterização do espaço sertanejo como uma área de clima quente com temperaturas médias anuais de 25° C, apresentando uma amplitude térmica anual inferior a 5° C. E sobretudo caracteriza-se esta porção do território brasileiro por apresentar duas estações variavelmente bem definidas: uma chuvosa, correspondendo aos meses de verão e outono e outra essencialmente seca com duração mais longa se estendendo pelo inverno e a primavera. Acrescentamos que também dentro desta perspectiva faz-se necessário salientar que a baixa pluviosidade também impera, apresentando índices que variam de 700 mm a 500 mm anuais. Mas, o interessante mesmo nesta obra é a divisão que ele faz desta área, também dentro dos critérios físicos, principalmente levando-se em consideração o relevo e suas interações climáticas, dando por conseguinte cinco áreas bem definidas e diversificadas fundamentando a unicidade variável da existência sertaneja.

Ventilamos que ao fato de confundir-se no entendimento popular Sertão e a totalidade Nordeste como a mesma realidade, deve-se a grande extensão da área sertaneja, bem como as diversificações paisagísticas e de funcionamento dentro da própria área.

Necessariamente numa abordagem que se pretende conceituar formalmente a área aqui estudada, leva-nos a detectar como uma questão de unificação do espaço a vivência de um problema comum: a seca. Falar-se de Sertão e não discutir-se a seca é o mesmo que "falar do doutor e não

mostrar a receita".

A seca em primeiro lugar deve ser entendida como fenômeno de significados diferentes. Internamente ocorre como um dado natural da área responsável por calamidades no âmbito do convívio social, desestruturando o que já se encontra caótico; externamente, a seca é o que caracteriza não só o Sertão, mas refere-se ao Nordeste na sua totalidade, gerando por sua vez um estado de comoção com os "coitados" teimosos e renitentes que não largam o seu torrão e buscam uma coisa melhor. Assim, ela funciona como um teste para a tese de que "o sertanejo é bicho ruim de morrer".

Sobretudo divulgou-se intensamente que a seca é a grande responsável pelas mazelas que assolam o Nordeste. Esta idéia é fixa e é compreendida dentro dos limites naturais do problema. Ela atua tanto internamente quanto externamente através dos juízos de valores que a sociedade nacional, muito influenciada pelos meios de comunicação que através de um sistema repetitivo impulsiona a que perdamos a sensibilidade para com o fato e passemos a encará-lo no âmbito do folclore, ou seja, sistematiza-se tanto a informação através de um sistema de repetição exaustiva que termina folclorizando o problema, deixando a entender que a seca é realmente um fenômeno relativo a organização climática, portanto, natural em si.

Então, se existe algo para que possamos tecnicamente lidar numa conceituação do que exprimimos quando dizemos Sertão, este algo universalizador é a seca. A seca não enquanto característica normal da área. Até mesmo porque

existem dois tipos de secas: uma com a qual já estamos habituados que ocorre anualmente com duração em torno de oito meses e outro tipo que ocorre esporadicamente, sendo esta a que realmente traz a tona os problemas já existentes e que se agudizam durante o seu percurso. Então, o caráter unificador do fenômeno se dá em forma de estabelecimento do problema, ao menos na sua aceitação. A seca se apresenta assim como um problema identificador da área se especulando a sua difícil solução, por isso vivida num caos normalizado.

2. SECA E CONCEITO DE SERTÃO:

O fato é que ao restringir-se o Sertão a questão da seca estamos admitindo que desde o início de sua ocupação espacial, pela "civilização civilizadora" a este espaço foi especificado que servisse para o suprimento alimentar das povoações litorâneas, e aos que aí se estabeleciam tinham é se que destinar somente à sobrevivência. E isto tem perdurado, embora de forma muito desestruturada porque hoje não podemos suprir nem as próprias necessidades do sertanejo, quanto mais se pensar em daí poder sair algum produto para outros centros. Ou seja, há muito tempo que o Sertão não tem suprido nem as suas próprias carências alimentares e de suporte econômico para integração num circuito produtivo onde a sua própria população seja envolvida.

Sendo este espaço dedicado apenas a produzir para outros centros no início de sua ocupação na visão da

civilização nada havia que pudesse causar alguma preocupação. Todavia, com o crescimento da população, bem como com a chegada de mais pessoas que aí aportavam por conta de problemas também de desestruturação das atividades econômicas do litoral, então o problema seca começa a expressar-se tendo em vista a produção não dar para atender as exigências que lhe eram impostas e também a verificação do fenômeno climático mais precisamente da seca de 1877. Existe um marco na aceitação da seca como calamidade e não como questão normal de ordem climática. Este marco é a tão propalada "indústria da seca", ou o seu nascimento. Os historiadores voltados para o estudo da área detectam em suas pesquisas o aparecimento desta atividade a partir do ano de 1877. Em que consiste então esta indústria?

"A seca prejudica consideravelmente a camada pobre que não dispõe de reservas e perde tudo que possui, sendo muitas vezes forçada a migrar. Beneficia porém a camada de renda mais elevada, proprietários e comerciantes, porque, chegada a seca, chega com ela a oportunidade de adquirir a terra e o gado dos agricultores pobres que não têm condições de alimentar os seus animais e de permanecer na terra, não podendo barganhar discutir o preço com o comprador. É assim a ocasião do grande proprietário adquirir mais terra e mais gado - quando dispõe de reservas alimentares - por baixo preço. É também a ocasião em que dispõe de mão-de-obra a preços mais baixos."

(ANDRADE, Manuel Correia de. Nordeste :

Alternativas da agricultura, Papyrus ,
Campinas, 1988, p. 72)

Pois bem, o acionamento da indústria da seca ocorre quando começa a aparecer os primeiros sintomas de que teremos uma estiagem mais prolongada. Ai já se começa a ouvir vozes, em nome das pessoas menos favorecidas, clamando do Estado¹, mais precisamente das "autoridades" que começam com o socorro porque se não "corremos o risco de vermos o nosso patrimônio dilapidado pelos saques". Quando os socorros vêm, sem dúvida, estes que se puseram a frente exigindo "uma solução" são encarregados de os administrarem e isto lhes beneficia sobretudo porque mais importante do que a perda que sofrem os pequenos agricultores, é que eles passam a contar e desfrutar de mão-de-obra totalmente gratuita no benefício de suas propriedades, e na abertura de estradas de rodagem, ou estradas vicinais.

Não temos dúvidas de que a ajuda do Estado para a área, ou mesmo a intervenção estatal tiveram duas proposições por onde se guiar: primeiro que a área não tem

¹ - Não nos cabe neste trabalho efetuar uma análise pormenorizada da ação do Estado através de seus órgãos de planejamento. Até mesmo porque não temos conhecimento de projetos dedicados exclusivamente ao Sertão, considerando a área que estamos tratando. O que pudemos constatar nesta nossa pesquisa é que os projetos aí executados fizeram parte de toda uma estratégia de atuação do Estado no que se refere ao Nordeste na sua totalidade. No que toca especificamente ao Sertão, consideramos como o de maior efeito a política de açudagem que se incorpora na percepção do problema seca unicamente como falta de água. Temos a considerar que atualmente existe um trabalho que dá um tratamento especial aos projetos governamentais e uma análise mais apurada dos seus aspectos sócio-econômicos, para tanto ver: FILHO, João Medeiros e SOUZA, Itamar de. A Seca do Nordeste: um falso problema, Vozes, Petrópolis, 1988. Nos limites deste trabalho interessa-nos entender como a atuação do Estado inculiu-se na fala do sertanejo como explicação para a sua realidade.

mesmo jeito, serve apenas de celeiro de mão-de-obra e possivelmente de campo onde o gado pudesse ser criado solto; segundo, que a população da área não precisa de alternativas duradouras, pois que se encarou a subsistência como contemplador das carências locais, daí o instinto de sobrevivência da população ser tão forte. Para que o Estado assim ajisse sem dúvidas teve pressões de políticos e apoio de técnicos, que desta forma também encaravam o problema. A intervenção do Estado que foi e continua sendo sempre exigida pelas oligarquias caracteriza o poder dos chefes políticos locais que através destas buscas de "soluções" efetivam a relação entre as esferas local, no caso, os municípios, a estadual e a federal. Portanto, teve todo um evoluir desta atuação. Evoluindo conseqüentemente de acordo com o enfrentamento que se tinha do problema do conceito de seca e diretamente também do Sertão. Que fique claro que as coisas não se passaram tão evidentes como está sendo colocado aqui. Estamos procedendo uma leitura intencional das entrelinhas da atuação governamental no encaramento da questão seca, bem como que definições de papéis ficam evidenciadas na análise.

A tática usada pelo Estado para se manter sempre assim o conceito de Sertão foi a da imobilização do tempo. É notável que percebamos que por aí a sensação é que o tempo não corre justamente porque se procurou acomodar os ânimos através de atuações rotineiras e que no entanto não surtiram efeitos a longo prazo. Então, vejamos como isto tem ocorrido. Num primeiro tempo a questão Sertão-Seca consistia

na pura constatação empírica da falta de água, o que exigia por sua vez uma solução de ordem hidráulica. Estabeleceu-se, dessa forma, que deveria ser encetada uma política das águas, que iniciou-se já no Império. Consistia basicamente na construção de açudes e poços que buscavam armazenar e retirar água do sub-solo. Esta prática tanto de técnicos, quanto do Estado orientado por estes e exigido pelos políticos perdurou até por volta de 1940, quando então, começa-se a produzir projetos com o intuito de integração da área à estrutura produtiva do País. A visão aí passa da questão da sobrevivência para ser encarada como sendo necessário que a economia da região começasse a ser pensada na forma de entrada no circuito de reprodução mais racionalizada do modelo implantado no País. Dai o funcionamento da estrutura econômica na área consolida-se como da dependência dentro de um circuito de dependência regional, que por sua vez integra-se numa dependência internacional. Alargando-se a visão no diagnóstico da situação da área nascem nesse interim a CHESF (Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco), o Banco do Nordeste do Brasil e a CVSF (Companhia do Vale do São Francisco).

Até então a questão era tratada meramente dentro do modelo onde os que habitavam a área eram socorridos oficialmente, quando as calamidades se tornavam insurportáveis e tinha-se a necessidade da manutenção da subsistência em função da pecuária. Quando ocorria da subsistência falir, pelo desaparecimento de produtos, então o Estado intervinha via injeção de recursos que deveriam ser distribuídos aos "flagelados".

"Durante o século XIX eram grandes as dificuldades financeiras das chamadas províncias do Norte, e não fácil conseguir complementação de suas verbas orçamentárias pelo governo central. Tendo a Constituição de 1824 garantido todo cidadão ajuda pública incondicional em caso de calamidade, o Ministério do Império estipulava em seu orçamento anual fundos a que os Presidentes provinciais podiam aspirar e apropriar-se visando atender às necessidades previstas em lei."

(FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Secas e Estruturas de Poder na República Velha. Seminário Paraíba/Nordeste. Texto mimeo. João Pessoa-PB, 1982)

Este tipo de prática ainda hoje ocorre sob a forma de distribuição de "cestas básicas" que dão para forçar a situação de forma a garantir a sobrevivência. Concomitantemente a estes tipos de ações e depois da questão Sertão ser enfrentada sob o prisma da solução hidráulica, surgem decisões no sentido de buscar soluções a longo prazo utilizando-se já dos frutos do uso da tentativa hidráulica, no caso os açudes, rios, poços e institui-se a irrigação nas metas de prioridades. Tudo isto para que pegássemos o bonde da economia de mercado. Como se já antes isso não ocorresse pelo fato de o pequeno e médio agricultores trazerem seus produtos à cidade e nela efetuarem a venda e comprarem com o dinheiro adquirido muitas vezes até os produto que eles produziram já beneficiados e custando obviamente muito mais do que o que se obteve com sua venda, além de outros que as expectativas da

expansão das necessidades sugerem. Para que se encarasse o problema desta forma foi preciso que os produtos de subsistência tais como milho, feijão, arroz, leite, algodão, etc, desaparecessem e tivessem que ser comprados fora a fim de suprir as necessidades locais, caracterizando uma desorganização produtiva. Dai que se fazia por demais necessário que na própria área houvesse uma produção que lhe suprisse e restasse um excedente com o que se integraria o mercado regional com o restante do País, corporificando uma relação de dependência funcional.

A tradição sertaneja consiste de propriedades onde vemos a existência do consórcio rico de variações opcionais de produtos. É o caso da existência das "roças" dentro das propriedades. As propriedades são destinadas a pecuária, enquanto as roças tem o papel suprir as necessidades alimentares internas das propriedades. Todavia, esta pequena produção já se encontrava integrada num circuito comercial em vista da falta de outros produtos de que se careciam e que passavam a ser adquiridos nas feiras. Então, as feiras desde o início tiveram o papel de fazer circular as mercadorias e facilitar condições consistentes na introdução do dinheiro na área, e na introdução de uma economia de mercado. Apesar dessas tentativas, inclusive o fato da irrigação já se fazer presente, a situação continua parecendo a mesma. Sempre que se prolongam as estiagens o problema agudiza-se, então tem o governo que "mostrar serviço" e sobretudo, mostrar a sua "bondade" socorrendo com gêneros alimentícios o celeiro a fim de que este não se dizime mais rápido. Existe um porquê para

tal ocorrência.

"Para responder a esta indagação, é bom lembrar que a maior parte dos açudes construídos pelo DNOCS foi localizado dentro dos latifúndios dos coronéis e chefes políticos. Diante do seu poder, o DNOCS era impotente para democratizar a água acumulada nos grandes reservatórios através da implantação de projetos de irrigação. Nem os latifundiários permitiam e nem tinham mentalidade para desenvolver a irrigação em benefício próprio."

(FILHOS, João Medeiros e SOUZA, Itamar de. A Seca do Nordeste: um falso problema. Vozes, Petrópolis, 1988 ps. 51 - 52)

De sorte que temos que o Estado sempre interviu mostrando serviços, divulgando-os o máximo possível mas os resultados são os mesmos. Continuam os mesmos porque temos uma organização social de produção que não fomos nós que escolhemos, mas que foi decidida numa escala maior onde para este espaço foi determinado que deveria suprir as necessidades regionais no âmbito regional que por sua vez inseria-se nos interesses metropolitanos produzindo a cana-de-açúcar, produto de exportação. Dai, o caráter de sobrevivência para a população que aí se instalou, evidenciado na proposição da subsistência.

"Se bem que a unidade econômica mais importante da economia de subsistência fosse realmente a roça, do ponto de vista social a unidade mais significativa era a que tinha como chefe o pro-

prietário das terras. A este interessava basicamente que o maior número de pessoas vivessem em suas terras, cabendo a cada um tratar de sua própria subsistência. Desta forma o senhor das terras, no momento oportuno, poderia dispor da mão-de-obra de que necessitasse. Demais dadas as condições que prevaleciam nessas regiões, o prestígio de cada um dependia da quantidade de homens que pudesse utilizar a qualquer momento e para qualquer fim. "Em consequência, o roceiro da economia de subsistência, se bem não estivesse ligado pela propriedade da terra, estava atado por vínculos sociais a um grupo, dentro do qual se cultivava a mística de fidelidade ao chefe como técnica de preservação do grupo social."

(FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 23a. edição, C. Editora Nacional, SP, 1989, p. 121)

A subsistência satisfaz as condições materiais de reprodução para a continuação da situação atual. É uma garantia de estabilidade de reprodução da miséria e manutenção de privilégios. No plano das pessoas ela caracteriza uma relação onde a sobrevivência é o sentido fundamental da vida. Essa relação mantém viva a mística da propriedade da terra. Esta propriedade cria vínculos expressivos ante a relação material dispendida. A mística serve de amparo para as relações materiais de caráter altamente exploradoras. Ela dá ao dono das terras um poder divino de decisão e de exploração de mão-de-obra. Assim, os donos de terras são tidos como agraciados divinos, devendo portanto, receber todas as

homenagens, sendo a mais importante a prestação de serviço que possibilita em troca apenas a sobrevivência. E o sertanejo é forte neste sentido de reconhecer "o valor" dos outros que se mantém numa relação consigo mesmo, ainda que este valor mascare uma relação de extrema exploração, e o mantenha numa situação de "servo".. Dai os vínculos além das relações trabalhistas e que se refletem nelas, tais como o compadrio. O compadrio se dá pela intermediação da Igreja Católica. Ou seja, geralmente o proprietário é padrinho dos filhos de seus trabalhadores. Esta relação de padrinho-afilhado-compadre é sagrada pelos vínculos da Igreja e portanto devendo ser evitado qualquer atrito entre os seus membros. As coisas não se dão hoje em dia de forma tão clara como está sendo colocado aqui, elas possuem uma sutileza muito forte. Em conversas com ex-líderes sindicais rurais, estes nos falavam que um dos fatores que mais dificultava a luta no campo por melhores condições de vida, é justamente esta relação que mascara uma luta de sobrevivência. Portanto, temos a considerar tentando concluir com essa busca de entendimento para o sentido do Sertão pela seca, que esta confunde-se com a definição da área por ser entendida como um problema contínuo e não um fator de ordem natural que deve ser enfrentado cotidianamente como forma de manter-se a vida; segundo, que Seca-Sertão-Nordeste na compreensão da população diz respeito ao mesmo fenômeno; a naturalização do fenômeno confundindo seca com Sertão naturalizou o fator socialização dos homens, ou seja, as relações de vida, compreendidas nos níveis da sobrevivência, passa pelo fato de que a extrema miséria do sertanejo é um

fator também natural de compreensão da região; que a área, mesmo buscando-se a sua integração numa economia de mercado resulta sempre na mesma situação, e a causa quase sempre é jogada tanto por técnicos como pelas políticas governamentais à falta de mentalidade do sertanejo que não é aberta, e não encara as mudanças; houve uma consolidação do fato da existência da subsistência como uma permanente, por conseguinte, este é o ponto culminante em termos de aspirações de vida.

Falar-se de Sertão parece uma redundância, tantas já foram as tentativas de saída da área para uma integração maior com o restante do processo de dependência. Parece-nos que mesmo para uma conformação dentro deste quadro é por demais impossível. E pensando-se tal qual as proposições de atuação na área até agora, concluiremos que "por estas análises" a situação continua "a mesma" porque a mentalidade do sertanejo tal qual a terra é rude. Rude porque não pensa além do aqui e agora. Rude porque não se envolve em mudanças de longo alcance. A aspereza do solo e do clima reflete-se na vida do homem que também deve ser áspera. A conclusão mais importante a que podemos chegar neste instante do trabalho é que terra e homem encontram-se imbrincados numa relação de reflexos altamente danosos ao pleno desenvolvimento da vida do homem e da terra. Os caracteres naturais da área são facilmente reconhecíveis no seu habitante nas formas das rugas do seu rosto, na aspereza de suas mãos e pele e o sentido de gratidão pelo prato posto à mesa hoje.

V - ESTIGMATIZAÇÃO DO ESPAÇO:

O estigma que aqui colocamos não se refere as noções preliminares a que estamos acostumados a usar, quase sempre com referência a situações de menosprezo e de vulgaridade de aspectos diferenciados. Antes trata-se de considerar o estigma como algo de identificação social, marca ou atributo. Quer dizer, o estigma aqui refere-se a algo extraordinário nas características do fenômeno que estamos considerando, as suas marcas no tempo histórico que são de fácil leitura nas relações sociais estabelecidas, que por conseguinte, no nosso caso, deixa também marcas indeléveis no espaço. Estas marcas a que estamos nos referindo quando tratamos de Geografia são os lugares, a partir da consideração de que estes contém atributos de ordens naturais relevantes no estabelecimento de relações sociais na identidade de funções. Por serem atributos, os estigmas são usados na manipulação destes uns pelos outros.

Não conhecemos literatura referente a este assunto no âmbito da Geografia. A reflexão que estamos procedendo apoia-se no trabalho do Sociólogo ERVING GOFFMAN, "Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", que trata da manipulação entre pessoas calcada nas diferenciações e quando estas são exageradas são tratadas como estigmatizadores que lemos como sendo o equivalente da estereotipação. Esta leitura referindo-se a pessoas possibilitou-nos a fazer comentários relativos ao espaço que aqui é visto como escultura das relações sociais estabelecidas

pelas pessoas, baseadas em sistemas coletivos de economia. Isto nos foi possibilitado justamente porque GOFFMAN procede a um inventário de evoluir conceitual da questão estigmatização e claro procuramos entender este conceito na consideração espacial, que as vezes chega até ao extremo da manipulação quando os atributos dos lugares são estereotipados. No caso, esta consideração se aplica inteiramente.

As formulações geográficas desde o seu início tiveram como pressupostos básicos a informação "dos lugares". A Geografia, então no seu caminhar até adquirir status de disciplina independente e ramo do conhecimento humano baseou-se em distinguir lugares tidos como diferentes, ou áreas diferenciadas usando critérios os mais diversos quase sempre calcados nos interesses comerciais, religiosos, estratégicos. A estratégia nos aparece como o mais destacado nos interesses em virtude da sua funcionalidade permitida num código de dominação, estabelecida numa relação de manipulação. Dessa forma começou-se a delimitar áreas que pudessem atender aos interesses de quem detinha o poder econômico e como espaço de expansão destes. Quase sempre a delimitação de áreas conteve em seus enunciados princípios de tratamento político. Era preciso ter centros que possibilitassem o exercício político para viabilizar-se a esfera econômica, ou vice-versa. Nesse desenvolvimento detecta-se o auge da dominação política, econômica e religiosa, três causas que se interligam na delimitação das áreas, determinando a existência dos lugares. Por ai, tivemos um esquadrinhamento do espaço dando como herança um espaço diversificado e que apresenta áreas

marcadamente estigmatizadas de acordo com os interesses a que se propunham tais delimitações, possibilitando o sistema de manipulação. Nas entrelinhas desta história, conseguimos visualizar que o que abrange o fenômeno da estigmatização em forma de lugares são os fundamentos da dualidade dos princípios excludentes, na nossa cultura, do bem e do mal. O espaço por conseguinte começa a ser traçado e apropriado dentro dos preceitos do território, incluindo o uso e a sua defesa ferrenhas, onde tínhamos áreas "anecúmenas" e "ecúmenas". Conseguimos perceber já da difusão desta idéia o início na distinção das áreas que seriam próprias ao desenvolvimento da sociedade humana e áreas onde mesmo que tecnicamente se tentasse, nada acontecia que possibilitasse a existência do "habitat". Ou seja, áreas por natureza boas ou ruins. Quase sempre estas áreas estão funcionalmente engrenadas numa mesma estrutura, umas dando a impressão de segurar a outra, cobrindo-a no suprimento de qualidades que lhes falta.

Embora reconheçamos a existência dos fatores naturais como influenciadores na organização social do espaço quase sempre argüidos como pretextos para a execução da política dos lugares, temos que ver que os critérios da região natural realmente se cristalizaram e foram incluídos na fala das pessoas e devotadamente aceitos como indiscutivelmente certos. Quase sempre para que isto aconteça a fala e o discurso se dão num plano mágico onde se invoca a dominação divina no território, portanto, sendo indiscutível a sua aceitação. Assim, sorte para quem nasceu e vive num território

atrator, possibilitador da plena execução da vida e tristeza para aqueles que tiveram a infelicidade de ter que conviver com a aspereza do território maldito, desabonado pelo criador, repulsor do seu povo.

No processo de aceitação de determinado status para o lugar há duas formas de vê-lo: uma interna onde ocorre uma incorporação dos valores que a "natureza do lugar" ditam e outra que se dá no plano externo que faz a interligação do lugar determinado e os circunvizinhos, enfim, compondo uma estrutura. São funcionais estas visões porque engrenam a operacionalização dos lugares conformando o espaço. Ressalte-se que elas são mantidas por uma valorização normatizada pelos princípios de inclusão e exclusão, conforme a sua adequação a escala produtiva.

A ocorrência dos lugares indica uma cristalização da sua idéia a partir da vivência dominativa no espaço. Indica também que o lugar é vivido como mito que carrega características próprias que o insere numa estrutura maior. Este mito apesar de ser especialmente cristalizado enquanto evolução de idéias, é vivido no presente e a cada dia se incorpora mais informações denotando assim que existe desenvolvimento na idéia do lugar.

Vejamos o seguinte mito¹ :

"O sertão é uma porção de terra, longe

¹ - O que expressamos como mito encerra uma narrativa imbuida da experiência vivida no lugar. No caso, trata-se de uma costura de formalizações do senso comum onde "o mito oferece-se então como a expressão de um conjunto de valores naturalizados, realizados, que garantem o assentamento de uma sociedade bem integrada". (GUSDORF, Georges. Mito e Metafísica: Introdução a Filosofia, Convívio, SP, 1980, p.207)

do litoral, onde existe a seca; o sofrimento é uma constante; uma terra amaldiçoada pelo criador. Ele é uma cruz que a gente carrega. Esperamos sempre pela ajuda do governo para podermos viver. Acho que aqui a gente só vive das promessas dos políticos... Enfim, não é uma morada digna de homens, nem os bichos aqui se dão bem. A saída é aceitar isso mesmo porque ninguém pode fazer nada mesmo." (Costura das diversas narrativas sobre o Sertão)

Esta descrição que o senso comum faz do Sertão apresenta elementos que antes só corriam nas esferas tidas como "técnica-científicas". Ou seja, o discurso, aqui tido como as formulações raciocinadas sobre determinado tema, no caso, o Sertão, encontra-se disseminado na fala dos que propiciaram a sua formulação. O que quer dizer que as informações da linguagem técnica foi absorvida pelo senso comum e passa outra vez para esta esfera corroborando com o que nos diz GRAMSCI comentando o processo de transformação de senso comum em filosofia e vice-versa:

Talvez seja útil distinguir "praticamente" a filosofia do senso comum, para melhor indicar a passagem de um momento ao outro. Na filosofia, destacam-se notadamente as características de elaboração individual do pensamento; no senso comum, ao invés, as características difusas e dispersas de um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular. Mas toda filosofia tende a se tornar senso comum de um ambi-

ente, ainda que restrito (de todos os intelectuais). Trata-se, portanto, de elaborar uma filosofia que - tendo já uma difusão, pois ligada à vida prática e implícita nela - se torne um senso comum renovado pela coerência e pelo rigor das filosofias individuais. E isto não pode ocorrer se não se sente, permanentemente, a exigência do contato cultural com os "simplórios".

(GRAMSCI, Antonio. Conceção Dialética da História. 3a edição. Civilização Brasileira. RJ. nota 1, p. 18)

Esta nota nos informa que estamos sempre num estágio de senso comum na proporção em que o conhecimento se dá socialmente e é construído numa história. Nestas condições forma-se um ciclo onde o que agora supomos sejam especulações do senso comum, pode tornar-se preocupação da ciência e da filosofia. Sendo estas preocupações esclarecidas, quando são, retornam outra vez ao ciclo do domínio comum a título de informação.

Acima vimos a formulação de um mito que acontece nos nossos dias. Um mito forjado na modernidade. Trata-se de um mito altamente informado de preocupações de ordem técnica e antes de tudo propiciador de uma vivência. Ou seja, ele é impulsionador da existência, logo dispõe de uma vivacidade, embora se apresente como uma representação estanque, cristalizada no tempo e no espaço. Se ele é propiciador de caminhos de atuação no cotidiano é porque existe uma força no seu discurso de apresentação de uma realidade e quase sempre não percebemos nele elementos que não estejam realmente ligados a situação em que se encontram as

peessoas. Então, ele passa a ser descrição da vida tal como ela acontece. Uma descrição que está enriquecida de um conhecimento que já foi devidamente elaborado em função de buscas de soluções para as intempéries, bem como em virtude de uma intervenção frequente na área onde ele é formulado.

Na discussão relativa ao mito consideramos duas questões da maior importância presentemente: em primeiro, a grande dúvida que existe quando nos referimos a mito tratando-o como escamoteamento da realidade, uma fantasia, uma ilusão; segundo, há quase que consenso de que vivemos e convivemos a nível de conhecimento com dois tipos de pensamentos: um dito primitivo, ou primeira significação e outro do reino do pensamento racional, elaborado, científico.

A importância que detectamos em GRAMSCI é a consideração que ele tem de salientar bem as concepções de vida e de mundo que as pessoas portam, ou seja, segundo suas considerações todos portamos uma filosofia de vida, possuímos um pensamento, conseqüentemente uma atitude perante a vida. Avançando um pouco mais chegamos a conclusão de que o senso comum é de domínio coletivo, ou seja todas as pessoas, mesmo as que se dedicam a atividade de cunho intelectual também dispõem de uma forma de pensar dita senso comum. E que a ação em virtude desta realidade se dá baseada num pré-julgamento de opções que denotam a existência de um bom senso que é acionado sempre que pretendemos e temos de escolher.

Observamos que no presente o senso comum é de uma riqueza extrema e que este se encontra num estágio que não se pode dizer estável, mas se apresenta como uma exigência de

comportamento. Ou seja, ele produz os mitos, só que estes mitos não se configuram mais distanciados de uma razão, de uma racionalização. Antes, este é vivido como uma realidade informada pela razão das coisas. De forma que este é composto basicamente por elementos da racionalização de um período anterior e se apresenta no momento sendo de um poder de ação, proporcionando comportamentos por ser aceitos enquanto verdade. O próprio senso comum consegue advogar o mito numa proporção de verdade porque contém informações de "gente que entende do assunto". Dai que se torna quase que impossível dizermos onde termina o domínio do senso comum, viabilizado em forma de mito moderno e onde começaria um outro domínio de racionalização.

Evidentemente não temos conhecimento da existência de discussão que considere a relação senso comum-mito. A discussão que estamos empreendendo no nosso trabalho considera que o mito está contido nas formulações do senso comum, assim este basta-se enquanto formulação conseqüentemente não possui força na determinação de comportamentos; enquanto que mito permeia o senso comum na forma de um discurso narrativo de dada realidade com poder de explicação, conformação ou até propicia um debate influenciador dos destinos do real. Ou seja, o mito no nosso caso sujere a uma primeira explicação para a realidade expressa pelo senso comum.

A questão mais colocada referindo-se a esferas de compreensão do real se dá pela constatação de duas formas de pensamento ditos afetivo como primeira explicação e outra

racional que denota já um conhecimento mais sistematizado e trabalhado. Estas duas esferas foi bem trabalhada por MAURIECE LEENHARDT em Do Kamo.

"O mito corresponde a um modo de conhecimento afetivo, paralelo a nosso modo de conhecer objetivo, desenvolvido pelo método. E estes dois modos não se excluem um ao outro. Mas o modo racional se desenvolve pelo método, que nós continuamente clarificamos; o modo mítico promove atitudes, visões, disciplinas e consciência, e exige o controle da racionalidade. Estas duas estruturas são vizinhas e se completam. No mundo moderno, não vemos a ciência abandonar o objeto por detrás das representações para extrair somente as sequências? Neste esforço, o espírito se apóia sobre o mito para fixar uma realidade humana, um acontecimento, e o mito cria esses comportamentos graças aos quais a consciência se libera e se opõe a simples receptividade dos sentidos."

(LEENHARDT, Maurice. Do Kamo, O Mito, in: Religião e Sociedade, 14/1, março 1987, p. 97)

Na observação que Maurice LEENHARDT realiza está contida a análise referente as suas pesquisas quanto aos Canacas buscando um entendimento mais globalizante do mito a partir da realidade destes. Sabemos que o mito se apresenta diferentemente às sociedades diferentes, portanto, sendo interessante a sua observação a partir dos conceitos

trabalhados nas diversas sociedades. No nosso caso, o pensamento racional informa diretamente a ação através do trabalho de mitificação de uma realidade, a fim de propiciar comportamentos relativos a vivência cotidiana. Esta ação pelo que podemos depreender até então, embora seja altamente desorganizada, ela é eficaz e profundamente integradora dentro do modelo econômico-social pelo qual optamos, na condição de País.

Assim, o mito nos nossos dias apresenta-se de forma subreptícia, dando-nos a sensação de que estamos agindo pela racionalização de comportamentos. A verdade é que a "própria razão," o movimento do pensamento" também foram mitificados. A razão hoje em dia se traduz enquanto mito, todavia, aparentando dotes de verdadeira e de questão indubitável, no caso aqui trabalhado.. O trabalho da razão no nível pragmático e de tanto ser isto torna-se mito que mediatiza as relações cotidianas e pouco se dá a perceber.

A razão se torna mito quando ela informa dos elementos da realidade conformando um quadro e entra num círculo onde o conhecimento se socializa e daí não sendo mais questionado. Passa a ser criado e aceito como código de entendimento do real e tudo o que especula passa ao âmbito da desinformação. É possível perceber que o mito ocorre num momento de mediação e não num plano de reflexão, de conhecimento que de fato se supõe crítico. Aliás, o mito no contexto da modernidade desmobiliza a força da crítica da realidade.

"Em lugar de tomá-las como meras re-
produções, devemos reconhecer, em cada

uma, uma regra espontânea de geração, um modo e tendência originais de expressão, que é algo mais que a mera estampa de algo de antemão dado em rígidas configurações do ser. Dêste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se êste autodesdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma "realidade"; um Ser organizado e definido. Consequentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós." (CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. Perspectiva. SP. 1972. p. 22)

O grande argumento que se usa para se descartar o mito atualmente é a questão do falseamento da realidade. No máximo pensa-se que a realidade do mito consiste em representar a realidade de acordo com os estímulos que se tem e a realidade é sempre outra. Acreditamos que o fato atual é justamente a realidade do mito enquanto conformação do real. Ou seja, o pensamento racional elabora pareceres em virtude do real, numa espécie de dissecação dos elementos dos fatos e daí torna-os pelo sistema informacional de domínio comum o que faz com que a absorção destas análises se dê em função de uma vivência cotidiana em busca de soluções numa velocidade exagerada, justamente porque assim inibe a ação crítica da

realidade. Como consideramos que todos buscamos a "verdade" e não só no plano do conhecimento elaborado, também o senso comum por uma ansiedade pela verdade, passa a aceitar as análises elaboradas enquanto coerência da realidade e daí este passa a afirmar e ditar os comportamentos de reação aos estímulos do real. Temos então que o mito mais do que nunca se esconde numa carapuça de racionalidade e não é uma mera representação, mas é uma posição ante os fatos e o que se direccionou numa busca da verdade do real. Este passa desta forma a mediatizar as relações com premissas de concretude de análise. Desta forma o mito não é um falseamento da realidade, mas uma força impulsionadora de aceitação dos fatos tais como eles ocorrem, tendo em vista que não podemos discutir com quem detém o poder da ciência e mais expressamente o poder político com tudo que lhe é inerente.

Desta forma temos que o mito nos apresenta a realidade e não é mais uma representação. Mas, antes de apresentar esta realidade ele já contém em si elementos estimuladores de reação ante a mesma. Se essa realidade é a que queremos é uma coisa, se não é, é outra história. Daí que este torna-se difícil de ser entendido porque já não esconde o real representando-o de forma diferente, alegórico, mas é calcado justamente nos elementos da realidade cognoscível e mais do que tudo inteligido. Não no seu resultado, mas no processo de formulação. Entendemos que o grande risco que corremos quando convivemos com estes fatos novos é que a propensão de aceitação e da não discussão da cristalização da idéia mítica é mais do que tudo a ditadura de comportamentos.

No caso Sertão enquanto mito que nos remete a entendermos o Nordeste-Seca-Sertão como o mesmo fenômeno calca-se em fatos verdadeiros. O fato de não termos regularidade climática dando períodos de longas estiagens incorre a que generalizemos este fato como determinante do fenômeno Sertão, pensando-o como calamidade. Para se chegar a esta descrição muito se trabalhou a nível técnico ao tempo em que o Estado mostrava serviços no enfrentamento da questão. Num processo de dissecação: na conceituação mítica do Sertão no que pudemos detectar do senso comum existe um fator de identificação da área que é a seca. O princípio identificador do Sertão é a seca. É impossível falarmos desta área sem que nos remetamos a seca como identificador e diferenciador. No processo de mitificação a seca exerce uma função de signo e também dando conteúdo a discussão. O fator que propicia esta identificação é a água. Sempre que se buscou alguma solução para a questão evocou-se a água como principal preocupação o que não deixa de ser verdadeiro, todavia, a acentuação que se dá leva-nos a entender este fato como se a água determinasse todo o problema estrutural aí existente. Portanto, a água é o princípio movedor deste signo. Esta conceituação expressa a mais profunda contradição na medida em que sendo a água o elemento vital do processo, justamente a sua falta caracterizada pelas estiagens dando a seca, é o seu princípio de identidade. Esta contradição se aguça mais quando sabemos ser o fato das secas uma constante e sempre é tratada num âmbito de estranhamento. Ou seja, nunca estamos preparados para tais ocorrências, embora, pela história do Sertão seja um

fenômeno quase constante.

Sendo a identidade do Sertão a seca e o que propicia a vida a água, logo concluímos que o sofrimento que tanto aparece nas nossas entrevistas na formalização deste mito é o que caracteriza a mediação das relações sociais num suporte de flagelo. Ou seja, o sofrimento para os que aí residem é resultante de que a terra é portadora de um mal, castigo que o criador lhe impôs. A terra de certa forma é amaldiçoada, possuindo poderes de transposição desta maldade aos seus habitantes, portanto, este sofrimento deve ser aceito e glorificado como parte integrante da sua inserção na história deste lugar. EUCLIDES DA CUNHA sintetizou muito bem esta questão na máxima: "O Sertanejo é antes de tudo um forte". O que quer dizer que sendo o homem destas plagas desde o seu nascimento relegado as intempéries que o meio natural lhe proporcionou e mesmo assim sobrevivendo demonstra a sua condição de fortaleza. É a fortaleza do deserto. Os estudos sobre a origem do mal remetem-nos primeiramente a dimensão cósmica, e posteriormente este encarna-se no plano individual. Vimos na discussão relativa ao lugar que esta abranje e levamos a entender como o lugar é possibilidade da realização da individuação. Pois bem, o sofrimento que apresenta-se como vivência no Sertão aparece como uma concretização da individualidade dentro de um contexto onde o princípio é o mal territorial, que influencia a todos e no entanto deve ser vivido individualmente.

Existe uma grande acentuação para atentarmos

quanto aos aspectos culturais e ideológicos das sociedades como se estas duas abordagens de pensamento fossem independentes. Somos forçados a reconhecer que o mito nos nossos dias e no caso preciso Sertão invoca a possibilidade de que a ideologia enquanto conjunto de idéias formalizadoras de uma realidade concretiza-se na forma cultura. Faz parte da cultura do Sertão o aspecto do sofrimento. Este sofrimento que tantos proclamam e estão por demais certos, sem sombra de dúvida foi forjado ao longo da história, embasado num conjunto de idéias divulgadas pela Igreja Católica e pelo Estado. Sabemos que a Igreja sempre atuou no sentido de conformação da realidade. Logo, se a realidade do Sertão enquanto aspectos naturais era ruim, dotada de uma maldade propiciada "pelo criador" que "não olha para os seus filhos", estes deveriam aceitar o sofrimento e lutar contra ele significava lutar contra o criador. Do mesmo modo o Estado na ânsia de mostrar serviço sempre tratou a situação no seu devido tempo e do seu modo, dando uma idéia de que saneava-se a realidade com atuações periódicas e mesmo quando estas ações evoluíram no sentido de tornar o Sertão com condições favoráveis à produção de mercado estas ações se mostraram tímidas e de curto alcance.

Estamos certos que o sofrimento constatado é uma resultante direta da maldição territorial, ou do mal em si.

"o que fornece o caráter enigmático ao mal é a nossa posição de colocarmos, numa primeira aproximação, sob um mesmo plano pelo menos na tradição judaico-cristã do Ocidente, fenômenos tão díspares como o pecado, o sofrimento e

a morte. Pode-se mesmo dizer que é na medida em que o sofrimento é constantemente tomado como ponto de referência que a questão do mal se distingue da do pecado, e da culpabilidade. Antes então de dizer o que, no fenômeno do mal admitido e no do mal sofrido, aponta na direção de uma enigmática profundidade comum, é preciso insistir na sua disparidade de princípio.

No rigor do termo, o mal moral - o pecado em linguagem religiosa - designa que torna a ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão. A imputação consiste em consignar a um sujeito responsável uma ação suscetível de apreciação moral. A acusação caracteriza a própria ação como violação do código ético dominante na comunidade considerada. A repreensão designa o juízo de condenação, em virtude do qual o autor da ação é declarado culpado e merece ser punido. É aqui que o mal moral interfere no sofrimento, na medida em que a punição é um sofrimento infligido."

(RICOEUR, Paul. O Mal - Um desafio à Filosofia e à Teologia. Papirus .Campinas. 1988. p. 23)

Numa linguagem figurativa diríamos que o mal aí reside na terra evidenciado pelas suas condições naturais e o pecado é encarado de forma original quando por fatalidade aí nascemos, sendo, portanto, portadores desde o início desta culpa. Para nos purgarmos disto, faz-se necessário que aceitemos o sofrimento como coisa inata, que vem colado a cada

um e portanto devendo ser vivido sem se questionar. É bom que atentemos que o sofrimento aqui aventado foi colocado tanto por ricos como por pobres, portanto, é uma situação que atinge a todos, assim parece... A Igreja sem sombra de dúvida ajudou na consolidação desta vivência do mito. As relações de compadrio estão justamente para que a conformação com a realidade se dê porque não é justo discutir com o patrão, pois que este "coitado" também é um sofredor. Os patrões são nossos irmãos de vivência e além do mais meu compadre e qualquer tentativa em por em dúvida a sua autoridade é vista como mais uma maldade que se perpetra contra o senhor do alto. De tanto se ouvir esta pregação o mal do lugar é vivido como sofrimento punitivo de um pecado original. E o juízo para que se cumpra este dever de sofrer é dado por cada um que o incorpora enquanto uma forma de purificar-se das agruras do lugar.

O fato é que se erigiu um mito pela repetição ou pela força da repetição. E sendo este mito fruto de um conhecimento passado ele petrificou-se alimentando comportamentos e propondo um estilo de vida. Se a consciência se dá pelo lugar, justamente a Geografia, fez todo um trabalho desde o seu início de mitificação do espaço, caldado numa visão de manipulação do mundo, partilhando-o em áreas boas ou ruins, operando os dois princípios opostos e excludentes do bem e do mal. Acreditamos que deliberadamente ou não quando se trabalha a nível de lugar temos margem a vê-lo enquanto fato isolado ou serve-nos de comparação. A comparação é intuita pela diferenciação dos lugares ou das áreas. No seu início por um simples instinto de sobrevivência e por conta da técnica ser

eficiente àquele momento histórico. Todavia, no desenvolvimento desta prática tem-se realmente um trabalho de manipulação ditada pela estratégia de dominação ou do exercício do poder. De sorte que ao se basear por critérios meramente "naturais" houve um retalhamento do espaço gerando territórios de índoles inóspitos e aqueles que foram favorecidos pela natureza e possibilita ao homem exercer sua humanidade. Aqueles homens que por sorte nasceram em locais impróprios pela natureza teriam que se adaptar e lutar, sendo, portanto, um fator de atraso ao seu desenvolvimento. Acreditamos que a natureza ajuda. E como ajuda para justificarmos situações exdrúxulas.

Se existe alguma culpa no processo de mitificação e se isto é maldade do espaço creditamo-la a manipulação do fator natureza na justificação de processos sociais indignos...

VI - UM SIGNO DO SERTÃO: CAJAZEIRAS - PARAÍBA

O município de Cajazeiras comanda a Microrregião natural 94, denominada Sertão de Cajazeiras, situando-se no extremo oeste da Paraíba. Tem uma posição geográfica na sede municipal determinada pelo paralelo $06^{\circ}53'14''$ de latitude sul em sua interseção com o meridiano de $38^{\circ}33'21''$ de longitude oeste. Possui uma área de 516 quilômetros quadrados, limitando-se ao norte com os municípios de Antenor Navarro e Santa Helena; ao sul, com São José de Piranhas; a leste com Antenor Navarro e Nazarezinho e a oeste com Cachoeira dos Índios e Bom Jesus.

O propósito de colocar Cajazeiras como um signo

que possibilita fazer uma leitura de parte da realidade sertaneja ocorre em virtude de ai termos dedicado a maior parte de nossa vida, constituindo nossa preocupação. Dai termos eleito esta cidade como espaço para nossas indagações e ai termos efetuado as entrevistas e todo o trabalho de campo que serve de suporte para as análises que aqui estamos efetuando sobre Sertão, com o intento de caracterizar o espaço sertanejo, a partir da visão do homem comum. Além do mais sem sombra de dúvida Cajazeiras é uma cidade fundamental para o entendimento do imaginário sertanejo, pois que ai se vive em função de um símbolo bastante significativo: "Cajazeiras ensinou a Paraíba a ler".

Ademais falar de Cajazeiras é considerar o Sertão nos seus aspectos genuínos já aqui tratado, bem como por ser ela considerada como um dos miolos do Sertão no sentido de ressonância interna e externa. Ou seja, Cajazeiras além de comandar a delimitação de uma área chamada Microrregião 94, acha-se interligada aos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco de maneira que é um espaço evidentemente estratégico.

"na convergência próxima das fronteiras de quatro estados nordestinos - Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco - está o miolo do Sertão, ou, pelo menos, um dos muitos miolos dos sertões, morada do silêncio e do imenso, onde até o sol parece tremer de medo, tão dura e tão difícil é a terra e a vida.

(CHICO ROLIM. História contada a Sebastião Moreira Duarte. Grafset. João

1. APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS

Para se considerar a história do município de Cajazeiras necessariamente temos de nos remeter a grande questão que se coloca com relação ao início do povoamento da região, fator determinante para a consolidação do espaço que aí articula uma sociedade.

Esta questão remonta a duas posições bastante distintas e desarticuladas de explicação do fato histórico. Uma dita tradicional que entende a história como evidência dos esforços dos "heróis"; outra situando-se numa análise de cunho econômico procurando entender o povoamento da região ou da área dentro de um conjunto maior e ditado sobretudo por interesses exteriores à própria área.

É interessante salientar que a bibliografia existente sobre a área de estudo é bastante excassa, tendo que para efetuar uma análise histórica lançarmos mãos de estudos referentes ao Nordeste e mais especificamente a Paraíba. Sobre a área de interesse aqui expresso resta-nos biografias do herói da cidade, o Padre Inácio de Souza Rolim, e alguns artigos esparsos do Professor RUBISMAR MARQUES GALVÃO que tem se dedicado a passar a limpo a história na ótica dos fatos econômicos. Também esparsos são artigos divulgados nos jornais do dia da cidade, 22 de agosto, edição especial, onde vemos um debate em torno do tema.

Existem duas biografias sobre o Padre Rolim.

Uma datada de 1917, de autoria do Padre HELIODORO PIRES atualmente reeditada em 1991, intitulada "Padre Mestre Inácio Rolim - Um trecho da colonização do Norte Brasileiro e o Padre Inácio Rolim". Esta biografia além de enfatizar a questão do Padre Rolim articulando-o a questão da colonização do Sertão foi quase na sua totalidade reconstituída a partir de testemunhos de pessoas que com ele conviveram, bem como com seus familiares e também constitui-se de pequena pesquisa efetuada em documentos da época. Outra biografia mais recente, é de autoria do historiador DEUSDEDIT LEITÃO, intitulada de "Educador dos Sertões - Vida e obra do Padre Inácio de Souza Rolim" de 1991. Esta é uma biografia mais completa visto que lançou mãos de exaustiva pesquisa de documentos, depoimentos e sobretudo baseou-se no trabalho de PIRES ora rebatendo-o com comprovações acerca de datas e fatos baseado numa pesquisa posterior. Aliás muitos dos fatos contestados já haviam sido rebatidos por PIRES que tinha pretensões de posteriormente lançar uma edição atualizada e com afirmações mais contundentes dentro da perspectiva em que ele levava a discussão. Vale ressaltar que estes dois trabalhos se pautam por uma descrição exaustiva de fatos tidos como pitorescos e marcantes para o calendário cívico histórico da cidade e uma preocupação acentuada na comprovação das datas históricas, parecendo ganhar o debate aquele que dispõe de mais argumentos que comprovam ser esta e não aquela data em que ocorreu determinado fato. Quer dizer, merece maior respeito intelectual aquele que dispuser de maiores argumentos comprovados com documentos onde se tenham dados referentes a datas que segundo

esta perspectiva constitui a história do espaço cajazeirense.

Além destas duas publicações que buscam construir o mito do lugar, no caso Cajazeiras, usando a pessoa de uma das pessoas que ai se instalou e exerceu o seu ofício, o Padre Rolim, existem artigos em revistas diversas notadamente do Ceará e Paraíba onde também enfocando-o tratam da área de Cajazeiras. Todas dentro deste enfoque da personificação da história no mito.

A grande questão colocada é que esta bibliografia acentua o fato da existência de Cajazeiras ligando-a ao trabalho desenvolvido pelo Padre Rolim no setor da educação. Para estes historiadores foi através do Colégio fundado por ele em 1843 o ponto decisivo para a consolidação do espaço urbano de Cajazeiras. Desta forma deve-se ao Padre Rolim a fundação da cidade e sua conseqüente expansão. Nas suas análises o fundo econômico destes acontecimentos não são relevantes e o Colégio constituiu o fator primordial para a instalação da povoação já que ele atraiu estudantes dos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Maranhão e Piauí. Sem sombra de dúvida este Colégio foi de fundamental importância na contribuição que deu a cultura do Nordeste. É ponto importante para a glorificação do mito da cidade a passagem por ele de pessoas que posteriormente tiveram participação ativa no contexto nacional tais como o primeiro cardeal da América Latina, Cardeal Arcoverde, o Padre Cícero Romão Batista, advogados, engenheiros e tantos outros que conseguiram se sobressair no cenário nacional.

Nesta versão para a história que se faz é a

história da vida do Padre Rolim e nela embute-se a história da cidade. Através da atuação do Padre Rolim evolui-se e estuda-se a condição da cidade. Portanto, vejamos esta versão.

O Padre Rolim era filho de Vital de Sousa Rolim e Ana de Albuquerque, tendo nascido em 1800 na fazenda que seus pais receberam de seus avós como presente de casamento, dito sítio Serrote, que fazia parte do domínio territorial da família, uma extensão do latifúndio de Luis Gomes de Albuquerque pai de Ana de Albuquerque, que compreendia toda a extensão territorial do atual município de Cajazeiras.

"Logo depois do nascimento do Padre Rolim, Vital Rolim estabelecia-se em Cajazeiras e lançava os fundamentos da futura povoação, sede de bispado hoje, Cajazeiras era mata cerrada não só de cajazeiras, como afirma Lyra Tavares, mas tinha muitos cedros, aroeiras, angicos, paus de arcos e marmeleiros. Havia muitas cajazeiras no baixio que se acha na mesma zona. Quem deu este nome de Cajazeiras foi Vital de Sousa Rolim Quando o mesmo veio estabelecer-se neste local, não havia caminho. Uma manhã saiu Vital com uma foicinha, fazendo penosamente uma picada através da mata cerrada, até chegar a um lugar onde o terreno fazia uma ligeira elevação. Ai considerou que já estava muito longe do Serrote e disse: "Aqui já posso fazer minha casa". Rocou o trecho e tratou da construção de sua moradia (...)

Assim começou Cajazeiras."

(PIRES, Pe. Heliodoro. Padre Mestre I-

nácio de Souza Rolim - Um trecho da colonização do Norte brasileiro e o Padre Inácio Rolim. Coleção Documentos Sertanejos. Gráfica do Estado do Piauí 2a edição. 1991. p. 59)

Como se vê a demarcação da existência de Cajazeiras passa por demarcações de terras de seus primeiros povoadores, no caso, a família do Padre Rolim. Este aprendeu as primeiras letras por influência de sua mãe que desejava ansiosamente que um dos filhos do casal se dedicasse ao sacerdócio católico. Há enorme controvérsia entre os historiadores a fim de entender com quem o Padre Rolim teria dado os seus primeiros passos no mundo das letras e a informação que se tem é que ele tenha aprendido os primeiros rudimentos com Antonio Pereira de Melo que era natural de Goiana, Pernambuco, que tendo empobrecido na sua atividade dos engenhos no Pernambuco e por ter ligações com a família Albuquerque que em Cajazeiras havia se instalado para aí se dirigiu a fim de se dedicar a atividade da agropecuária e no ensejo também alfabetizou-lhe. Esta é uma hipótese aventada por estes historiadores, notadamente pelo Professor Deusdedit Leitão. Com o domínio inicial da leitura e da escrita o Padre Rolim então foi mandado ao Crato no Ceará em 1816 dando prosseguimento aos seus estudos a fim de ingressar no Seminário de Olinda em Pernambuco, o que ocorreu a 3 de setembro de 1822. Contam estes historiadores que o Padre Rolim logo deixou que percebessem a sua astúcia e sobretudo o seu empenho no aprendizado. Enfim, era um curioso com bastante potencial de evoluir na carreira intelectual. Conseguindo o reconhecimento de sua destacada inteligência ainda na condição

de seminarista integrou o corpo docente do seminário, onde lecionou Grego. Finalmente no dia 2 de outubro de 1825 foi ordenado sacerdote, voltando a Cajazeiras em 1829, especulando-se que neste mesmo ano já tenha dado início a sua tarefa de educador instalando a sua escola que passou a chamar-se A Escolinha da Serraria, visto que este já denotava desde há muito tempo uma inclinação muito forte para o magistério. Não se sabe bem certo se o início da sua escola data deste ano, todavia, cremos que,

"Só a instrução poderia ser o objeto maior das suas preocupações, principalmente por se sentir cercado dos que se consideravam carentes dos seus ensinamentos."

(LEITÃO, Deusdedit. Educador dos Sertões - Vida e obra do Padre Inácio de Souza Rolim. Coleção Documentos Sertanejos. Gráfica Editora Grupo Claudino. Teresina-PI. 1991. pp. 41-2)

A sua escola de início tinha aparência bastante modesta achando-se instalada nas dependências de uma serraria de propriedade de seu pai, onde se beneficiava a madeira necessária à construção de moradias e outros utensílios domésticos.

"A escolinha, malgrado a modéstia das suas instalações, ia crescendo em número de alunos. De localidades vizinhas foram aparecendo os que procuravam os ensinamentos daquele Padre Mestre, egresso do grande centro educacional que era o Seminário de Olinda para se internar nos Sertões do Rio do Peixe, como se tivesse uma missão a cumprir.

Cajazeiras, a pequena povoação plantada na fazenda dos seus pais, fora o local escolhido para o exercício daquele apostolado. Ali, sem medir sacrifícios, indiferente à glória que pudesse resultar da sua ação educacional, deixou-se ficar, sem outra preocupação senão a de conduzir o seu povo para a conquista de um futuro melhor." (LEITÃO, Deusdedit. op. cit. p. 41-2)

Desta escola nasceu o Colégio do Padre Rolim de renome em todo o Nordeste e que ficou na memória dos cajazeirenses como ponto determinante para a fundação da cidade.

A figura do Padre Rolim pelo que consta de suas biografias era por demais perspicaz e com um espírito dotado da mais alta preocupação com todos os assuntos de interesse das ciências, da filosofia e sobretudo referentes aos sertões. Sabe-se que ele possuía uma grande habilidade com as línguas tendo escrito um manual de Gramática Grega, além de ser um excelente professor de Latim, sendo por isto outra vez convidado a ir ao Seminário de Olinda onde tornou-se professor de Grego e depois reitor. Todavia, como a sua paixão era o Sertão retornou outra vez dando prosseguimento a sua obra educacional. A afirmação mais premente a respeito de sua figura é que ele era totalmente avesso a política partidária e a cargos oficiais e por isto agradeceu e rejeitou o pedido que lhe fora feito pelo então governador da província a fim de que assumisse a diretoria de ensino, espécie de cargo que hoje denominamos de Secretário de Educação, pois que havia de prosseguir a luta junto aos seus.

E na medida que este se dedicava aos seus afazeres em Cajazeiras e nos sertões como um todo, já que ele gostava de andarilhar pelas redondezas, também praticava a fruticultura e horticultura atividades que lhes eram orientadas por revistas e jornais importados que constantemente recebia do exterior, embora, com bastante atraso. Insinua-se no senso comum que estes conhecimentos eram praticados na frente das pessoas e conseqüentemente passados aos contemporâneos, havendo até um episódio em que tentou no Cariri cearense fazer uma plantação de trigo que não correspondeu as suas expectativas tendo ele chegado a conclusão de que não dando os resultados esperados devia-se ao fato das sementes não serem adptáveis ao solo e clima da área. Além do mais eram por demais difundidas suas qualidades intelectuais e conhecimentos técnicos entre a população como um todo, o que ajudou a criar um áurea de herói em torno dele ainda quando em vida e depois com o seu falecimento houve como um que de reconhecimento geral pelos seus dotes. É tanto que em todo Nordeste ao se pronunciar Cajazeiras logo vem a interrogação se se trata da Cajazeiras do Padre Rolim.

"De todas as virtudes que lhe deram o justo renome de santo, a que melhor caracterizou a grandeza da sua alma foi, sem dúvida, o espírito de renúncia. Sacerdote e professor de grande cultura, pertencendo a uma das mais influentes famílias do Sertão Paraibano, jamais ambicionou o exercício de cargos públicos nem se deixou dominar pelas atividades políticas, não permitindo sequer que o seu nome fosse co-

gitado para exercer cargos eclesiásticos. Não aceitando ser vigário, ou coadjutor, permitiu, no entanto, que lhe confiassem a modesta condição de capelão em algumas localidades do interior do Ceará, para onde costumava se dirigir como mestre-escola.

A cátedra era a sua grande paixão. Como professor adquiriu renome e a projeção que o consagrou perante a História, honrado com a distinção imperial ao ser agraciado com o título de Comendador da Ordem de Cristo e da Ordem da Rosa. Apesar da sua excessiva modestia, ostentou aquelas veneras, quando se deixava fotografar, como, se ao exibi-las, quisesse revelar o seu contentamento por sentir o reconhecimento do seu edificante apostolado. Talvez não percebesse que, além do fortuito significado daquelas condecorações, estaria a tradição da sua terra a imortalizar o seu nome, engrandecido com o perspassar do tempo, a conduzir, como um nome tutelar, o destino da sua terra."

(LEITÃO, Deusdedit. op. cit. p. 55)

Como vemos na trajetória deste personagem foi se consagrando a fama antes de tudo de suas inegáveis capacidades intelectuais e abnegação ao Sertão, já que tinha oportunidades de expandir-se profissionalmente em outros centros, e sobretudo a modestia e a humildade foram qualidades que o distinguiram a ponto de torná-lo herói. É do conhecimento de todos a capacidade que ele tinha de interferir nas diversas ocasiões de conflitos e sempre que isso acontecia

era tratado com o maior respeito e as pessoas envolvidas nas desavenças quando na sua presença baixavam o tom e esqueciam a inimizade explícita quase sempre por conflitos em virtude da posse da terra.

Tornou-se por demais difundida a notícia da sua renúncia sobre a herança do seu pai em favor dos seus familiares, bem como o despojamento das condecorações com as quais foi honrado fazendo questão de presenteá-las a um dos seus amigos da cidade. O certo é que mesmo que se tente descartar a responsabilidade do Padre Rolim na história do espaço de Cajazeiras é por demais impossível dada as argumentações que mitificam a sua trajetória e confunde-se com a própria história do espaço.

Até aqui tentamos fazer um levantamento da versão da história de Cajazeiras que entendemos como uma versão mítica do espaço que na expressão do Professor Rubismar Marques Galvão é uma história telúrica e romântica. E justamente encarando a versão mítica desta forma ele iniciou um debate em torno de outra proposição para a explicação da história que tinha por base a noção de economia no esquadramento do espaço. Ressaltamos que o que aqui colocamos sobre o Padre Rolim não encerra a discussão e antes trata-se de um apanhado nos trabalhos produzidos sobre o mesmo e em conversas que mantivemos com pessoas mais idosas. Não é nossa intenção neste trabalho entrar na polêmica estabelecida pelos historiadores. O nosso objetivo é de nos situar a fim de entendermos como o espaço mítico estabelece-se nas relações sociais concretizadas em função de determinado espaço. No caso

presente sem dúvida a versão tida como romântica é a que move o espaço delimitando funções de reflexão e possibilitando comportamentos ante o mesmo. É impossível retirar o Padre Rolim deste contexto, bem como a sua responsabilidade para a sua expansão. Pensamos que esta versão não atrapalha em nada o estabelecimento de nossas vidas; antes ela serve para aportarnos um orgulho que atenua sobremaneira a questão do sofrimento antes aventado.

Continuando sobre a discussão proposta por GALVÃO temos o surgimento de Cajazeiras se inserindo num quadro de ampliação do mercantilismo europeu, dado que era necessário que as atividades da pecuária antes desenvolvida conjuntamente com a cultura da cana-de-açúcar, produto de exportação, também exigida por necessidades explícitas da coroa portuguesa praticada na faixa litorânea, tivesse que expandir-se pelo interior dos Estados nordestinos, visto que esta atividade era praticada em terras próximas ou dentro dos canaviais o que os prejudicavam. E tendo por isto a coroa portuguesa expedido uma ordem régia onde proibia a pecuária extensiva nos limites das áreas de plantação da cana-de-açúcar. Então, fazia-se necessário a conquista de novos espaços onde essa atividade pudesse ser desenvolvida a contento e os sertões surgem no cenário como a opção viável pois que tratavam-se de vastas extensões territoriais que estavam entregues aos "selvagens" e precisavam serem integradas na economia da colônia. Além do mais necessitava-se de mão-de-obra para os engenhos o que os aventureiros esperavam conseguir através da captura dos "selvagens"

capturas estas que eram possibilitadas pela ação da Igreja que entrava no plano através do trabalho de domesticação dos indígenas que tinha por finalidade última integrá-los ao trabalho nos canaviais substituindo a mão-de-obra escrava. Observa-se que nas expedições de desbravamentos dos sertões sempre se fizeram presentes os jesuitas ou padres seculares que acompanhavam os sertanistas.

"Em decorrência deste fato, a pecuária começa, mais cedo, sua caminhada para o interior do Nordeste. É, como consequência destes fatos que chegam a região de Cajazeiras, seus primeiros desbravadores. Dadas as facilidades para seu desenvolvimento, na região, a pecuária expande-se rapidamente nesta região. Com base, principalmente, na pecuária formam-se os primeiros aglomerados na região do Rio do Peixe. Cajazeiras, também, tem suas bases iniciais, nesta atividade."

(GALVÃO, Rubimar Marques. Cajazeiras não nasceu nem se consolidou por obra de um Colégio. A União. edição 22/08/

84. p. 11)

É certo que a atividade da agropecuária foi definitiva para os estabelecimentos na área sertaneja, todavia, a consolidação das cidades deveu-se principalmente a cultura do algodão. GALVÃO no artigo antes citado comentando a este respeito, tentando desmistificar a importância do Padre Rolim na consolidação do espaço de Cajazeiras atribui a cultura do algodão a expansão urbana do espaço consolidando fortemente um mercado em Cajazeiras, ao tempo em que se

delimitava espaços apropriados ao cultivo desta cultura.

Segundo o mesmo a expansão do algodão no Nordeste deveu-se:

"às transformações que ocorreram no se-
io da economia mundial no século XIX, em
particular, na segunda metade deste sé-
culo. Os países industrializados, espe-
cialmente, a Inglaterra, busca a todo
custo como decorrência do aumento da
demanda por produtos têxteis - o chama-
do "ouro branco".

.....
"Cajazeiras, com este produto, vai vi-
ver um período de elevado surto de
crescimento levando a que ela passe, num
espaço de menos de 30 anos (décadas de
cinquenta a setenta) de povoado para
cidade."

(GALVÃO, Rubismar Marques. 1984. op.
cit.)

Tentemos observar como as coisas evoluíram no
tempo. Cajazeiras então fazenda ligada ao município vizinho de
Sousa, tornou-se matriz paroquial e ganhando status na época
passa a povoação em 1859, tendo nesta mesma época tornado-se
distrito. Em 1863, passa a categoria de vila quando
desmembra-se do município de Sousa em 10 de junho de 1876 pas-
sa a ser considerada cidade com comarca própria. Estes dados
acrescentamos para que nos oriente quanto as colocações do
Professor GALVÃO.

Retornando a questão proposta pelo aludido
professor deveu-se a atividade da cultura do algodão e a sua
consequente expansão a implantação da linha de ferro que
propiciava o escoamento da produção local. Notadamente o

comércio da área se efetuava com o Ceará. Aliás a ligação de Cajazeiras com o Ceará sempre foi mais marcante do que com a própria Paraíba.

"Na região, Cajazeiras assume um papel de espaço de intermediação no comércio do algodão. A produção se desloca para a cidade e daqui segue diretamente para os portos de exportação. É o caso, por exemplo, de Fortaleza. Com as ferrovias Cajazeiras se torna menos distante do litoral. Não do litoral da Paraíba, mas do Ceará."

(GALVÃO, Rubismar Marques. Algodão/ Ferrovia e a Urbanização de Cajazeiras A União. edição especial, 22/08/85)

A fim de argumentar melhor o fato da produção do algodão ter sido de fundamental importância na urbanização de Cajazeiras o aludido professor neste mesmo artigo faz a seguinte nota:

"No ano de 1919 Cajazeiras produziu 2.310 Kg de algodão enquanto Sousa produziu só 1.120.000. Mas mesmo antes do término do século XIX já se evidenciava, em função do algodão, o crescimento desta cidade. Destord chegou a afirmar em relação a Sousa que "...aqui tudo está em decadência (...) o comércio extinto. Não há mais vida, acreditando-se estar num cemitério (...) A aniquilação pro sua rival - Cajazeira(s) - a cidade de Sousa não tem futuro(...). Na primeira, tudo é vida, alegria e esperança. Na segunda, tudo é triste e sombrio, não existindo mais do que uma morna indiferença."

(Destord, Jules. Relatório de Jules
Destord ao Presidente Gama e Melo)
(GALVÃO, Rubismar Marques. 1985, op
cit.)

Nestes termos está colocada a discussão relativa a origem da povoação e consolidação do espaço de Cajazeiras. Acreditamos que as duas versões são por demais ricas e podem estimular um debate bastante fecundo. Por nosso lado, sem querermos interferir na discussão meramente de cunho histórico, portanto, com profissionais mais habilitados para prosseguir-la, não conseguimos vislumbrar tantas contradições nas proposições de explicações para a história local.

Não podemos tão somente impor toda a responsabilidade do desenvolvimento desta história ao Padre Rolim, todavia, não podemos desprezar a sua importância na vivência deste processo histórico. Pensamos que estas duas versões se complementam e há possibilidade de em algum lugar elas fundirem. Com o ufanismo posto na explicação em virtude do Padre Rolim, acreditamos não podermos aceitar como evidência pura e simples. Vemos a figura do Padre Rolim integrada em todo este processo que o professor GALVÃO propõe enquanto esquema de explicação, na medida em que se fazia necessária a presença da Igreja dando suporte aos desbravamentos territoriais que então se faziam. A Igreja possuía o poder de domesticação, de desvios de contradições, enfim, de possibilitar a integração da população anteriormente residente com os que vinham chegando. Se bem que este não seja o caso do Padre Rolim, visto que quando ele aí se empenhou nas suas tarefas já não restava muita coisa do que antes era vida

a nível de população, ou seja, os indígenas, o que nos dá como evidência que o processo de povoamento ocorreu bem anterior ao que se propala. Se este processo demandou bastante tempo, temos que verificar as condições de penetração que eram por demais difíceis, bem como a grande resistência da população indígena. Portanto, cremos ser possível uma junção destas explicações de forma a manter as contradições do processo, e integrar a figura do herói tão necessária à explicação da história da área. Ainda mais quando se sabe que este se integra também num projeto muito maior.

Estas colocações vem a propósito da defesa quase radical que faz o professor GALVÃO, bem como os que conjecturam ser o Padre Rolim o verdadeiro dinamizador da área. Esta discussão está posta da seguinte forma:

"Essa cidade deve a sua fundação ao ilustro e benemérito paraibano Padre Ignácio de Sousa Rolim com a criação do seu colégio de instrução primária e secundária. Em menos de 30 anos, até 1876, Cajazeiras prosperou tanto que passou de simples povoação ou antes de fazenda à categoria de cidade, sendo então a mais comercial e populosa do sertão. A seca de 1877, porém fê-la sofrer muito, e ainda não conseguiu readquirir a importância perdida. O seu célebre colégio, que tão relevantes serviços prestou à mocidade dos sertões da Paraíba, Ceará, Pernambuco, e Piauí, deixou de funcionar."

(JOFFILY, Irineu. Notas sobre a Paraíba. Tipografia do "Jornal do Comércio" 1892; ed. facsimilar: Brasília These-

aurus. p. 192-93)

Junto ao historiador IRINEU JOFFILY fazem couro a esta assertiva os historiadores Padre Heliodoro Pires e Deusdedit Leitão, bem como outros estudiosos de caráter tradicionalistas. Por outro lado, temos a seguinte afirmativa:

"Refutamos, frontalmente, a tentativa que algumas pessoas fazem em querer explicar o surgimento e a consolidação de Cajazeiras a partir, principalmente, da fundação do Colégio do Padre Rolim."

(GALVÃO, Rubismar Marques. 1985. op. cit.)

Então, a questão se acha colocada desta forma. Resta àqueles que têm interesse em prosseguir com suas pesquisas e argumentos, notadamente, os que labutam no campo da história que dêem prosseguimento a discussão e alimentem cada vez mais o meio sertanejo de hipóteses e assertivas que vislumbrem a elucidação da questão do povoamento do Sertão. Entendemos, que nos basta o que aqui foi discutido para os objetivos que pretendemos, ao tempo em que esperamos ter passado a nossa opinião ao longo da discussão feita.

2. CAJAZEIRAS NA PERSPECTIVA DO SENSO COMUM:

Em Cajazeiras realiza-se nos dias de sábado uma feira livre onde a população se encontra e aí faz compras e vende os produtos que produzem no campo. É uma festa que se aguarda e procura-se encará-la como um grande acontecimento social da semana, pelo menos para os habitantes da zona

rural. É o local onde podemos sentir a confraternização da gente da cidade com a gente do campo. Realizamos nossas entrevistas, muitas delas, neste cenário. Foi um procedimento proposital visto que tínhamos o objetivo de contactar residentes da área urbana e da área rural. Além do mais teríamos a oportunidade de sentir e observar mais detidamente as relações que aí se desenvolvem a fim de podermos tal qual um termômetro medirmos o ânimo social reinante nestas paragens. O Padre Heliodoro Pires no livro anteriormente citado nos diz que esta feira foi criada pelo incentivo do Padre Rolim e alguns comerciantes que já se haviam estabelecido na cidade.

"A 1ª feira de Cajazeiras, escreve E. Assis, realizou-se em um domingo de agosto de 1848, por iniciativa do Padre Rolim. Concebida a idéia, o Padre convidou o Tenente Sabino de Sousa Coelho, seu cunhado, para o auxiliar na compra das mercadorias não consumidas nas feiras, alegando destarte atrair o comércio que então se fazia regularmente em S. José de Piranhas, a cinco léguas ao sul desta cidade. O Padre Antônio Tomás, vigário da paróquia, fez a prédica anunciado ao povo a primeira feira, garantindo ao mesmo tempo o consumo de todos os víveres que afluíssem ao mercado. Somente à primeira feira, o pequeno mercado não consumiu os víveres, cujas sobras foram compradas pelo Tenente Sabino de Sousa Coelho e Padre Rolim, como haviam prometido."

(PIRES, Pe. Heliodoro. op. cit.

Como se vê esta informação é de fundamental importância para entendermos o mecanismo da existência desta feira de tão remota origem. Não resta dúvida de que ela começou a acontecer em virtude da necessidade dos produtores efetuarem trocas e vendas dos seus produtos. Esta prática até hoje se verifica com algumas curiosidades. Realmente esta feira é um local de encontro e mais recentemente além dos produtos da área, ela se encontra abastecida de outros produtos oriundos principalmente de Campina Grande e Juazeiro do Norte. Estas cidades representam uma média do que encontramos de origem dos produtos.

Quando afirmamos que esta feira consiste numa festa, é bom que se ressalte que este aspecto começa a ser devorado pelo tempo e pelas transformações próprias das relações sociais nos nossos tempo. Ela consiste ainda de festa para os do campo, não se percebendo o mesmo entusiasmo na gente da cidade. Constatamos que as pessoas da zona rural procedem todo um ritual para virem e fazerem o seu passeio pela cidade e conseqüentemente suas compras. Elas se vestem com o que tem de melhor e alguns nos informaram que durante um mês se preparam arrumando suas roupas para poderem participar com mais brilho. Geralmente os transportes usados são ônibus, caminhões, camionetes, bicicletas e animais.

Pois bem, foi este cenário que nos instigou a realizarmos dentre outras perguntas ou questões aos entrevistados a que se segue: O que Cajazeiras representa ou significa para você? segue-se uma síntese do que obtivemos desta questão:

"Significa minha infância, minha vida todinha, que foi aqui aonde eu tô também até hoje. Minha família inteira mora aqui."

"Poder ter muitas boas amizades. A gente não fica correndo pra resolver as coisas. Basta uma boa conversa e resolvemos o que queremos. É isso.. O bom de Cajazeiras é a tranquilidade, poder ter vizinhos, essas coisas..."

"Significa muitas lembranças boas. O carnaval principalmente era uma coisa sagrada para toda região: As pessoas vinham de muito longe e gostavam. Também a prefeitura incentivava. Hoje não vemos mais isso. No carnaval todos caem fora..."

"é um bocado de sofrimento. É duro dizer isso, mas os políticos aqui só pensam em construir suas mansões. E o povo fica sempre a sofrer. É a cidade da cultura tá certo, mas essa cultura é para poucos. Então Cajazeiras é isso: uma cidade cultural, muita gente passando fome, mas ensina a Paraíba a ler..."

"toda a minha vida... Aqui tenho dedicado a fazer de minha profissão uma arte, o futebol. Pena que não dá para ficar por aqui, aí eu tenho que procurar fora como me manter e a minha família..."

"Detesto a sociedade de Cajazeiras Não gosto mesmo. De maneira alguma , porque são pessoas que só olham pelo que as outras valem. E aqui as pes-

soas só valem alguma coisa se tiver uma roupa. Também só vale aquela roupa..."

"É um trem virado. Não se tem emprego e por isso anda muita gente pelas ruas sem saber o que fazer. Tá vendo o Cristo Rei ali, pois só existe fome. E todos querem trabalhar, mas se não existe aonde o que fazer? Deviam tomar vergonha e não elegerem mais esses políticos, pois são todos safados, só prometem, prometem e não fazem nada. Na época da eleição são todos bonzinhos. Passou, não conhecem mais ninguém."

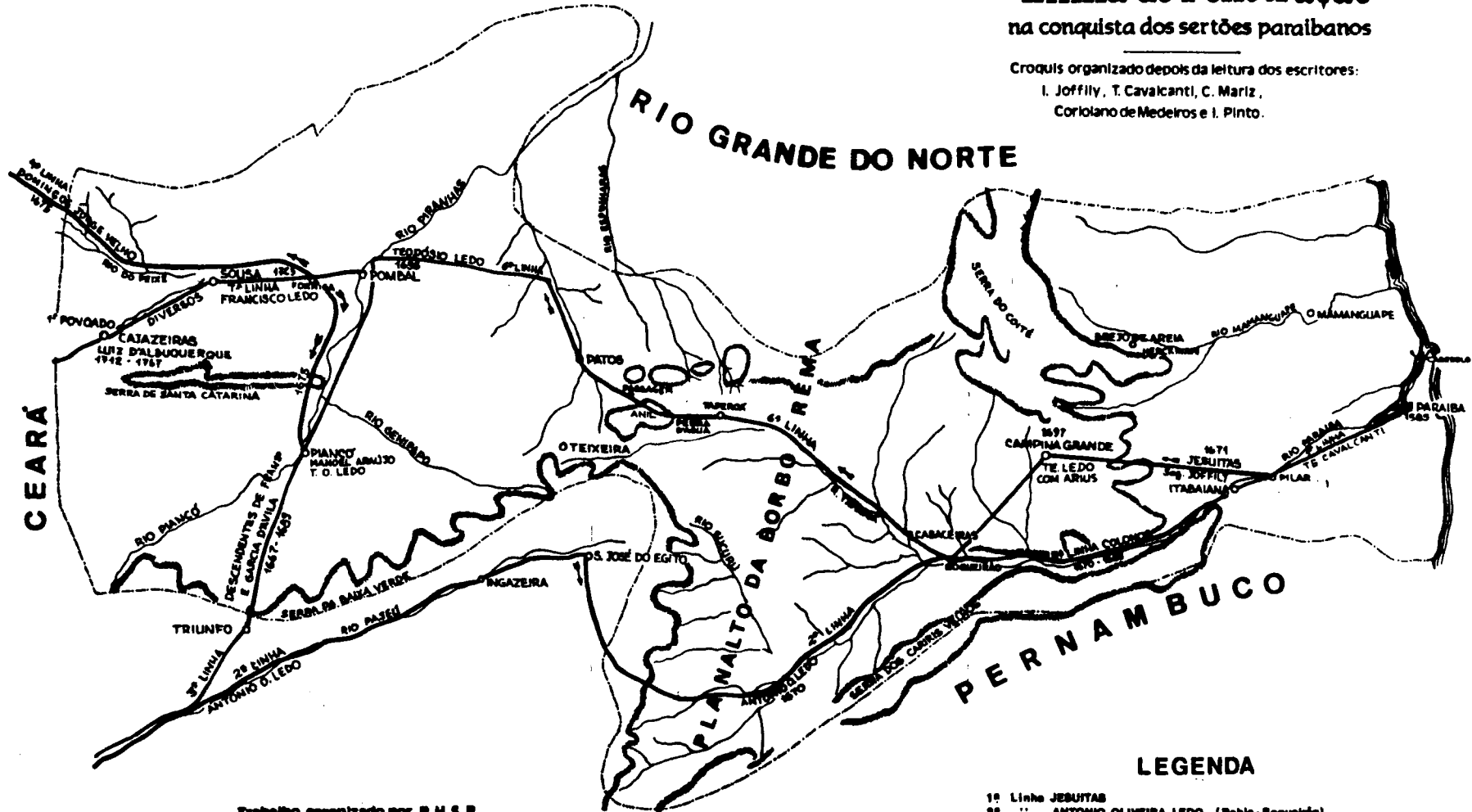
"Cajazeiras é o meu berço. Só tem uma coisa que acho ruim aqui: é a desigualdade das pessoas. As pessoas aqui são tratadas se tiverem amizade com algum grandão, se não até no hospital, nos clubes são maltratados. É uma pena isso aqui poderia ser melhor que o sul. Mas tá cedo ainda, pode se fazer muita coisa. Ainda mais quando a gente sabe que Cajazeiras sempre foi enxirida."

"Eu adotei Cajazeiras pra morar porque aqui, eu acho, é a melhor cidade do mundo. Tem problemas como todas as outras que conheci, mas só as amizades que a gente faz aqui, não se faz em canto nenhum do mundo. Poderia ter mais emprego, mas isso é coisa para os políticos pensarem como resolver. Também os ricos daqui que moram todos fora da sua terra poderia dar uma força e melhorar mais a vida das pes-

Linha de Penetração na conquista dos sertões paraibanos

Croquis organizado depois da leitura dos escritores:

I. Joffily, T. Cavalcanti, C. Mariz,
Coriolano de Medeiros e I. Pinto.



Trabalho organizado por R. H. S. P.
e pelo técnico cartógrafo Adauto Miranda

LEGENDA

- 1ª Linha JEBUITAS
- 2ª " ANTONIO OLIVEIRA LEDO (Bohéia - Boqueirão)
- 3ª " GARCIA D'AVILLA (Bohéia - Pianco)
- 4ª " DOMINGOS JORGE (Pilar - Rio do Peixe e Formiga - Pianco)
- 5ª " COLONOS (Pilar - Boqueirão)
- 6ª " TEODÓSIO DE OLIVEIRA LEDO (Boqueirão e Pombal e depois Boqueirão e Campina Grande)
- 7ª " FRANCISCO OLIVEIRA LEDO

soas. Mas eu não tenho do que me queixar."

Até aqui fizemos um esboço sintético do que obtivemos de opiniões sobre o significado da cidade para seus moradores. Como podemos observar estas opiniões que tentam perspassar um significado caminham para uma explicação do sentido da realidade em vista das condições de emprego, da vivência em comunidade e da comparação entre lugares, além de já se perceber uma certa crítica referente aos encaminhamentos para a solução dos diversos problemas que a cidade apresenta. Quer dizer o significado extraído é uma problematização da realidade embutida em avaliações que passam por estes pontos expostos anteriormente. Tentemos avançar entendendo esta cidade como signo de leitura para o Sertão.

2.1. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO E CONSEQUÊNCIAS:

Voltando a questão da discussão relativa as origens de Cajazeiras quando colocamos que em algum lugar da história as explicações aparentemente divergentes convergeriam é que, embora, na análise tradicional não se atente para uma possível ligação entre o fenômeno abrangente, nesta já existe uma preocupação em se buscar como se deu o povoamento dos sertões da Paraíba, todavia, não atentando para conexões com um projeto maior. Assim é que o Padre Heliodoro no seu trabalho antes colocado aponta para uma prospectiva em busca de se saber as nossas origens tendo inclusive alaborado com a ajuda de um engenheiro cartógrafo um mapa onde delinea as linhas de penetração com suas origens, pontos de partida e

roteiros de viagens. Não entraremos aqui na discussão que se faz entre os historiadores sobre as famílias que primeiro irromperam por ai. Aceitaremos as máximas que nossas origens remontam a pessoas vindas dos Estados do Ceará, Bahia e Pernambuco e da própria Paraíba. O importante a ressaltar-se é que este foi um dos espaços que mais demorou na sua "conquista". A alegação para tanto é que os terrenos eram muito íngremes, a vegetação bastante traiçoeira e a falta de água, como sempre imperiosa, além dos interesses serem por demais variados entre aqueles que se aventuravam.

Segundo a pesquisa do Pe. Heliodoro preocupada excessivamente com nomes e datas e pouco importando para os objetivos dos exploradores houveram sete linhas de penetrações no interior dos sertões paraibanos, a saber: 1^a linha comandada pelos jesuitas, que partiram da Capital até Pilar saindo por volta de 1585; a 2^a linha comandada por Antonio Ledo partindo do Estado da Bahia até Boqueirão com marco de chegada em 1670; 3^a linha a frente Garcia D'Avila saindo também da Bahia e chegando a Piancó em torno de 1667; 4^a linha que estava sob o comando de Domingos Jorge com partida na Bahia, passando pelo Piauí e Ceará e finalmente chegando a Piancó por volta de 1675; 5^a linha com participação de colonos e jesuitas saindo já de um trecho do interior da Paraíba procurando se aprofundar em direção a Boqueirão tendo o percurso sendo feito entre 1670 e 1680; 6^a linha a frente Teodósio de Oliveira Ledo que fez o percurso Boqueirão, Pombal, Piancó e depois Boqueirão chegando finalmente a Campina Grande por volta de 1697; e a 7^a linha denominada

Pombal-Sousa. Anexo reproduzimos o mapa delimitando estas linhas a fim de que nos passe a idéia de como se processou a ocupação dos sertões paraibano.

Cajazeiras então aparece como uma conquista das pretensões de extensão do patrimônio territorial do latifúndio baiano de propriedade de Francisco Dias D'Avila. Todas estas expedições tiveram influência desta família. O local Cajazeiras foi conquistado numa extensão das conquistas anteriores, no caso Pombal. Sabe-se de antemão que a população que aí se instalou convergiu de linhas diversas dando uma miscelânea de interesses e aparece apenas como expressão territorial não havendo interesses expressos, apenas a posse. Pela confrontação das datas de partida e chegada das expedições notamos o quanto se demorou o desbravamento dos sertões de Cajazeiras, em virtude das grandes dificuldades de penetração, além da resistência dos índios aí residentes.

"Comparemos as datas.

Comparemos primeiramente Pombal e Cajazeiras. Pombal recebeu o predicamento de vila em 1766, Cajazeiras foi elevada a vila em 1863, quase um século com anos para um trecho de 20 léguas (esta é a distância entre Pombal e Cajazeiras).

Em segundo lugar, entre Boqueirão e Cajazeiras: dá-se em 1670 a formação do núcleo de Boqueirão, Cajazeiras funda-se em 1800. Quarente e três anos depois, Cajazeiras é ainda tão insignificante que é apenas considerado distrito de paz da Comarca de Sousa. De 1670 (Boqueirão) a 1800 (Cajazeiras)

Terceiro, entre a Capital e Cajazeiras: o estabelecimento definitivo faz-se na Paraíba, a 1800, i.é., da Capital a Cajazeiras, vão 215 anos de separação. Por ai se avalia quanto foi penoso e lento o povoamento dos sertões do Nordeste brasileiro, especialmente o Estado da Paraíba: um século para 20 léguas; dois séculos do extremo oriental às fronteiras ocidentais do Estado" (PIRES, Pe. Heliodoro. op.cit.p.43)

Mesmo que haja divergências com relação a nomes e datas nestas observações dá para termos uma idéia de como se processou a ocupação de Cajazeiras que se deu articulamente ao desenvolvimento e expansão da economia mundial, mais especificamente em face dos interesses da coroa portuguesa que no afã de garantir aos colonizadores as condições para que produzissem o que a coroa precisava a fim de saldar suas dívidas, sendo importante que se dispusessem dentro destas colônias de espaços onde se pudessem produzir para o seu auto-consumo. Dai ser destinado aos sertões a sua ocupação com objetivos precípuos de cultivo de culturas de consumo interno e que servisse também à população que se dedicava a cultura da cana-de-açúcar, bem como a criação de animais. Por ai começou-se a traçar os destinos que este povo teria.

Registre-se, outrossim, que anteriormente a ocupação que estes aventureiros empreenderam em função de garantir-se a posse da terra e nela produzirem a agricultura e se dedicarem a criação do gado solto, os sertões de Cajazeiras achavam-se habitados pela nação dos Cariris, indios

que se ramificavam em diversos grupos sendo que aí moravam os Icós que na descrição de diversos autores eram robustos, fortes, cor acobreada, nariz bastante grosso, um rosto por demais redondo e cabeça chata. Eles resistiram o quanto puderam para não se tornarem escravos trabalhadores das fazendas de açúcar, todavia, a força dos devastadores era muito mais poderosa a ponto deles terem sido dizimados em pouco tempo.

"Nos sertões do Nordeste, os bandeirantes abriam caminho entre os selvagens a tiro, a punhal, a cacete, a grito, a combate, a fogo, de modo brutal, pérfido e não raro cruelíssimo."

(PIRES, Pe. Heliodoro. op. cit.p.27)

Para se ter uma idéia do que ocorreu com os habitantes donos das terras nestas paragens:

"Parece que nenhuma das capitânicas do grande quadrilátero formado pelos rios S. Francisco e Paraíba e costas orientais e setentrionais do Atlântico tinha população tão numerosa como a Paraíba. (...)

Entreve-se que a população do território paraibano não seria inferior, no fim do século XVI, a 50 mil almas, da qual cerca de dois terços perecendo nessas carnificinas da conquista, um terço mais ou menos ficaria, escravizados uns, e aldeados o maior número."

(Irineu Joffily. citado p/ Pe. Heliodoro Pires. op. cit. p. 45)

E acrescentamos nós que o restante normalmente foi dizimado.

Sabe-se que a população do sertões da Paraíba é resultante do contacto favorecido pelos trabalhos agrícolas entre europeus, africanos em pequeno número, e americanos que se fundiram com os nativos. Destes povos temos o sertanejo que predominantemente é composto de brancos ou pessoas de peles variando entre o branco e o indígena, dando pessoas morenas de olhos verdes, o que mostra a predominância do elemento português.

Estas informações são necessárias para que tenhamos objetividade ante a análise da ocupação do espaço e como este se conforma hoje em dia.

O crescimento populacional se deu de forma lenta só se acelerando quando do "boom" do algodão, ainda mais acrescente-se que esta área sempre foi passagem, local de abrigo provisório e os que aí se instalavam que fossem de fora sempre mantinham o desejo de retornarem e logo que podiam realizavam este desejo. Todavia, suas marcas ficavam pelo caminho. Este movimento populacional se deu muito em função da especulação da existência de ouro pelas redondezas o que favorecia deslocamentos permanentes logo que os que se atiravam nessa sorte percebiam que esta informação não passava de engano. Temos a considerar também que com o declínio da cultura da cana-de-açúcar um forte movimento de deslocamento de mão de obra desta atividade para os sertões a fim de se inserirem principalmente na agricultura e em menor proporção na pecuária, visto que esta atividade não carece de muita mão de obra. De sorte que temos o seguinte quadro relativo a população de Cajazeiras que nos dá uma idéia de como o

desenvolvimento populacional tem se verificado nesta área:

Crescimento da População de Cajazeiras			
ANO	URBANO	RURAL	TOTAL
1950	8.293	21.615	30.918
1960	17.055	22.049	39.104
1970	25.975	17.804	43.779
1980	31.556	14.885	46.439

Fonte: Censos Demográficos - IBGE: 1950, 1960
1970 e 1980

O crescimento da população de Cajazeiras como se pode depreender da análise deste quadro não apresenta grandes saltos, apesar da tradição da composição das famílias nordestinas de apresentarem muitos elementos. A primeira constatação que nos chega na observação desta tabela é a grande mobilidade da população da área, constituindo o fato das migrações, acrescenta-se que nos períodos compreendidos entre 1970 e 1980 a atuação da BENFAM (Sociedade de Bem Estar da Família) que disseminou o uso de anticoncepcionais, além da prática da esterelização das mulheres. Este órgão foi bastante bombardeado como deveria ser pela Igreja e outras entidades que viam na prática um abuso por não conter na sua programação o fator educação para o uso de tais preventivos sendo estes distribuídos sem nenhum critério nem tampouco acompanhamento médico-educacional. Desta forma, tivemos um forte embate baseado em dois princípios decorrentes da atuação das pessoas no seio social: A Igreja por conta dos seus dogmas e partidos políticos e entidades tais como Centros Cívicos e Diretório Acadêmico que se atinham a questão política da imposição do controle da natalidade. Se bem que podemos sentir também na

atuação da Igreja um forte componente político no seu discurso, notadamente, na parte de clero mais esclarecido e que conjuga também a política à sua prática. Por conta deste embate muitas cabeças rolaram principalmente na Igreja visto que a sua composição na Diocese é basicamente conservadora e alguns que tentaram imprimir outros rumos ficando do lado das questões relativas a população tiveram que optar por outros caminhos, outros meios de atuação fora do espaço da Igreja.

Com relação as migrações poucas informações temos com dados que possam comprovar como estes deslocamentos ocorreram, deduzindo-se que tenha sido forte por haver na área uma estrutura bastante estimuladora aos deslocamentos, tais como boas estradas, serviços de ônibus bastante desenvolvidos e incentivos até dos poderes públicos a fim de se livrarem de um contingente altamente perigoso nas formas de cobranças para a resolução de seus problemas.

Por outro lado, observamos que já a partir dos anos 50 houve um forte movimento de êxodo do campo para a cidade. Diversas causas podem servir para a explicação destes deslocamentos, notadamente, a falta de perspectiva de no campo poder realizar as aspirações de uma vida além sobrevivência. O que é comum em outras áreas envolvendo o fenômeno do êxodo tais como as questões de terra, por ai as coisas se verificam de outras maneiras. Exemplificando: em conversas com pessoas idosas, notadamente, aposentados rurais que hoje vivem na cidade, estes colocam que sempre existiu no sertanejo o desejo de se livrar das lides do campo por vários motivos. Dentre tais teríamos a constante interferência das secas que

desesperançaram os agricultores e proprietários principalmente por inverter as relações de trabalho que até então existiam. Como na área não se verificam concentrações de terras expressivas, mas um esquadramento que dá uma grande maioria de pequenas e médias propriedades, estas começaram a ser trabalhadas principalmente pelos familiares dos proprietários que desfazendo-se dos antigos moradores que trabalhavam regidos pela partilha, meia, quarta, terça e toda uma série de contratos orais de trabalho e que eram rigorosamente cumpridos em especial pelos trabalhadores e muita das vezes descumpridas pelos proprietários. Estes na maioria das vezes dispunham de mercearias significando que ficavam com quase toda a produção considerando-se que as compras dos produtos que necessitavam os trabalhadores se efetuava nestas mercearias que recebiam como pagamento os produtos resultantes das partilhas contratadas na relação estabelecida. Com a intervenção do Estado na área quando dos fenômenos das secas dando a cada trabalhador dinheiro-salário pelo trabalho que estes executavam estimulou-se no campo a prática da diária. A diária consiste justamente na dispensa do trabalhador do campo e este passa a residir na cidade só retornando ao campo quando necessário se faz para trabalharem na broca, queima, plantação, limpeza e colheita. Por ser ainda uma prática agrícola muito rudimentar na maioria dos casos das propriedades sertanejas há uma exigência de muitos braços para uma colheita relativamente pequena, por isso, as diárias são insignificantes e servem só para reproduzir-se a miséria no espaço urbano garantindo sempre a disposição da mão de obra a todo tempo. No tempo

restante em que não se requer mão de obra no campo estes passam a viverem de biscates na cidade. É o processo de proletarização no campo. Trabalham na construção civil como serventes, pedreiros, nas minas de pedras na confecção de paralelepípedos e cascalhos, engraxam sapatos, enfim "se viram". Um fato curioso nos chamou a atenção, embora os dados estejam defasados em função da inexistência de um recenseamento mais recente, todavia, se aposta como pouco mudou as feições da realidade, foi o fato de em 1980, 68,31% da população do município de Cajazeiras residir na zona urbana e destes um percentual de aproximadamente 70% tem atividade ligada a terra. Desta forma, restava-nos entender este processo ainda se citarmos como fator fundamental destes deslocamentos de população da zona urbana para a zona rural, notadamente em Cajazeiras, ao fato do desencanto com a terra, com a prática da agricultura e muitos proprietários terem optado pela criação de gado de forma mais sistemática, já que esta atividade nunca foi preponderante pelo menos nesta área. Como sabemos, esta atividade necessita de poucos braços, conseqüentemente o que resta necessariamente tende a migrar em busca de outras oportunidades.

Alie-se a estes fatores o fato de na tradição apesar da área ser predominantemente destinada a agricultura esta atividade jamais mereceu o respeito e sim tratava-se sempre como uma evidência passageira. "Não estou louco de viver a minha vida puxando cobra para os pés". Puxar cobra para os pés é justamente o ritual da agricultura que parece sempre foi um castigo para os sertanejos em especial por conta

das condições climáticas, pouco uso da técnica, sendo a mais comum o uso de enxadas, foices, e roçadeiras. Então, todos alimentam o desejo de ir para a cidade e envolver-se noutras atividades que não a roça. Um idoso nos coloca que esta tendência de sair do campo para a cidade é culpa das rádios. "As rádios vivem dizendo que na cidade tem tudo, você pode trabalhar e ter um salário que é o que as pessoas querem e na roça, coitado, só se trabalha pelo feijão e o arroz". Este depoimento é sintomático na medida em que põe a culpa numa análise de coração, tendo por base a aceleração da "modernidade" nas cidades do Sertão nordestino, sentimento forte de vivência na roça, numa aspereza de solo e de pele, notificado pelo suor que muito escorreu pelo corpo, vida alimentada por uma perspectiva de um dia abandonar este tipo de vida e conseguir viver na cidade, esta sim, possibilitadora de realizações de aspirações mais saudáveis. A análise passando a situar dentre as causas para o êxodo a insistência das rádios em divulgar a cidade como local ideal ultrapassa o senso comum e consegue vislumbrar numa aparelhagem informacional a desagregação das relações do campo. De fato, Cajazeiras foi a primeira cidade do Sertão a desenvolver um sistema informacional muito forte e dentro daquele projeto de situar as cidades numa perspectiva de domínio estratégico do espaço. Muito estas rádios ajudaram na consolidação deste projeto. Só Cajazeiras conta atualmente com três rádios.

A nossa pretensão neste trabalho é tratar do cotidiano, daí não nos atermos muito a dados matemáticos, estatísticas que enfatizam a realidade, porém, dentro dos seus

parâmetros metrificados. Nos importam a fala e o discurso efetivados no cotidiano, por isso, esta leitura se prende a observar outras faces das questões aí discutidas. Nossa intenção é a apresentação dos signos que dirigem o cotidiano sertanejo. Por aí é que traduzimos das informações que colhemos ser o fator salário fundamental enquanto projeto de vida de todas as pessoas. Talvez por não contar as relações de trabalho com uma definição de paga, ou seja, se trabalha de qualquer forma, contanto que se lhe seja recompensado de alguma forma com mercadoria ou dinheiro, o salário é o que move o processo. Houve nesse percurso da história do Sertão uma mitificação do salário de sorte que todos desejam ter um salário pelo trabalho que realiza, E na perspectiva do homem da roça o salário só se encontra na cidade. Embora, consigam no sistema de diária também dispor de um salário no campo, este simbolicamente só se consegue num espaço urbano. O salário assim assume a segurança da pessoa e da sua família, não importa quanto seja, importa poder contar com ele sempre num dia certo e daí poder contar com o crédito a sua disposição. Aliás, é importante se observar o quanto o "fiado" existe nas relações comerciais que aí se desenvolvem. O salário é o símbolo que importa ao fiador. É a segurança que se dispõe para rolar para frente as despesas presentes.

Fizemos estas colocações em virtude do urbano e do rural por uma questão técnica. Todavia, no cotidiano das relações e da vivência pouco se verifica de elementos diferenciadores do que existe no campo e na cidade. De sorte que temos um embrincamento e pouco se pode selecionar enquanto

elementos eminentemente rurais e urbanos. Na cidade as relações são estabelecidas tendo como parâmetros o campo. O regime de mercearia lembra muito os barracões. Os barracões vivem em função da pesca do salário através da venda de produtos que os próprios trabalhadores produziram e os compram já beneficiados a preços altamente diferentes dos que venderam. Assim as mercearias também vivem da cata do pouco dinheiro que se tem em circulação fruto das diárias do campo, dos salários da cidade. A cidade é movida por um exército de funcionários públicos das três esferas, do comércio que alimenta com a região circunvizinha, de cerca de 10 pequenas fábricas de móveis, 3 fábricas de doces, 2 de colchões e 5 de redes. Enfim, trata-se de uma circulação escassa de dinheiro que no entanto alimenta a dimensão urbana da área. Numa volta que se dê pelas suas ruas verificamos a coexistência pacífica de animais para alimentação doméstica, juntamente com as pessoas numa combinação perfeita, sem estranhamentos. A cena mais comum é encontrarmos um carro buzinando junto a carroças movida por animais. Há uma verdadeira simbiose de aspectos genuinamente rurais dentro de um aglomerado urbano. A urbanidade assume feições próprias pela infra-estrutura deveras muito desenvolvida. É sabido que mais de 70% da área urbana é servida por rede de esgoto-sanitário, água encanada e de 17.000 moradias na zona urbana há instalação de eletricidade em cerca de 15.000 residências. Conta-se ainda com uma ampla rede de transporte intermunicipais e interestaduais.

Assim, não podemos fazer delimitações formais

quanto a essência do fenômeno urbano e rural. Estes se acham imbrincados nas duas zonas. O rural se apresenta nas relações e cotidiano do urbano, assim como o urbano é uma expressão do desejo do rural implicando em possíveis mudanças. Desta forma, a cidade é tão somente a ritualização do salário na zona rural se tem o dinheiro que se ganha por um dia trabalhado, mas a forma salário só se efetua na cidade. Esta é uma relação simbólica que exprime antes de mais nada a vontade da generalização de uma relação trabalho-capital, onde a mediação se dê pelo dinheiro em forma de salário.

A vontade mais generalizada a nível de população é conseguir-se o emprego, porque este facilita que "eu tenha o salário". Sabe-se, e por absoluta falta de organização da Prefeitura e órgãos de controle do funcionalismo estadual não pudemos conseguir dados detalhados em números, que existe um contingente muito grande de funcionários públicos na área da cidade. Não importa se o salário seja baixo, importa que se tenha o "emprego" sinal de vínculos oficiais com o Estado que possibilita o status de assalariado abrindo-lhe crédito pessoal junto ao comércio e a sociedade. Geralmente estas expressões: "eu tenho um emprego"; "eu tenho um salário certo" indicam que o "fulano" é empregado de alguma repartição pública e não faz nada, não trabalha, se tem algum trabalho quando as denúncias afloram, este consiste em se assinar o ponto. É notório em Cajazeiras a existência de funcionários da Assembléia Legislativa que funciona em João Pessoa que só se dirigem a sua repartição para assinarem o ponto, geralmente, de todo o mês, e receber o salário

correspondente. Muito baixo por sinal. Aliás, os salários do Estado e da Prefeitura são baixíssimos. Conversando com um ex-prefeito este nos afirmava: "é melhor manter muitos funcionários na casa já que eles garantem votos na eleição e mesmo reparte-se os recursos". Esta é a mentalidade que predomina, na classe dominante politicamente. É também a mentalidade dominante nos circuitos econômicos. Ninguém tenta nada de novo. É preferível se manter tudo como está! Esta é a lógica da dependência, da dependência, da dependência.

2.2. A TERRA, A CIDADE E AS MIGRAÇÕES:

É corrente entre os sertanejos que eles moram em um lugar desabonado por Deus precisamente por contar com clima adverso conseqüentemente com solos desapropriados ao cultivo, prestando-se apenas à criação, assim mesmo, quando o clima colabora. Estudamos esta característica quando procuramos tratar o Sertão como mito. Acreditamos está intimamente ligado a esta questão o desejo que todos tem e alimentam de procurar outros afazeres que não careçam do campo para se concretizarem. Há evidentemente na vida e mentalidade destas pessoas a forte distinção entre campo e cidade, principalmente pegando-se como critério as atividades que aí se desenvolvem, no entanto, não se atenta para as imbricações que estes dois estilos de vida apresentam no cotidiano das relações sociais em curso.

O município de Cajazeiras originariamente compreendia um vasto latifúndio de propriedade do pernambucano

Luis Albuquerque. Como em todo o Sertão a questão da terra não diz respeito a concentração gerando por este fato desavenças e lutas quanto a posse. O que realmente aconteceu nestas paragens foi um verdadeiro esfacelamento da propriedade em virtude das heranças. Com o crescimento das famílias estas iam se apoderando de pequenas porções de terra, que posteriormente eram repartidas com os herdeiros, sendo este fato ainda hoje de comprovação rotineira.

DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS P/ CLASSES DE ÁREA (ha)								
Ano	Estabe- leci - mentos	Área	(ha)	(ha)	(ha)	(ha)	(ha)	(ha)
			0 - 50	50 - 100	100 - 200	200 - 500	500 - 1000	1000 - 2000
1950	1.263	58226	1000	141	65	30	00	02
1960	1.023	69451	1492	200	70	47	12	02
1975	1.579	51929	1405	47	20	07	02	-
1980	1.261	45363	1070	106	48	25	00	04

Fonte: IBGE - Censos Agrícolas: 1950, 1960, 1975 e 1980

O que depreendemos da apresentação deste quadro é uma movimentação no número de estabelecimentos agrícolas e a consequente divisão de áreas de propriedades que comprovam o que vínhamos afirmando anteriormente. Na realidade não se observa uma concentração de terra no que diz respeito a extensão territorial destas propriedades. Existe uma movimentação em consequência da venda e das transferências de proprietários para a cidade a fim de tentar outras atividades. Percebemos que de 1975 a 1980 houve significativa diminuição da área total das propriedades, isto se devendo ao desmembramento de Cachoeira dos Índios que adquirindo independência política-administrativa dá uma mudança no

quadro. Assim também ocorre neste período uma aglomeração pequena de terras em propriedades de quantidade maior de hectares, creditamos esta mudança que concentra a terra, ao desencanto com a mesma e a canseira que fazem com que os pequenos agricultores desistam e vendam suas propriedades a quem quer na terra prosseguir, mesmo sendo com a criação de animais. Mas, o que observamos no todo desta situação é uma concentração de pequenas e médias propriedades que no cômputo geral possibilita ao proprietário a sua reprodução enquanto tal. Apesar de no nosso País a questão da terra merecer observações importantes concernentes a concentração fundiária, no nosso caso, a situação é diferente com problemas de outras ordens. Dentre tais problemas salienta-se a degradação ambiental constante com prejuízos notáveis para o solo que a cada dia vem perdendo a sua fertilidade devido a sua exaustão. Este é um problema sério que deve ser entendido num contexto de técnicas altamente rudimentares que se utiliza na agricultura aí praticada. Esta consiste ainda da tradição indígena que quando nas suas condições era por demais conveniente, todavia, com a resistência em se persistir nesta prática sentimos o cansaço do solo e a conseqüente diminuição da produção, que se agrava cada vez mais quando ocorre o fenômeno das secas. A agricultura aí é praticada da seguinte forma: primeiro é feita a "roça" que consiste na tarefa de roçar a vegetação, "o mato"; segue-se o encoivramento que é o passo anterior a queima que é chamada "broca". Aliás, todo este processo define-se pela broca que começa pelo roçado até a queima da vegetação que nasce no intervalo entre os períodos

de plantações. A maioria das propriedades faz culturas de milho, feijão e algodão. Estes produtos são plantados espaçados um do outro, todavia, no mesmo espaço. Não se verifica nenhum rodízio de cultura. O arroz é cultivado nas denominadas várzeas ou baixios que são terrenos baixos com possibilidade de acumular água por determinado período servindo para "irrigar" a plantação. É o chamado arroizal. Também na roça planta-se as verduras e frutas tais como melâncias, melão, pepino, quiabo, maxixe, e outros. Estas plantas são colocadas entre o milho, o feijão, e o algodão. Em algumas propriedades é também costume se plantar nas cercas o gergelim que é usado para a produção caseira do doce "espécie", feito a base de rapadura, farinha, temperos e gergelim pilado. Como se vê este tipo de agricultura é destinada somente ao consumo interno e pouco sobra para que seja colocado nas feiras ou armazéns para ser comercializado. Cada propriedade constitui um sistema de auto-subsistência e o contacto que mantém no mercado consiste da troca de produtos, vez que é posto o que sobra do consumo para a venda a fim de adquirir outros que não são produzidos internamente. Inclusive, "o tempero" que são as carnes. Estas são obtidas das criações. A roça, propriedade pequena ou média, é um estabelecimento direcionado a fornecer a manutenção geralmente da família do proprietário, e quando tem morador também as destes. Nos últimos tempos, como vimos anteriormente, os pequenos e médios agricultores preferem pagar por dias de serviços prestados a ter moradores fixos. Nestes dias de serviços computa-se no pagamento a alimentação que o

trabalhador consome que consiste basicamente de feijão, cuscuz e toucinho. Quando o tempo vai indo bem pode-se contar com a bondade do proprietário que também fornece a rapadura para sobremesa. Em janeiro de 1991 a média do que se pagava como diária era de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros). Esta quantia correspondia a um quilo de café e outro de açúcar.

Observamos anteriormente que o movimento do campo para a cidade tem se acentuado nos últimos tempos. Tentemos agora compreender como este acontecimento se dá e o que ele provoca.

Primeiro acontecem as transferências, chamadas de êxodo pelos motivos que discutimos anteriormente, dentre os quais enfatizamos como os mais importantes a introdução do salário no campo e a crescente tendência à urbanização já que esta foi mitificada significando a redenção do homem enquanto possibilidades de realizações de sonhos acalentados de se tornar homem da cidade; além do forte desencantamento com as relações que no campo se desenvolvem e a falta de perspectiva na vida. Estes são alguns dos motivos que na nossa compreensão ajudam a intensificação do êxodo. A primeira tentativa do homem de se livrar do campo é a sua vinda para a cidade que lhe é vendida como palco de realização dos sonhos que ele tem acalentado a tempo. Chegando a cidade procura-se uma família que lhe dê guarida por algum tempo, até que as coisas se arrumem. Geralmente vem em primeiro lugar o chefe da família e posteriormente o restante. As vezes esta etapa é queimada e vem logo todos de uma vez. A família da cidade que abriga a do campo começa a se queixar que não está dando para

"segurar a barra". Enquanto isso o "beradeiro", como é chamado o homem do campo na cidade, fica tentando encontrar ocupação e moradia "sua". Nesse interim topa-se qualquer parada. O trabalho mais frequente é de "chapeado", carregador de peso na cabeça, descarregando os transportes que trazem mercadorias para os armazéns. Outros dispõem-se e vão para as portas de supermercados, existem seis de grande porte na cidade, e ficam se oferecendo para carregarem as feiras acompanhando os consumidores até suas residências, recebendo por este trabalho pequenas quantias. Alguns ainda se arriscam a seguirem para os riachos e acudes, quando estes tem água, e vão à pesca. Enfim, faz-se qualquer serviço desde que ajude a família hospedeira a segurar as despesas. Os dias vão passando e o hábito da cidade vai se arraigando nessas pessoas e daí passam a procurarem terrenos desocupados, mesmo que estes já tenham "dono", caso de dois bairros populares da cidade, e aí instalam-se primeiramente em barracos improvisados, sendo estes de pequena duração, porque enquanto isso, vai se conseguindo as madeiras, e o barro dispõe-se no local e daí passam a nos domingos a construirem as casas de "taipas". Barro (argila) e madeira amarradas com barbantes. Nesta tarefa os vizinhos se reúnem e põem-se a ajudar o novo companheiro. Este tipo de habitação é o foro da cidade, no caso de Cajazeiras. Estima-se, na Prefeitura, que existem em torno de 2.000 construções deste tipo. É bom de se observar que estas habitações são um passo para a fixação do homem do campo na cidade, porque o passo seguinte é ir juntando material para a construção da casa de tijolos (alvenaria), o grande sonho.

Há uma visível segregação urbana nesta realidade. As condições da cidade passam por profundas modificações no seu esquadramento, no seu desenho. Dessa forma, vamos ter bairro predominantemente de pessoas de classe média que consiste do centro da cidade, anteriormente habitado por ricos que se deslocaram para bairros novos onde encontramos construções imponentes, ficando a classe média no centro e em outros dois bairros anteriormente delimitados para pessoas de baixa renda. Enquanto isso, cercando a cidade conforma-se uma periferia constituída de pessoas oriundas da roça. Consideramos aqui classe média aos funcionários públicos que vivem na cidade, profissionais liberais e alguns proprietários rurais que preferem morar na cidade. O que chamamos de ricos são comerciantes, empresários e proprietários que também se integram na atividade comercial. Então, há todo um esquema segregacionista destes três segmentos. O exemplo mais marcante desta segregação que vem da origem da cidade é a existência da chamada "rua dos ricos", hoje constituindo já um bairro. Conseguir morar nesta rua em certos períodos consistia adquirir-se este status e nunca mais livrar-se dele, mesmo que materialmente não se tenha mais esta condição. É o caso dos ricos que "só ostentam o nome". Mas, voltando ao que vínhamos comentando, o homem do campo ao chegar na cidade e no seu cotidiano se inserir passa uma parte de tempo sem se ater as atividades anteriormente praticadas. Todavia, quando a situação na cidade piora por diversos motivos, então retorna-se ao campo na condição de diarista, contanto que todo dia retorne a cidade. No máximo

fica-se na roça durante a semana e no final retorna-se e se integra a família.

O êxodo rural, preferimos chamar de transferência de cotidiano, é um passo para o que sempre apontou-se como o grande problema do Nordeste e em especial do Sertão. Para se chegar à migração há todo um processo que culmina numa desilusão e completa falta de perspectiva, aguçada pela fome. As migrações se constituem na principal contradição existente na área sertaneja. Todos lamentam e tratam-nas como um problema. Ao contrário do que se possa pensar que seja um grande problema, elas se inserem num contexto e cumprem o papel que foi destinado ao Sertão. Um grande celeiro de mão de obra a disposição. É o chamado "pau pra toda obra". É uma mão de obra desqualificada para outras situações que não a do campo e podendo portanto render a proporção em que não se dispende muito para mantê-la. Basta que se dê e propicie condições à sua reprodução dentro de um quadro de miséria e conformismo para que com isso não haja pedidos diferentes do seu estilo de vida.

Para que o sertanejo migre, ele passa por toda uma série de humilhações e a pior delas é a fome. As migrações acontecem dentro de um contexto da chamada "seca verde", ou seja, nos períodos em que mesmo que haja bom inverno as chuvas se distribuem de forma irregular e portanto não propiciando a que as culturas vinguem, já que não se tem condições de saber quais os períodos em que as chuvas acontecerão. Este contexto é o contrário do que se pensa costumeiramente: o sertanejo migra nos períodos das

grandes secas. Isto também ocorre, mas os sintomas se aguçam mais nas secas verdes, já que se tem o essencial para a agricultura e pecuária, no caso, a água, e no entanto, esta não pode ser produtivamente aproveitada. Mas, íamos falando de fome e pensamos que não se pode falar do Sertão, sem se abordar a questão que constitui um dos problemas, se não for o único mais grave. Por isso, faremos um parêntese aqui para tentarmos entender este mal que ameaça a sociedade sertaneja, impossibilitando dentro de pouco tempo, se não for tentado nada para reverter a situação, a reprodução mesmo dentro da miséria já tida num quadro de normalidade e que serve de identidade para a área. É um problema de garantia de sobrevivência da raça humana no Sertão.

Em quase todas as entrevistas e durante a nossa observação participativa pudemos verificar que a fome tende cada vez mais a se alastrar dizimando homens, animais e vegetação.

Já em 1946 dizia Josué de Castro no famoso livro "Geografia da Fome" considerando as formas de como se dá esta calamidade no Sertão Nordeste.

"Já no estudo desta nova área - a do Sertão nordestino - vamos encontrar um novo tipo de fome inteiramente diferente. Não mais a fome atuando de maneira permanente, condicionada pelos hábitos de vida cotidiana, mas apresentando-se episódicamente em surtos epidêmicos. Surtos agudos de fome que surgem com as secas, intercaladas cíclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do

sertanejo nas épocas de normalidade. As epidemias de fome destas quadras calamitosas não se limitam, no entanto, aos aspectos discretos e toleráveis das fontes parciais, das carências específicas, encontradas nas outras áreas até agora estudadas. São epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças. todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas".

(CASTRO, Josué. Geografia da Fome. 11ª ed. ed. Brasiliense, SP, 1969, p.155)

O discurso de Josué de Castro embarca na visão que todos saem perdendo com o fenômeno das secas e como vimos anteriormente isto faz parte do processo de cristalização do mito sertanejo que entre outras características apresenta a condição de igualdade nos castigos impostos pelo criador. Só o criador poderia castigar a todos da mesma forma e os efeitos deste castigo é a fome para todos. Isto é mentira, sempre foi e foi uma coisa vendida para que os "socorros" chegassem e deles fizessem uso os fazendeiros a fim de dominar politicamente a situação e poder manter seus privilégios junto aos dirigentes políticos. Outra reparação a se fazer, embora, concordemos com quase todos os pontos deste discurso achando que já era uma grande forma de luta nesta época, a título de denúncia, é que a fome alastrou-se a todos os períodos de

tempos. Houve uma modificação na medida em que se generalizou a fome no campo e na cidade. Nas entrevistas e em conversas com pessoas mais idosas o que orgulhava a todos no passado era poder-se comer do bom e do melhor e aí poder gritar a todos que o sertanejo é homem de barriga cheia. Ou seja, comia-se muito e bem. Nos períodos de secas quase não se sentiam os seus efeitos no cardápio de proprietários e daqueles que conseguiam moradia em suas extensões territoriais. Isto ocorria porque quase todos faziam estoque de comidas em seus "paiós", de que se valiam nos períodos de estiagem. Estes paiós são depósitos feitos nas moradias ficando suspensos nas cumeeiras das casas. Este hábito foi diluído com o tempo e as condições que se modificaram. Hoje quase não se observa nas construções este espaço destinado ao depósito de alimentos, visto que a produção tem cada vez mais diminuído e se dá para a sobrevivência de poucos dias e poucas pessoas, ainda bem... De sorte que hoje o problema da fome tem sido uma constante, não podendo mais o sertanejo se orgulhar de ser de barriga cheia e se gabar de poder receber qualquer pessoa e tratá-la como gostaria fornecendo uma boa refeição como se fazia antigamente. Nesse interim houve um empobrecimento também dos proprietários..

Podemos para comprovar o que temos até agora colocado fazer as comparações dos cardápios e a sua evolução no tempo. Se gabam os sertanejos que seus cardápios antigamente consistiam de muita carne, leite, arroz, feijão, farinha, queijos, etc. Tudo em grande quantidade. Estes ingredientes davam pratos saborosos e nutritivos. Com o passar do tempo, este prato foi por demais avariado em seus

componentes e valor nutricional. Hoje temos em comum no campo um cardápio baseado em crias, galinhas e porcos, pouca carne bovina que passou a ser produto de luxo, juntamente com o arroz, feijão, farinha e cuscuz que passam a ser uma constante. Tudo em pequena quantidade. É bom observarmos a história da quantidade, porque sertanejo é "louco" por mesa farta, mesmo que sobre bastante. Além do mais existe uma variação enorme do campo à cidade nesta realidade. De forma que temos a fome socializada para todos principalmente para as populações de mais baixa renda da cidade. Este problema tem se aguçado e chamado a atenção de estudiosos e sociedade em geral que passam a fazer denúncias e exigir que se tomem alguma providência.

É certo que em períodos onde a seca se torna uma calamidade aí a fome se agudiza, todavia, esta realidade é uma constante, caracterizando a área. As soluções são paliativas e visam tão somente remover as consequências. Estivemos alguns dias na saída de um Posto de Saúde observando a movimentação de atendimento ao público. Ficamos surpresos com o que pudemos colher de informações que só comprovariam o que estávamos pensando a respeito das doenças detectadas pelo serviço de saúde. Observando as receitas que iam sendo distribuídas verificamos que quase toda a medicação tinha o objetivo de combater diarreias, vermes, gripes e desnutrição em suas diversas manifestações. Então, era aconselhado e receitado o uso de medicação constituída principalmente de polivitaminas, sais minerais, complementos alimentares de uma forma geral. A medida que iam saindo do consultório as pessoas

se dirigiam ao balcão de distribuição de medicamentos que então faziam entregas de complementos alimentares. Como estamos vendo são soluções visando as consequências da fome e tentando "ajeitar" o problema através de paliativos, os complementos alimentares.

Estas considerações a respeito da questão da fome tem o propósito de buscar entender o processo das migrações. Assim, pensamos que o motor das migrações é a fome. O homem do Sertão só sai para outras tentativas quando a situação não dá mais para segurar e principalmente quando não se pode mais manter a família porque a fome campeia. Este processo tem sua origem já quando do êxodo que é um passo para as migrações. Para que estas aconteçam existe todo um ritual de tentativas diversas para se ficar. Como os resultados destas tentativas são desesperadores decide-se que se tem de partir para algum lugar. No imaginário do sertanejo a partida significa sempre uma chegada em São Paulo. O local de destino pode ser outro, todavia, o que se deseja é chegar em São Paulo, local que permite pelo menos a alimentação do homem e de sua família, assim lhe parece. Como geralmente a decisão para a viagem vem quando já não se tem mais nada, procura-se ajuda de outras pessoas para se conseguir as passagens, quando não se resolve sair de carona. O poder público, notadamente a prefeitura faz tudo o que pode a fim de facilitar as coisas e embarcar mais alguns miseráveis. Quando ela já não pode arcar com este tipo de despesas, apela-se para o bom senso da comunidade. Ai enceta-se uma campanha de solidariedade a fim de ajudar a mais um conterâneo a se ir. Esta campanha é feita

através dos meios de comunicação, as rádios e no serviço de alto falantes que mantêm nas suas programações espaço para este tipo de atividade. Então, põe-se uma música e fica o locutor anunciando o nome de quem quer partir e apelando para a boa fé das pessoas. Logo se consegue a quantia necessária e mais um se vai, ou mais alguns se vão.

Para se chegar a decisão de ter de partir muito se passa de humilhação e sofrimento. A possibilidade de sair da terra natal é algo que ninguém ventila e quase sempre é feita contra a vontade de todos. O desejo quando se sai é sempre voltar. Ninguém vai para ficar e sim para "passar uma chuva". Temos sinceramente que passarmos a recuperar a nossa sensibilidade para estas questões e começarmos a lutar para mudarmos este quadro revoltante de desligamento das pessoas do que elas tem de mais importante na sua vida, a sua terra, o seu lugar.

VII - RESISTÊNCIA E PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS:

O quadro até agora traçado é por demais desalentador e nos mostra quanto é complexa e rica a realidade. E que por mais que nos esforcemos só damos de conta quando realizamos uma análise sobre ela, de aspectos que no momento são mais contundentes e dizem por si só nas relações que se estabelecem no cotidiano. Temos certeza que o trabalho aqui exposto poderia ser abordado de diversas formas dependendo do interesse e do grau de apreensão de quem se detém a analisar o quadro e de como o pesquisador se coloca ante as exigências para reagir no arranjo real. A realidade, portanto, é uma só, complexa e rica de aspectos, fatores e correlações. No entanto, o seu aprisionamento para análise varia de acordo com o que propomos a tratar, na medida em que elejemos um elenco de temas representativos desta realidade.

Parece um contrasenso, no entanto, apesar de termos feito constatações de que a situação chegou a tal ponto de conformação que muito difícil é encontrarmos dados de reação e de exigências para mudanças a longo prazo, temos elementos baseados num instigamento, que sutilmente dizem dos desejos da população em ter sua vida melhorada numa transformação duradoura da realidade. Mas, antes de chegarmos nestes anseios, vamos ver como a população se comportou ao longo do tempo. Ou seja, quais as reações que a realidade estimulou a nível de comportamento e protesto. O que se segue tem por base uma pesquisa efetuada pelo Professor ARIOSVALDO

DA SILVA DINIZ que se dispôs a estudar os movimentos dos saques e naturalmente teve que fazer um percurso prospectivo na história a fim de ter parâmetros e efetuar a sua análise do objeto de estudo.

No seu estudo ele divide a história em dois períodos para efeito de exposição: um que vai da primeira seca que se tem registro, 1877 até 1933. Constatando que já havia registro de saques desde a seca de 1877. Todavia, a forma mais expressiva de resistência neste período são os grupos de "bandidos", o "banditismo social", que eram grupos armados que efetuavam saques e faziam todo tipo de pressão a fim de procederem a todo sorte de "desatinos" e assim mostrarem o seu descontentamento com a situação. A origem destes grupos remonta a causas de injustiças de uma estrutura agrária baseada no latifúndio/minifúndio e nas brigas de famílias. Como essa era uma forma de ação restrita, não possibilitou uma maior participação da população como um todo, e muitas vezes essa própria população se via saqueada dentro da sua miséria, ficando estes grupos reduzidos e escanteados. Os trabalhadores que tinham família e portanto dispunham de pouca mobilidade, apresentavam outras estratégias de sobrevivência e protesto. A mais famosa sempre foi a migração, chamado "protesto mudo", pois que se faziam deslocamentos de uma região a outra sem um objetivo claro de para onde iriam. Estes tipos de protestos se davam concomitantemente nesta fase histórica, entrando o banditismo em declínio nos anos 30 com a morte de Lampião e uma forte repressão do Estado. Além do mais os grupos de bandidos não dispunham de estratégias elaboradas de ação,

sendo movidos pela revolta e tão somente pelo desejo de atingir a propriedade "alheia" e depredá-las. Este é um dos registros mais fortes de protesto e de chamar a atenção para os problemas que se viviam na área, notadamente, as relações estabelecidas a partir da posse da terra.

Nos sertões cajazeirense este tipo de protesto feito pelo "bandidos", "cangaceiros", não teve repercussões, nem contou com a participação da população. Sabe-se que algumas pessoas se envolveram nos grupos, o que era natural tendo em vista que as pessoas que formavam estes grupos se compunham na sua maioria de jovens de até vinte anos e quase sempre não tinham família o que facilitava a mobilidade. Há um fato contado pelos cajazeirenses com um misto de orgulho e simpatia para com estes grupos. Trata-se que Lampião quando andava por estas redondezas foi alertado pelo Padre Cícero que havia estudado no Colégio do Padre Rolim e por este nutria um grande carinho e amizade, e naturalmente o Padre Cícero intercedeu para que não invadissem a cidade e passassem ao seu largo, o que ocorreu. Então, os cajazeirenses se orgulham pelo fato de serem protegidos do Padre Cícero e por isto Lampião com o seu bando não os atacaram. Todavia, este tipo de movimento de resistência não teve grande impacto na área, a não ser comentários, acompanhamentos e torcida por Lampião já que havia claramente nas pessoas a idéia de que a luta dos cangaceiros era uma luta movida por procura de justiça. O que imperou mesmo nesta área foi o protesto mudo das migrações e os saques que sempre foram uma constante.

"Numa segunda fase, a partir de 30, percebemos que o cangaço entra em de-

clínio. Lampião morre em 38. Curisco - o último grande cangaceiro morre em 40 e, enfim, o banditismo entra em declínio. A partir da seca de 30/32 percebemos que o comportamento das populações rurais nessa região passa a apresentar sinais significativo de mudança. É tanto que o Ministro José Américo de Almeida, em dois escritos de épocas diferentes - observa o comportamento da população. Em A PARAIBA E SEUS PROBLEMAS (um dos seus clássicos) ele diz que as populações rurais, sobretudo paraibanas, tem uma índole pacífica, preferindo realmente mendicar a atacar as propriedades alheias. Já na década de 40, quando interventor, ele tem uma opinião diferente quanto a essas populações. Ele diz que elas se tornaram mais agressivas, mais revoltosas. Enfim, o que tenho a constatar é que as secas, a partir da década de 30, já são fenômenos que mobilizam a população em massa para exigir do Estado respostas imediatas quando se configura um quadro de estiagem. Daí pra cá a tendência maior é o crescimento vertiginoso dos saques, em número e também em termos de arregimentação e de mobilização."

(DINIZ, Ariosvaldo da Silva. Entrevista. A União. edição especial 22/08/87)

Houve sem sombra de dúvida uma modificação em termos de dimensão e forma de ocorrência nos saques de acordo com as modificações que se iam introduzindo no campo.

Ocorreu um momento de consolidação da pequena e

média propriedade e o grande desencanto com a agricultura em virtude da sempre ocorrente desorganização da produção agrícola toda vez que se davam as secas, conseqüentemente decidiu-se por implementar-se a criação de animais e a conseqüente dispensa de mão de obra, notadamente, daqueles moradores, meeiros e toda sorte de gente que trabalhava no campo. Estes vieram para a cidade e passaram a ter uma relação de proletários com o campo, no entanto, passando a residir na cidade naturalmente foi conformando-se um cinturão periférico. Estas pessoas vivem do campo quando dá e nos períodos de intervalos fazem biscates, e uma série de outras atividades como vimos anteriormente. A lógica dos saques sofreu transformações conseqüentes a estas modificações da estrutura agrária. Inicialmente os saques eram feitos por camponeses e pequenos agricultores que se deslocavam à cidade e num primeiro momento entravam em contato com as "autoridades" e apelavam para o bom senso dos moradores da zona urbana. A proporção que a fome ia aumentando perdia-se a "paciência" e começavam a saquear as feiras, órgãos do governo, armazéns, etc. Eram ajuntamentos de população reivindicando alimento e trabalho, que ocorrem geralmente em momentos de aguçamento da seca. Atualmente, os saques ocorrem a partir da cidade que dá o sinal para que os do campo venham também e aumente o peso da pressão. As pessoas que residem na periferia e são proletários do campo vêm ao centro da cidade e passam a ajuntarem-se formando uma grande mobilização. Dai que a notícia se espalha e começa a se verificar deslocamentos de populações do campo que ao chegarem a cidade acampam a céu

aberto e geralmente "alguém" da comunidade começa a intermediar as negociações. Para que um saque aconteça muitos passos são dados. O Estado, através da Prefeitura e outros órgãos filantrópicos conseguem fazer campanhas de alimentos e fazem a distribuição. As pessoas retornam aos seus afazeres, todavia, sem nenhuma perspectiva. Quando o alimento acaba eles retornam a cidade, ao seu centro e tornam outra vez a exigir e esmolar alimentos. Nesse interim, ao sentir as ameaças, os comerciantes já tem constituído seus exércitos de defesa das suas propriedades. Colocam pessoas armadas ostensivamente em frente a seus estabelecimentos, quando não isolam a rua. A Prefeitura fornece tratores, caçambas e outros empecilhos que interrompem o trânsito e proibem a passagem dos "mendigos" pelas ruas do comércio. A polícia se põe de prontidão para a defesa também destes estabelecimentos. Há informações que os órgãos do governo antigamente eram muito protegidos pela polícia, todavia, isto tem se revertido na medida em que cresce a consciência de que são "órgãos do governo", portanto, são do "poder da população".

Atualmente, e cremos sempre ocorreu com estes objetivos, os saques tem o sentido antes de conseguir-se alimentos que é emergencial, de exigir e sobretudo isso, a abertura de frentes de emergências. É tanto que atualmente prontamente o Estado intervém sempre que se sente a ameaça de invasões das cidades.

"os saques, sem dúvida, constituem mobilizações da população reivindicando alimento e trabalho. Essas mobilizações ocorrem num momento de estiagem, num

quadro de seca. Sem dúvida, os saques podem e tem funcionado nesse sentido, de exigir respostas imediatas do Estado. É sintomático que sempre que as populações se reúnem, ameaçam invadir cidades e determinados estabelecimentos, há uma imediata resposta do Estado e das autoridades locais. Nesse sentido, os saques, diferentemente do que alguns cientistas sociais consideravam, tem um caráter político, no sentido de que é uma forma de intervenção, consciente ou não, mas que surte efeito, para exigir respostas do Estado, não só em termos de distribuição de alimentos, mas em termos de até interferir nas políticas de trabalho levadas a efeito nos momentos de seca." (DINIZ, Ariosvaldo da Silva. op. cit.)

A grande discussão é saber até que ponto politicamente estes movimentos repercutem na consciência da população. Coloca-se que só o fato das populações adquirirem consciência de que juntos, mesmo desorganizados, conseguem obter uma resposta do Estado, já seria um grande passo para uma crítica da sua situação.

O importante a colocar neste espaço é que convive-se nesta área com estes tipos de intervenções da população tentando resolver as suas questões de vida no nível emergencial. Nota-se que o movimento sindical não tem o respaldo dos agricultores porque foi sempre tido como um órgão distribuição de medicamentos, etc. A dimensão política própria do sindicato não é levada a efeito, e quando isto acontece refere-se a lutas particulares, com a intermediação de

advogados tentando conciliar a situação, nunca aguçando as diferenças. Por isto, o desprezo e a falta de interesse dos camponeses de participarem dos sindicatos. Contrariamente, a classe produtora se acha por demais organizada com representação política própria, o que é óbvio para a situação que vimos apresentando, e com associações que intermediam soluções junto ao Estado.

Passemos então, a comentar o que se aponta como perspectivas para mudanças estruturais para a área, a nível de população consultada e confrontando-se com as soluções de cunho técnico e político, já sugeridas por pesquisadores. Vamos, então, às sugestões que nos dão o senso comum. Colocamos a seguinte questão: "O que você mudaria aqui no Sertão para melhorar a vida de vocês?". Obtivemos em síntese as seguintes opiniões:

"Primeiro era preciso que aqui tivesse emprego para mudar a nossa vida"

"Acabaria com o desemprego, isso aqui tá um negócio feio, muita gente passando necessidade, então é isso, emprego pra todo mundo"

"A estrutura social de Cajazeiras, o comportamento das pessoas que zelam por ela, os políticos que são todos uns safados, e não fazem nada nem por eles nem por ninguém"

"O estado que a cidade tá, tudo de baixo, cabeça baixa, um desprezo total. Hospital em greve, já todo derrubado, né? O que nós tem mesmo em Cajazeiras?"

"Acabaria primeiro com as promessas

dos políticos. Eles só pensam neles. Além do mais tem que se fazer indústria aqui pra pessoas terem emprego, se não vai acabar todo mundo passando fome, até os ricos"

Esta é apenas uma amostragem porque de 48 entrevistas as sugestões se encaminharam quase na sua totalidade para as mesmas opiniões. Há uma repetição evidente do que as pessoas anseiam para que mude as suas vidas. Um fato de estranhamento é que não existe soluções relativas ao campo, apesar de ter sido também entrevistado agricultores, notadamente, pequenos agricultores.

Estas opiniões vão desde o emprego, é necessário criar-se empregos para a população, até mudanças de cunho político, pois que "já estamos fartos de tantas promessas". O caráter político abordado diz respeito principalmente a sensível percepção da imobilidade da realidade. É um quadro imóvel sem apresentar grandes mudanças, ou nenhuma, embora, os políticos prometam sempre melhorar as condições de vida das pessoas. Há uma visível "falta de paciência" da população para com os que vivem da política, uma espécie de cansaço e falta de crédito. Ninguém mais espera, todavia, credita para os políticos que procurem resolver estes problemas pois que já que foram eleitos por conta de suas promessas, então as cumpram. Há uma evidente complementação de sugestões. A medida em que se sugere que os políticos assumam o seu papel e os desempenhem a contento, há uma exigência de que no desempenho destes papéis criem-se condições de emprego para as pessoas. O emprego aparece aqui como a mais importante das exigências. Nas respostas há umas comparações

com Campina Grande e João Pessoa, como parâmetros de idealizações. Esta solução passa necessariamente pela análise até agora feita com relação a situação do sertanejo.

Pensamos que nestas soluções está embutida o desejo das pessoas de se livrarem da atividade cansativa e "sem resultados" do campo. O desejo de se viver na cidade e que nela tenha-se condições de dignidade e que possa corresponder ao mínimo desejado que é trabalho. Mesmo as pessoas do campo deram respostas apostando nessa direção, é preciso se organizar a área urbana com a criação de empregos, através da industrialização. Não queremos aqui efetuar um juízo sobre estas opiniões, só registramos que elas refletem um desespero e a falta de perspectiva, todavia, alimentam um sonho de poderem viver dignamente com um trabalho que possibilite a sua reprodução dentro do seu espaço. Todos afirmam que as migrações não resolvem e que se tem de se tentar alguma coisa, que se tente aqui mesmo.

Por outro lado, o que os estudiosos tem sugerido em virtude de viabilizar a área passa pela integração desta à estrutura do País, a nível de produção. É preciso integrá-la numa economia de mercado o que possibilitaria a resolução dos problemas da população pela criação de empregos. Sem sombra de dúvidas merece respeito e consideração o trabalho do agrônomo JOSÉ GUIMARÃES DUQUE" Solo e Água no Polígono das Secas". Neste trabalho o professor faz um balanço das condições naturais deste espaço ao tempo em que procede uma crítica quanto ao uso dessas condições e aponta sugestões. Dentre as quais vemos as seguintes considerações:

"Com dinheiro e um pouco de técnica pode se atenuar o clima, com muito trabalho é possível proteger o solo; o difícil e demorado é modificar os hábitos depredadores de uma população, é melhorar os métodos culturais na agricultura, é, enfim, conter a ambição daqueles que estão vendendo os recursos naturais para acumular o ouro para os seus proveitos exclusivos.

Uma conclusão, os governos e os políticos devem tirar: a de que o sossego, a saúde e a propriedade econômica da população não se compram com verbas somente e sim, principalmente, apoiando e acatando os conselhos dos técnicos e empregando medidas gerais para que o interesse coletivo paire acima dos egoísmos individuais.

Sendo indispensável a cooperação da Natureza, sendo imprescindível a compreensão do povo, o problema das secas se transforma na questão de educar a população."

(DUQUE, José Guimarães. Solo e Água no polígono das Secas. Coleção Mossoroense. Volume CXLII, 1980, p. 37)

As soluções apontadas pelo professor tem uma preocupação concernente as técnicas de utilização do solo e do plantio que se praticam no Sertão. Não resta dúvidas de que elas são pertinentes e que corremos o risco da "saarização" com evidentes transformações climáticas e de condições do solo que já começa a dar sinais de exaustão. É muito tempo de práticas precárias e predadoras fruto da desinformação e das condições de trabalho. Portanto, há uma necessidade premente de que não

só se aplique dinheiro, mas antes de tudo, que haja um processo de educação visando uma melhor produtividade do solo de forma a que também na área urbana sintam-se os reflexos deste tipo de ação. É preocupação também do professor os tipos de culturas que no seu entender foram forçadas e não tem muito em comum com o tipo de solo não apresentando uma adaptação que possa resultar numa melhor produtividade. Faz-se necessário, portanto, que se procedam pesquisas no sentido de se verificar tipos de culturas mais adaptáveis à área.

Assim, também o geógrafo MANUEL CORREIA DE ANDRADE, vem nos seus estudos sobre o Nordeste sempre apontando sugestões de soluções para os problemas que aí se vivenciam. Mais recentemente no seu estudo "Nordeste: Alternativas da Agricultura", ele aponta que a questão do Sertão não se refere a seca como determinante das estruturas aí dominantes, ao tempo em que procura desmacarar o mito da naturalização do fenômeno. Precisamente assim se expressa:

"Necessário se faz que o Governo tenha um compromisso maior com o povo, fazendo uma melhor aplicação do dinheiro público nas regiões secas; através de uma proteção maior aos trabalhadores sem terra e aos pequenos proprietários, levando aos mesmos o crédito agrícola a juros baixos e orientando-os nas formas de exploração do solo por método conservacionistas, a fim de preservar a capacidade produtiva da terra. Deve-se também, nas áreas conquistadas para a agricultura, pela irrigação, desenvolver o sistema cooperativista de produção, procurando fixar o homem ao solo ,

dando-lhe condições dignas de sobrevivência.

Os grandes programas de irrigação devem ser levados aos pequenos produtores em economia de escala, voltada para a demanda do mercado interno, a fim de que a população possa ser abastecida pela própria região, fazendo cair a dependência em que o Nordeste se encontra da produção do Sudeste e do Sul do Brasil. A nossa proposta é de que tanto o sistema de industrialização da produção agrícola, hoje controlado pelas grandes empresas, como os programas de exploração e beneficiamento de minerais, devem ser integrados aos interesses regionais."

(ANDRADE, Manuel Correia de. Nordeste: 1988, op. cit. p.73)

A proposta acima trata de como rearticular o sistema produtivo do Nordeste e especialmente do Sertão, a fim de que possa a área suprir-se dos produtos de que necessita, por conseguinte, possibilitando a fixação do homem à terra, sem que fique dependendo dos fatores climáticos. Esta solução passa pelo processo de irrigação e consequente maquinização do campo, bem como pelo esclarecimento da população de como poder tirar mais do solo. É uma tentativa para se por a área no contexto produtivo do País, tirando-lhe o estigma da dependência total para a sua sobrevivência. Como vimos no decorrer deste trabalho, por muito tempo a questão da seca era tratada exclusivamente encarando-a como uma questão de falta de água. Há muito tempo tem-se injetado recursos na construção de reservatórios, poços, etc. Portanto, no momento, ainda que

não possa se descartar que quanto mais água melhor, o direcionamento das soluções devem ser mais pragmáticas com introdução de novas técnicas de se aproveitar a pouca água de que se dispõe. O Estado pode continuar intervindo, pois é sempre solicitado, todavia, chegamos a conclusão que já é a hora de se implementar medidas de longa duração, acompanhadas de um processo de educação para a convivência com o campo. Acrescentamos que uma política educacional que seja implementada deve levar em consideração os costumes já arraigados e trabalhar tendo em vista a experiência de quem sempre viveu na terra. É chegado a hora de os técnicos deixarem a arrogância de lado e antes de mais nada serem educados para que possam então atuar, sem serem desprezados pela população atingida. O negócio é de ter em consideração que as pessoas bem ou mal, possuem um cabedal de informações empíricas fruto do cotidiano emergencial e portanto lançam mão do que é mais prático no momento e não raciocinam a longo prazo. No caso, é se considerar esta realidade e na passagem de informação e acompanhamento é necessário lançar mão de técnicas sutis para modificações de comportamentos. Como dizemos, sempre há uma grande distância entre o que queremos e pregamos e a nossa atitude para uma recepção mais proveitosa.

Enfim, pudemos captar das propostas do senso comum e dos estudiosos da questão que não há uma grande distância em termos de perspectiva e de encaramento do problema. O comum é que a questão passa ao largo da naturalização dos fatores físicos e humanos e mesmo que se exija uma solução de cunho técnico, essa solução necessariamente passa por uma

discussão política, visto que a questão Sertão-Seca-Nordeste não é uma questão em si técnica, educacional, etc. Na essência é razão de discussão política frente ao que queremos e como enfrentamos o que nos é colocado. Alguns poderiam argumentar que já há algumas tentativas políticas no resgate da área. Dizemos, porém, que existe uma distância entre a política e a política. A política que tem sido feita é politicagem. É uma politicagem que procura manter as pessoas num sistema de conformação para a dominação e passar uma idéia de que na área tudo é inviável, inclusive o homem que quase sempre é tratado como preguiçoso. É politicagem por entender que esta é uma área de expectativas provisórias. É política quando se entender que ai também é morada do homem. Portanto, temos que torná-la digna dos homens e os homens dignos dela.

VIII - INTEGRANDO O TEXTO-DISCURSO

Ao longo do nosso discurso tentamos esboçar uma caracterização de área onde o elemento que nos serviu de análise em primeiro foi a fala das pessoas habitantes deste lugar, além, claro, da nossa inclusão nesta fala na condição de coincidência de proximidade do espaço do pesquisador e do pesquisado. Bem como também levamos em consideração a bibliografia existente sobre o objeto de trabalho que evidentemente nos iluminou no entendimento das questões que vão sendo colocadas principalmente na sua articulação em vista do tempo e do próprio espaço tratado. Esta área é o espaço sertanejo, detidamente o Sertão de Cajazeiras.

Procuramos seguir as nossas afirmações com relação ao método, na medida que tentamos articulá-lo no processo do discurso. Ou seja, não nos prendemos a categorias anteriormente colocadas, mas procuramos construí-las no decorrer da nossa elaboração. Caminhamos no sentido de construir o método em virtude da fala, possibilitando um discurso calcado na vivência cotidiana dos elementos aventados. Por isso, o nosso discurso não apresenta uma articulação categorial organizada em virtude de uma exposição didática. Antes, deixamos fluir a nossa análise onde colocamos determinados pontos que são tratados a priori e posteriormente no decorrer da redação retomamos em vista da exigência requerida. Notamos uma linearidade na apresentação, não uma linearidade expositiva, mas de articulação de idéias

trabalhadas. Este procedimento se deu de forma proposital corroborando com o nosso entendimento sobre método na perspectiva cotidiana.

Da nossa exposição temos a considerar em caráter provisório que a realidade apreendida neste trabalho diz respeito ao espaço sertanejo que se confunde com seca e expansivamente com a questão Nordeste como um todo. Fizemos um tratamento histórico do problema com propósitos de tratar a realidade como mito que se faz dia a dia, um mito construído em função de intervenções técnicas-estatais que são incorporadas na rotina do sertanejo viabilizando posturas de vida e de atuação no espaço. Notadamente temos a considerar que dentro deste caldo cultural que possibilitou fazermos esta leitura aparece o aspecto sofrimento como de maior incidência na incorporação que possibilita a caracterizar a área como repulsora da população pois culturalmente e fisicamente esta impossibilita as plenas capacidades do indivíduo.

Estas são as conclusões que mais nos chamaram a atenção quando conseguimos captar inicialmente na delimitação desta vivência que o lugar se apresenta como uma categoria construída socialmente e é expressão de expectativas individuais, e se apresentando sempre como um processo.

Sinceramente algumas questões nos tocaram mais profundamente. Dentre as quais salientamos a perda da sensibilidade para o tratamento dos problemas que aventamos no decorrer do nosso trabalho. Ventilamos que isto ocorre justamente porque principalmente passa pela naturalização da realidade social, o que apresentamos. A medida em que

naturalizamos estes problemas a sensibilidade de encará-los é descartada, pois que a natureza não aceita ser desapontada, restando-nos a sua aceitação pura e simplesmente. Portanto, colocamos como de fundamental importância que recuperemos este sentido e mais que isto que passemos a desmistificar esta realidade construindo um discurso onde o embate seja de problematizá-la e de combate ao enfrentamento do tratamento no âmbito do folclore. É essencialmente uma luta política, que deve ser possibilitada pela via econômica de realização do espaço.

Partilhamos com os que tiverem acesso a este trabalho que estas conclusões, torcemos sobremaneira, para que sejam provisórias. Que a realidade na sua dinâmica possa ser transformada e dias melhores cheguem para a população que aí se insere. Foi por demais desgotoso comprovarmos que mais do que pensávamos o problema é sério e tem sido sempre relegado e os objetivos de tais ocorrências, pensamos que deixamos passar nesta dissertação.

Todavia, o que mais nos chama a atenção neste momento é a conjuntura em que este é produzido. Ou seja, a realidade nacional em 1991 é altamente discutível e espalha a idéia do caos e do fundo do poço e pouco se podendo fazer para mudá-la. Ou pelo menos estrategicamente no momento não se tem muitas saídas para a crise propalada, que se conjectura seja de caráter eminentemente econômico, mas perspassa no conjunto, uma falta de disposição política na definição de rumos. Este estado naturalmente é vivido pela população se deixando mostrar num comportamento de falta de expectativas imediatas e

a longo prazo, caracterizando um estado de desânimo e desesperança generalizados. Em consequência, assistimos um circo com todos se conformando com muito pouco até na exigência da viabilização da cidadania nos aspectos que aqui enfocamos. Esta é uma característica do espaço sertanejo ao longo do tempo histórico. Por isto, por mais das vezes tínhamos a sensação de estarmos tratando do Brasil em sua totalidade.

Temos a certeza que o tratamento que demos a questão a qual nos propusemos estudar poderia muito bem ser trabalhada de outras formas, dando resultados também diferentes e perspectivas de enfrentamentos também acôrdados com o que por ventura estas análises propusessem. Esta é a consciência que nos move visto que fizemos a leitura que nos propusemos, considerando principalmente a abertura e margens para outros tratamentos, outras abordagens. E mais que tudo estamos convictos que a realidade aqui esboçada é uma passagem num processo, portanto, dada a ser transformada e torcemos que caminhemos em vista de rumos melhores.

IX - BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, Manuel Correia de. (1986) A Terra e o Homem no Nordeste - Contribuição ao estudo da questão agrária do Nordeste - Atlas. São Paulo - SP
- _____, (1985) A Seca: Realidade e Mito. Ed. Asa. Recife - PE
- _____, (1988) Nordeste: Alternativas da Agricultura. Papirus, Campinas - SP
- ALMEIDA, José Américo. (1937) A Paraíba e seus problemas. 2^a edição. Ed. Globo. Porto Alegre - RS
- ARRAES, Miguel. (1985) A Democracia e a Questão Nordestina. Coleção Nordeste em evidência. Ed. Asa. Recife - PE
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1982) Lutar com a Palavra. Grall. Rio de Janeiro - RJ
- BORDIEU, Pierre. (1974) A economia das trocas simbólicas. Perspectiva. São Paulo - SP
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. (1984) A Política dos Outros: Cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. Brasiliense. São Paulo - SP
- CALLADO, Antônio. (1960) Os industriais da seca e os "Galileus" de Pernambuco. Civilização Brasileira. Rio Janeiro - RJ
- CARDOSO, Ruth (Org.) (1986) A Aventura Antropológica. 2^a edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro - RJ
- CASSIRER, Ernst. (s/) Antropologia Filosófica. Editora Mestre Ju. São Paulo - SP

- _____. (1972) Linguagem e Mito. Perspectiva. São Paulo-SP
- CARONTINI, Enrico & D. Peraya. (1979) O Projeto Semiótico - Elementos de Semiótica Geral - . Cultrix/EDUSP. São Paulo - SP
- CASTRO, Josué de. (1969) Geografia da Fome. 11ª edição. Brasiliense, SP
- CHAUI, Marilena. (s/d) "A Não-Violência do brasileiro: um mito interessantíssimo". Almanaque. Brasiliense. nº 11 . São Paulo - SP
- CRAUDALL, Roderic. (1977) Geografia, Geologia, Suprimento d'água - Transportes e Açudagem. ESAM. Mossoró - RN
- DE CARLI, Gilene. (1984) Séculos de Seca. Recife - PE
- DENSIN, Norman K. (1984) "Interpetrando as vidas das pessoas comuns". Revista Dados Vol. 27. nº 1. Rio de Janeiro - RJ
- DEBERT, Guita Grin. (1979) Ideologia e Populismo. T.A. Queiroz. São Paulo - SP
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. Entrevista, in: A União, edição especial. 22/08/1987, João Pessoa - PB
- DUARTE, Sebastião Moreira. (1988) A História de Chico Rolim contada a Sebastião Moreira. Do Miolo do Sertão. Grafset. João Pessoa - PB
- DUQUE, José Guimarães. (1980) Solo e água no Polígono das Secas. Coleção Mossoroense. Volume CXLII, 5ª edição. Mossoró - RN
- DURHAM, Eunice R. (s/d) A Reconstituição da realidade. Ática. São Paulo - SP
- _____. (1984) "Cultura e Ideologia". Revista Dados, Vol. 27, nº 1. Rio de Janeiro - RJ

- EISEMBERG, Peter L. (1977) Modernização sem Mudança. Paz e Terra. Rio de Janeiro - RJ
- EQUIPE PIMES. (1984) Desigualdades Regionais no Desenvolvimento Brasileiro. Vol. 3. Recife - PE
- EVANS-PRITCHARD, E. E. (1978) Os Nuer. Ed. Perspectiva. São Paulo - SP
- FERNANDES, Florestan. (1959) "A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações". Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada. Livraria Pioneira. São Paulo - SP
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. (1982) Secas e Estruturas de Poder na República Velha. Seminário Paraíba/Nordeste. Texto Mimeog. João Pessoa - PB
- FOUCAULT, Michel. (1981) As Palavras e as Coisas. Martins Fontes. São Paulo - SP
- FREMONT, Michel. (1980) A Região, Espaço Vivido. Livraria Almeida. Coimbra - Portugal
- FREYRE, Gilberto. (1943) Casa Grande & Senzala. José Olímpio. Rio de Janeiro - RJ
- _____, (1951) Nordeste. 2ª edição. José Olímpio. Rio de Janeiro - RJ
- GALVÃO, Rubismar Marques. (1985) Algodão/Ferrovia e a Urbanização de Cajazeiras. in: A União - edição especial, 22/08/85. João Pessoa - PB
- _____, Cajazeiras não nasceu nem se consolidou por obra de um colégio. A União - edição especial 22/08/1984
João Pessoa - PB
- GEERTZ, Clifford. (1978) A interpetração das culturas. Zahar

Rio de Janeiro - RJ

GOFFMAN, Ervin. (1988) Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Guanabara. Rio de Janeiro - RJ

GOMES, Pimentel. (1984) A Lavoura Seca. Coleção Mossoroense. Mossoró - RN

GRAMSCI, Antônio. (1978) Concepção Dialética da História. 3ª edição. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro - RJ

_____, (1968) Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro - RJ

_____, (1987) A Questão Meridional. Paz e Terra. Rio de Janeiro - RJ

GUERRA, Paulo de Brito. (1981) A Civilização da Seca. DNOCS Fortaleza - CE

GUSDORF, Georges. (1980) Mito e Metafísica - Introdução à Filosofia. Convívio. São Paulo - SP

HELLER, Ágnes. (1986) Teoria de las Necessidades en Marx. 2ª edição. Ediciones Península. Barcelona - Espanha

_____, (1989) O Cotidiano e a História. 3ª edição. Paz e Terra. São Paulo - SP

HOGGART, Richard. (1973) As Utilizações da Cultura. Presença. Lisboa - Portugal

JATOBA, Jorge. (1975) Política de Emprego para o Nordeste. Massangana. Recife - PE

JOFFILY, Irineo. (1938) Notas sobre a Paraíba. Ed. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro - RJ

JORNAIS: A União, Correio da Paraíba e o Norte

JUNIOR, Manoel Ferreira de Andrade. (1945) Monografia do Mu-

- nicípio de Cajazeiras. Gráfica Comercial. Fortaleza-CE
- JUNIOR, José Ribeiro. (1975) Colônização e Monopólio no Nordeste Brasileiro. Hucitec. São Paulo - SP
- LACOSTE, Yves. (1977) A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a Guerra. Iniciativas. Lisboa - Portugal
- LEFORT, Dlaud. (1979) As formas da história. Brasiliense. São Paulo - SP
- LEFEBVRE, Henri. (1972) La vida cotidiana en el mundo moderno. Alianza Editorial. Madri - Espanha
- _____, (1970) Du Rural à l'urbain. Anthropos. Paris-Espanha
- LEITÃO, Deusdedit. (1991) O Educador dos Sertões - vida e obra do Padre Rolim - Col. Documentos Sertanejos. Ed. Grupo Claudino - Teresina - PI
- LEVI-STRAUSS, Claud. (1970) O Pensamento Selvagem. Nacional. São Paulo - SP
- LYOTARD, Jean-François. (1990) O Pós-Moderno. 3ª edição. José Olímpio. Rio de Janeiro - RJ
- MACHADO, Maximiano Lopes. (1977) História da Província da Paraíba. Volumes I e II. Ed. Universitária - UFPB. João Pessoa - PB
- MARIZ, Celso. (1939) Evolução econômica da Paraíba. A União. João Pessoa - PB
- MARX, Karl. (1989) Manuscritos Económico-Filosóficos. Textos Filosóficos. Edições 70. Lisboa - Portugal
- MELO, José Marques de. (coord.) (1981) Populismo e Comunicação. Cortez. São Paulo - SP
- MENEZES, Djacir. (1970) O Outro Nordeste. 2ª edição. Arte-

- nova. Rio de Janeiro - RJ
- MORAES, Antonio C. Robert. (s/d) A Gênese da Geografia Moderna. Hucitec. São Paulo - SP
- NETTO, José Paulo. (1981) Capitalismo e reificação. Ed. Ciências Humanas. São Paulo - SP
- OLIVEN, Ruben. (1982) Violência e Cultura no Brasil. Vozes. Petropolis - RJ
- ORTIZ, Renato. (1980) A Consciência Fragmentada. Paz e Terra. Rio de Janeiro - RJ
- PINTO, Irineu Ferreira. (1977) Datas e Notas para a História da Paraíba. Volumes I e II. Ed. Universitária - UFPB - João Pessoa - PB
- PIRES, Heliodoro. (1991) Padre Mestre Inácio Rolim - Um trecho da Colonização do Nordeste brasileiro e o Padre Inácio Rolim - Coleção Documentos Sertanejos. Ed. Grupo Claudino. Teresina - PI
- PRADO JUNIOR, Caio. (1976) História Econômica do Brasil. 18^a edição. Brasiliense. São Paulo - SP
- PONTY, Maurice-Merlau. (1989) O Pimado da percepção e suas consequências filosóficas. Papirus. Campinas - SP
- QUAINI, Massimo. (1983) A Construção da Geografia Humana. Paz e Terra. São Paulo - SP
- RICOEUR, Paul. (1988) O Mal - um desafio à Filosofia e à Teologia. Papirus. Campinas - SP
- _____, (1975) El simbolismo del mal, Amorrotur
- _____, (1978) Interpretação e Ideologia. 3^a edição. Francisco Alves S. A. São Paulo - SP
- SANTOS, Milton. (1978) Por uma Geografia Nova. Hucitec. São

- Paulo - SP
- _____. (1992) Pensando o espaço do homem. Hucitec. São Paulo - SP
- _____. (1985) Espaço e Método. Nobel. São Paulo - SP
- _____. (1988) Metamorfoses do espaço habitado. Hucitec. São Paulo - SP
- SARTRE, Jean-Paul. (1972) Questão de Método. 3ª edição. Difel. São Paulo - SP
- SAUER, Carl. Coleção Cientistas Sociais. Ática. São Paulo - SP
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. (1987) Os Meandros dos rios nos Meandros do Poder, Tese de Doutorado, USP, SP
- SENNETT RICHARD. (1989) O declínio do Homem Público - As tiranias da intimidade. 2ª reimpressão. Companhia das Letras. São Paulo - SP
- SHALINS, Marshall. (1979) Cultura e Razão Prática. Zahar. Rio de Janeiro - RJ
- SILVA, A. Correia. (1978) O Espaço fora do lugar. Hucitec. São Paulo - SP
- _____. (1988) A aparência, o ser e a forma. São Paulo-SP
- SIMONSEN, Roberto C. (1969) História Econômica do Brasil. Companhia Editora Nacional. 6ª edição. São Paulo-SP
- SORRE, Max. (1985) Coleção Cientistas Sociais. nº 46. Ática. São Paulo - SP
- SOUZA, Antonio José de. (1981) Cajazeiras nas crônicas de um mestre-escola, Editora UFPB. João Pessoa - PB
- SOUZA, Y. Colombo. (1981) O Nordeste e a Tecnologia de Re-

- volução. Horizonte Editora Ltda. Brasília-DF
- SOUZA, Tamar de e FILHO, João Medeiros. (1983) Os Degredados Filhos da Seca. Editora Vozes. Petropolis-RJ
- _____. (1988) A Seca do Nordeste: um falso problema. Vozes. Petropolis - RJ
- VELHO, Gilberto. (1981) Individualismo e Cultura. Zahar. Rio de Janeiro - RJ
- _____. (1973) A Utopia Urbana. Zahar. Rio de Janeiro - RJ
- VOVELLE, Michel. (1987) Ideologia e Mentalidades. Brasiliense. São Paulo - SP
- WOLF, Mauro. (1987) Teorias da Comunicação. Ed. Presença. Lisboa

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

